

Universidade Federal de Juiz de Fora

Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários

Izabella Maddaleno

**UM DIABO NARRADO PELAS TINTAS MACHADIANAS**

Juiz de Fora

2014

Izabella Maddaleno

## **UM DIABO NARRADO PELAS TINTAS MACHADIANAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, área de concentração em Teorias da Literatura e Representações Culturais, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Profª Drª Teresinha Vânia Zimbrão da Silva – Orientadora

Juiz de Fora

2014

Izabella Maddaleno

## **UM DIABO NARRADO PELAS TINTAS MACHADIANAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, Área de Concentração em Teorias da Literatura e Representações Culturais, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

### **BANCA EXAMINADORA**

---

Profª Drª. Teresinha Vânia Zimbrão da Silva (orientadora)

Universidade Federal de Juiz de Fora

---

Prof Dr. Gilvan Procópio Ribeiro

Universidade Federal de Juiz de Fora

---

Prof. Dr. William Valentine Redmond

Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora

Juiz de Fora

2013

## RESUMO

Este trabalho tem a intenção de estudar uma das figuras mais importantes do imaginário Ocidental, o Diabo, tal como este se apresenta pelas tintas do escritor, Joaquim Maria Machado de Assis. Para tanto, nos propomos realizar uma leitura dos seguintes contos de Machado: “Adão e Eva”, “A igreja do Diabo” e o “Sermão do Diabo”, nos quais o Diabo comparece explícito como personagem, e assim, evidenciaremos de que forma ele foi apropriado pela literatura machadiana. Em “Adão e Eva” procuraremos mostrar de que modo Machado de Assis reinterpreta o papel do Diabo na criação da humanidade. No conto “A igreja do Diabo”, tentaremos delinear de que maneira o escritor, a partir da figura do Diabo, critica as instituições religiosas. E por fim, no conto “O sermão do Diabo”, a proposta é mostrar que Machado de Assis, através do personagem Diabo, constrói uma irônica crítica à sociedade do século XIX, que vendeu sua alma ao diabólico capital.

**Palavras-chave:** Machado de Assis; Diabo; apropriação; sociedade do século XIX

## ABSTRACT

This dissertation aims to study one of the most important entities of the Western imagination, the Devil, such as it is presented in the works of the writer Joaquim Maria Machado de Assis. For this purpose, we set to perform a reading of the following stories: “Adão e Eva”, “A igreja do Diabo” and “O sermão do Diabo”, in which the Devil appears explicitly as a character, and thus we shall make clear the way in which it has been appropriated by Machadian literature. In “Adão e Eva” we shall demonstrate how Machado de Assis has reinterpreted the Devil’s role in the creation of humankind. In the story “A igreja do Diabo” we shall delineate how the author, through the Devil as a character, criticizes religious institutions. Finally, in the story “O sermão do Diabo”, our purpose is to demonstrate that Machado de Assis, through the Devil as a character, proposes an ironical criticism of nineteenth century society, which had sold its soul to diabolic capital.

**Keywords:** Machado de Assis; Devil; appropriation; nineteenth century society.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>CAPÍTULO 1</b>	
<b>LITERATURA E RELIGIÃO.....</b>	<b>10</b>
1.1. O diálogo da Literatura com a Bíblia.....	11
1.2. O diálogo dos escritores com a Bíblia.....	12
1.3. O diálogo de Machado com a Bíblia e com os personagens bíblicos.....	13
1.4. A fortuna crítica de Machado de Assis.....	14
1.5. O Diabo, os teólogos e a Literatura.....	15
1.6. Alguns retratos do Diabo na Literatura Ocidental, antes de Machado de Assis.....	16
1.7. A temática do Diabo na obra de Machado de Assis.....	20
1.8. Alguns estudiosos que abordaram a temática do Diabo em Machado de Assis.....	24
<b>CAPÍTULO 2</b>	
<b>O CONTO “ADÃO E EVA”: A CRIAÇÃO DO MUNDO É OBRA DO DIABO.....</b>	<b>29</b>
2.1. O Diabo e suas criaturas: Adão e Eva.....	34
2.2. Os filhos do Diabo e o paraíso.....	35
2.3. O Diabo e a serpente.....	37
2.4. A serpente e o casal .....	38
2.5. Personagens planos e esféricos.....	42
<b>CAPÍTULO 3</b>	
<b>O DIABO E A SUA IGREJA.....</b>	<b>44</b>
3.1. O Diabo em diálogo com Deus.....	46
3.2. O Diabo: instituição de sua nova doutrina e a fundação de sua igreja.....	48
3.3. O insucesso da Igreja do Diabo.....	51
3.4. O Diabo e Deus: entre a barca e o céu.....	53
<b>CAPÍTULO 4</b>	
<b>O EVANGELHO SEGUNDO O DIABO.....</b>	<b>59</b>
4.1. Quanto ao estilo do sermão.....	60

4.2. A semelhança entre os evangelhos.....	61
4.3. O Diabo e o mundo das riquezas.....	67

## **CAPÍTULO 5**

<b>QUEM É O DIABO EM MACHADO DE ASSIS.....</b>	<b>72</b>
--	-----------

5.1. O Diabo é o mesmo? .....	75
-------------------------------	----

<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>75</b>
-----------------------	-----------

<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>80</b>
-------------------------	-----------

## INTRODUÇÃO

Talvez o motivo de o Diabo despertar o nosso interesse resida no fato de definir Deus tão seguramente quanto Deus o define. Graças a Deus pelo Diabo! Esse é um gracejo sério! (LINK, 1998, p. 24)

Este trabalho tem como propósito estudar o Diabo presente na obra de Machado de Assis. Para tanto, nos propomos a analisar os contos “Adão e Eva”, “A Igreja do Diabo” e “O sermão do Diabo”, nos quais o Diabo aparece explícito como personagem. O objetivo é demonstrar como esta figura foi concebida e apropriada pelo escritor.

Salientamos que o Diabo é um ser familiar e popularmente conhecido no imaginário Ocidental. Muitos creem que ele exista realmente e outros refutam essa crença. Sua imagem é plural, sendo retratado de diversas formas, assumindo inúmeras máscaras: ora como a de um ser tenebroso e horripilante, fonte do mal, ora como uma figura patética ou ridícula, e até mesmo como uma criatura atraente e simpática. A aparência física do Diabo também é pintada de maneira diversa, sendo descrito por muitos como tendo a forma de um monstro, de um animal ou de um ser humano, e segundo a tradição cristã, tem moradia certa, habita nas profundezas do inferno, desde que foi expulso do céu.

Historicamente, a imagem do Diabo ganhou imensa notoriedade nas representações e práticas da sociedade principalmente a partir da Idade Média, embora essa figura já existisse anteriormente, bem como discorreu o estudioso Robert Muchembled, em seu livro, *Uma história do Diabo*:

Satã surge com toda força em um movimento tardio da cultura ocidental. Elementos heterogêneos da imagem demoníaca existiam há muito, mas somente por volta do século XII, ou do século XIII, que eles vêm assumir um lugar decisivo nas representações e nas práticas, antes de desenvolver um imaginário terrível e obsessivo no final da Idade Média (MUCHEMBLED, 2004, p. 18).

A Literatura teve um papel importante de desnudar ou delinear a figura do Diabo. Muitos autores tiveram enorme interesse em escrever sobre ele, tornando-o um tema produtivo para o cenário literário.

Cabe mencionar que o escritor brasileiro Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908) dialogou com a Religião, utilizando-se de suas temáticas, mitos e simbologias, e a Bíblia, com sua multiplicidade de histórias e personagens, foi um livro que decisivamente serviu de inspiração para Machado.

É fato que o Diabo foi apropriado por Machado de Assis. O autor também se deixou seduzir por esse personagem. Na vasta obra literária machadiana, o Diabo tomou forma e ganhou espaço não só no gênero conto, mas também foi mencionado em boa parte dos romances, além de ser lembrado em pelo menos um poema. Assim, constatamos que o personagem transitou pelas páginas literárias machadianas, e com a realização desse estudo pretendemos demonstrar que o Diabo é um personagem importante na obra de Machado de Assis.

Esse trabalho, divide-se em cinco capítulos; no primeiro capítulo, pretendemos tecer um pequeno panorama sobre o diálogo entre Literatura e Religião, já que a nossa pesquisa contempla esta área. Buscaremos apresentar, através de um recorte temporal, que a Literatura desde há muito tempo se relaciona com a Religião, ancorando, sobretudo das considerações de Arnold Hauser e de Antônio Carlos de Melo Magalhães.

Além disso, buscaremos apresentar o diálogo da Literatura com a Bíblia: citaremos alguns dos escritores que se servem dos temas bíblicos a fim de escreverem suas obras. Depois, demonstraremos que Machado de Assis também efetuou um intenso diálogo com as Escrituras e com os personagens bíblicos, com o intuito de compor seus textos.

A fortuna crítica de Machado, inclusive, faz parte do primeiro capítulo desse estudo. Assinalamos alguns dos principais trabalhos que já foram feitos a respeito de sua obra, destacando os seguintes autores: Eugênio Gomes, Raymundo Faoro, Roberto Schwarz, John Gledson, Alfredo Bosi, e Sônia Brayner. Apresentaremos ainda, os estudos que já foram produzidos sobre a temática do Diabo em Machado de Assis pelos pesquisadores Valentim Facioli e Salma Ferraz.

Do mesmo modo, citaremos alguns autores da Literatura Ocidental que precedem Machado ao escreverem sobre o Diabo em suas obras, e a seguir apresentaremos alguns momentos da produção machadiana em que essa figura foi mencionada.

No segundo capítulo, partiremos para a análise do conto “Adão e Eva”, no qual o Diabo figura como personagem e procuraremos explicitar de que modo o autor do conto reinterpreta o papel do Diabo na criação da humanidade. A partir da comparação entre o conto e o livro *Gênesis*, demonstraremos o quanto o texto bíblico nos é lacunoso e obscuro, diferente do texto machadiano que é claro na sua reinterpretação das narrativas. O objetivo é demonstrar, ao relacionar os personagens bíblicos com os do conto, o quanto os primeiros são descritos com complexidade psicológica, algo que não ocorre com os segundos que são bem simples.

No terceiro capítulo desse trabalho, estudaremos o conto “A Igreja do Diabo”, no qual Machado crítica qualquer tipo de instituição religiosa, através da figura do Diabo que, segundo nos narra o conto, resolveu fundar uma igreja baseada em um modelo cristão-católico que já existia. E como veremos, essa igreja foi um fracasso.

Devido à intertextualidade desse conto com o livro de Goethe, *Fausto*, tentaremos aproximar os dois textos, partindo, especialmente da temática da tentação que se faz presente em ambos. Procuraremos ainda, comparar a crítica que Machado faz à instituição religiosa com a crítica de Saramago no episódio da barca do *Evangelho Segundo Jesus Cristo*.

No quarto capítulo, estudaremos o “O sermão do Diabo”, discorreremos sobre a crítica feita à sociedade brasileira do século XIX que vendeu sua alma ao Diabo. Neste conto, Machado sugere que para viver bem no mundo ditado pelas leis do capital, o homem precisa se aliar as leis do Diabo, pois só assim ele alcançará o sucesso, a riqueza e o desfrute dos prazeres mundanos. Evidenciamos ainda a intertextualidade existente entre o conto, o episódio bíblico, o Sermão da Montanha, do livro de *Mateus* e *Fausto*, de *Goethe*.

No quinto capítulo, a partir dos três contos lidos anteriormente, desnudaremos o personagem Diabo de Machado de Assis, demonstrando que a fim de aproximá-lo com o ser humano, o autor o descreve tanto física quanto psicologicamente, e conserva-o no papel de grande adversário e tentador de Deus.

## 1. LITERATURA E RELIGIÃO

[...] o ‘Homero’ lendário é um exemplo quase perfeito do poeta mitológico, de natureza ainda semidivina, um criador de prodígios e um profeta. O mito de Orfeu \_ o primeiro cantor que recebeu de Apolo a sua harpa e a quem as Musas ensinaram a arte de cantar, aquele cuja música impressionava não apenas os homens e os animais, mas até os próprios rochedos, e logrou arrancar Eurídice ao reino da morte \_ constitui a mais nítida materialização de semelhante conceito. (HAUSER, 1982, p. 91)

A poesia produzida pelos primeiros poetas gregos tinha o caráter místico e religioso, e o poeta, denominado de vate, uma “espécie de sacerdote ou vidente” (HAUSER, 1982, p. 91), recebia a inspiração divina para compor os seus poemas. As epopeias de Homero, um dos registros mais antigos que temos da Literatura daquele período, corroboraram por divulgar esta informação. Tal como descrito por Arnold Hauser em *História social da literatura e da arte*: “O retrato tradicional do velho cantor cego de Quios é, em grande parte, composto de reminiscências que remontam uma época em que o poeta era o vate” (HAUSER, 1982, p. 91).

Cabe mencionar que Arnold Hauser explicita ainda que desde o início a poesia criada pelos poetas gregos sempre esteve interligada ao valor religioso. Segundo o autor:

Não há dúvida de que a poesia dos primeiros gregos \_ como a de todos os outros povos num estágio primitivo da sua evolução \_ consistia em fórmulas mágicas, palavras oraculares, rezas e encantamentos [...]. Todas estas formas apesentam entre si algo de comum: podem classificar-se como sendo uma poesia ritual de massas. Nunca ocorreu aos autores de encantamentos e versos oraculares [...] criar qualquer coisa de individual, a sua poesia era, essencialmente, anônima e destinada a toda comunidade, exprimia ideias e sentimentos comuns a todos. (HAUSER, 1982, p. 92)

Entretanto, à medida que a sociedade grega passou a se desenvolver, uma nova classe, a dos guerreiros, surgiu e começou a modificar o pensamento e vida dessa comunidade. Desse modo, a Literatura e a Religião, que caminhavam juntas, se separaram. E então, a poesia que antes tinha o caráter ritual foi substituída por uma nova poesia secular e individualista. A respeito disso assinala Hauser:

[...] a poesia da idade heroica deixa de ser uma poesia popular, dirigida às massas; em vez de hinos ou canções para grupos, deparam-se-nos agora cânticos individuais sobre o destino dos indivíduos. A poesia não tem a função de incitar os homens ao combate, mas a de divertir os heróis, depois de travada a batalha, tecer-lhes elogio,

invocar-lhes o nome, divulgar e perpetuar a sua fama [...] Com o desaparecimento da sua função ritual, a poesia perde o caráter lírico para se tornar épica, e assim surge a mais antiga poesia europeia conhecida, uma poesia secular e independente da religião. (HAUSER, 1982, p. 94-95)

Vale considerar que a separação entre Literatura e Religião não foi definitiva, pois, notemos que muitos autores da Literatura Ocidental se interessaram pelo universo religioso, utilizando, muitas vezes, a Bíblia como fonte de inspiração para comporem suas obras.

O pesquisador Antonio Carlos de Melo Magalhães em seu artigo, *O sagrado na poesia e na religião*, nos informa que no Brasil os estudos da relação entre Literatura e Religião está dividido em cinco eixos. Sobre este aspecto assinala Magalhães:

No âmbito dos estudos da relação literatura e religião constato cinco eixos da investigação atualmente no Brasil: a) aspecto religioso de obras literárias, ainda que estas obras sejam escritas por ateus, como são os casos de textos de João Cabral de Melo Neto, Saramago; b) presença da religião na matriz da literatura lida a partir de teorias da interdiscursividade, intertextualidade e do palimpsesto; c) trabalho de autores sobre a religião no âmbito da crítica literária, como exemplo cito os nomes de Octavio Paz e Jorge Luis Borges; d) Estudos da Bíblia como obra literária e não simplesmente como fonte da literatura, aqui exemplificados pelos trabalhos de Alter, Schmidt, Frye, Kernmode, Miles e Bloom; e) papel da literatura como intérprete da religião, não se restringindo ao trabalho de reescritura ou a literatura como a expansão dos mitos religiosos. (MAGALHÃES, 2011, p. 35)

Cabe salientar que a nossa pesquisa se aproxima da primeira e segunda definições, uma vez que estudamos um dos personagens que faz parte do imaginário religioso, o Diabo, e a sua apropriação por Machado de Assis.

### 1.1. O Diálogo da Literatura com a Bíblia

[...] vemos as diferentes formas que os textos vão assumindo na tarefa que a literatura se colocou de interpretar e narrar em linguagem própria narrativas bíblicas que povoam os ideais ocidentais. (MAGALHÃES, 2000, p. 103)

A Bíblia, em sua essência, narra a mitologia das sociedades judaicas e cristãs. Está dividida em *Antigo Testamento*, representando a compilação de livros do judaísmo, e *Novo Testamento*, no qual se encontram os livros do cristianismo primitivo. Embora, a Bíblia corresponda a um livro, na verdade, pela sua imensa pluralidade “parece mais uma pequena biblioteca do que um livro de fato” (FRYE, 2004, p. 11). E, dentre tantas obras importantes da Literatura, ela destaca-se como um dos grandes best-sellers mais lidos do Ocidente.

É fato que o cristianismo influenciou todo pensamento e a história da cultura do

Ocidente, por meio dos grandes mitos contidos na Bíblia, já que, inegavelmente, esses mitos passaram a constituir-se como grandes temas presentes na Literatura Ocidental, tal como apontou a crítica literária Salma Ferraz: “A Bíblia está entre os grandes best-sellers de todos os tempos e é uma obra clássica da literatura mundial, imprescindível para o conhecimento do cristianismo, de toda Literatura Ocidental e da cultura do Ocidente” (tradução nossa) (FERRAZ, 2005, p. 2).

A crítica literária Maria Teresa Carvalho em *Literatura e Religião* discorreu que atualmente, embora vivamos em uma sociedade cada vez mais secularizada, a Bíblia continua exercendo sua influência como um “instrumento de poder eficiente e um fator de agregação poderoso” (CARVALHO, 2004, p. 11). Ela também afirmou que para muitas pessoas, a Escritura ainda simboliza a Palavra de Deus, contendo verdades históricas:

Palavra de Deus talvez seja a expressão que melhor dá ideia do poder que o crente atribui à Escritura. Para ele, os mitos bíblicos são “verdade” não só no sentido de serem fatos realmente acontecidos. A Bíblia contém a verdade suprema. Seus mitos são a chave para o entendimento do universo, está nele o sentido da existência humana. Eles são fatos materiais, históricos. (CARVALHO, 2004, p. 11)

A Bíblia exerceu forte influência nos autores Ocidentais e passou a ser estudada como Literatura. O crítico Northrop Frye em *O Código dos códigos* ressaltou que as Sagradas Escrituras contêm características de obra literária, e que estudá-la segundo esta ótica é legítimo: “A abordagem de um ponto de vista literário não é *per se* ilegítimo: nenhum livro poderia ter uma influência literária tão pertinaz sem possuir, ele próprio, característica de obra literária” (FRYE, 2004, p. 14). De acordo com a concepção de Harold Bloom (1995) e Jacks Miles (2005), a Bíblia seria uma produção literária que estaria livre dos dogmas eclesiásticos e teológicos que foram impostos aos seus textos.

## 1.2. O diálogo dos escritores com a Bíblia

Não faltam exemplos de como as parábolas, imagens, motivos da Bíblia são usados nos grandes e pequenos escritos da literatura ocidental. Em todos eles, há uma tentativa de recontar a história a partir de novas vivências ou questioná-las a partir de novos valores. De qualquer forma, porém, a Bíblia fornece instrumentos e base para muitas criações literárias. (MAGALHÃES, 2000, p. 101)

Muitos escritores ao realizarem o diálogo com a Bíblia procuram reescrever os episódios bíblicos a fim de dar uma nova visão aos fatos narrados. É claro que o autor que tenta dialogar

com o texto bíblico necessita conhecê-lo bastante. É interessante pontuar que a Bíblia não é utilizada por esses apenas como um recurso ornamental, mas sim para apontar questões preponderantes, bem como enfatizou Maria Teresa de Carvalho a respeito dos autores de Literatura cristã: “nenhum deles recorreu a passagens bíblicas para colocar questões que considerava de segunda ordem” (CARVALHO, 2004, p. 12).

Um dos personagens bíblicos que tem chamado maior atenção dos escritores é Deus. O crítico Antônio Magalhães em *Deus no espelho das palavras* enfatiza que Deus é marcadamente um personagem literário, pois, sendo parte integrante do imaginário ocidental, faz com que muitos escritores modernos revisitem as Escrituras, e então, Deus se torna parte das produções literárias dos mesmos:

Há uma grandeza de sua existência literária que ocupa o imaginário ocidental, impele os escritores modernos a constantemente revisarem-no [...] Esse envolvimento com o protagonista Deus como produção literária deve-se não ao fato de que ele seja imutável, mas justamente pelo fato de ele transformar-se por meio das diversas experiências que as suas relações com os outros protagonistas sugerem. (MAGALHÃES, 2000, p. 40-41)

Assim, muitos autores fascinados pela temática bíblica, utilizaram-se dela para comporem suas obras.

### 1.3. O diálogo de Machado com a Bíblia e com os personagens bíblicos

O doutor foi à estante e tirou uma Bíblia, encadernada em couro, com grandes fechos de metal. Abriu a Epístola de S. Paulo aos *Gálatas*, e leu a passagem do capítulo II, versículo 11, em que o apóstolo conta que, indo a Antioquia, onde estava S. Pedro, “resistiu-lhe na cara” [...] Briga, Pedro e Paulo, irmãos gêmeos, números gêmeos, tudo eram águas de mistério. (ASSIS, 1997, p. 968)

Ao consultarmos a obra de Machado de Assis, perceberemos que esse escritor realizou um intenso diálogo com a Bíblia. Teresinha Zimbrão da Silva em seu artigo, Machado de Assis e a tradição religiosa, ressalta que Machado ao realizar o diálogo com a tradição, cria a sua nova versão através de um processo de atualização de textos. Ela também sublinha que esse autor estaria “consciente de que a influência literária, ao ser contextualizada” (SILVA, 2008, p. 268) seria modificada. Para ilustrar isso, Silva cita uma metáfora elaborada por Machado no ensaio “Antônio José (1997a)” sobre o fazer literário, assim diz o escritor: “ir buscar a especiaria alheia, mas há de ser para temperá-la com o molho de sua fábrica”

(ASSIS, 1997b, p. 727)” (SILVA, 2008, p. 268).

Salma Ferraz no artigo Teopoética los estudios literarios sobre Dios assinala que nos romances *Memórias póstumas de Brás Cubas* e em *Esau e Jacó* o diálogo com a Bíblia está presente. Também enfatiza que o leitor que não tenha o conhecimento acerca do texto bíblico perderá muito na leitura do livro de Machado. E ainda acrescenta que: “Em *Esau e Jacó*, se o leitor conhece a história dos gêmeos Esau e Jacó do *Velho Testamento* e se conhece também o confronto de ideias entre os apóstolos Pedro e Paulo no *Novo Testamento*, terá uma compreensão muito mais ampla do livro” (FERRAZ, 2005, p. 5) (tradução nossa).

Sublinhamos também que o poeta Machado de Assis dialogou com a temática da Bíblia, e ainda se utilizou do universo religioso como referência para sua obra. Dentre as suas inúmeras poesias, destacamos: “O dilúvio”, “Os semeadores”, “Antonio José”, “Os animais iscados da peste”, “Fé”, “A caridade”, “Ite, missa est” e “A cristã nova”. Machado contista também exerceu esse diálogo, e desse modo, citamos alguns contos: “Na arca”, “Academias de Sião”, “Manuscrito de um sacristão”, “Frei Simão”, “Entre Santos”, “Missa do Galo”, “Casa Velha”, “Lágrimas de Xerxes” e “O cônego ou a Metafísica do Estilo”.

#### 1.4. A fortuna crítica de Machado de Assis

Machado de Assis apresenta uma extensa fortuna crítica. Inúmeros, obras, ensaios, artigos, dissertações e teses foram publicados a fim de iluminar a leitura e análise da ampla obra desse escritor múltiplo que foi crítico literário, contista, romancista, cronista e poeta.

Entre os variados estudos citamos o do crítico Eugênio Gomes que em seu livro, *Machado de Assis: Influências inglesas*, trata das possíveis influências de autores ingleses presentes na obra de Machado. Em sua análise, Gomes enumera os seguintes escritores, nos quais Machado teria se inspirado como: Shakespeare, Swift, Fielding, Sterne, Lamb, Trakeray e Dickens. Também destaca uma forte influência francesa em Machado, através do escritor Victor Hugo.

Outro crítico que contribuiu significativamente com o seu estudo para a leitura machadiana foi Raymundo Faoro, em *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio*, no qual baseando-se no universo machadiano, pretendeu desvelar a vida política, econômica e social do Brasil império, discutindo, assim, temas presentes naquela sociedade tais como: a mentalidade de classe e o status social.

Dentre os profícuos estudos de Roberto Schwarz sobre Machado de Assis,

sublinhamos *Ao vencedor as batatas*, no qual Schwarz refletiu a respeito da prática de favores, da sociedade escravista e das ideias do liberalismo, problemáticas correntes nos textos machadianos. Em sua obra, *Machado de Assis: Um mestre na periferia do capitalismo*, o autor buscou analisar a obra machadiana a partir de um viés social e marxista.

John Gledson, pesquisador inglês, foi um dos principais críticos que contribuiu para a ampliação dos estudos machadianos. Em *Ficção e história*, Gledson embasou-se em alguns romances e contos, procurando investigar a escrita de Machado, compreendida entre os períodos de 1885 a 1908. Outro estudo inovador realizado por Gledson diz respeito à análise do romance *Dom Casmurro* intitulado: *Machado de Assis: impostura e realismo*.

Alfredo Bosi também procurou estudar Machado. Entre os seus variados trabalhos citamos: *Brás Cubas em três versões*, *Machado de Assis: o enigma do olhar* e *Machado de Assis*. Esse último é uma antologia de estudos feitos por escritores brasileiros sobre o autor e organizados por Bosi. A crítica Sônia Brayner igualmente escreveu a seu respeito, através do livro *Labirinto do espaço romanesco*, no qual retrata as modificações da ficção brasileira nos períodos de 1880 a 1920.

Também não poderíamos deixar de mencionar a crítica Helen Caldwell, pioneira dos estudos machadianos no exterior, que contribuiu significativamente na ampliação da leitura da obra machadiana. Dentre os seus estudos, destacamos o livro *O Otelo brasileiro de Machado de Assis*, nele Caldwell defendeu a tese de que Capitu não havia cometido adultério, além de ter introduzido a ideia do narrador não confiável na interpretação de *Dom Casmurro*.

Sublinhamos também alguns críticos que estudaram a questão da religiosidade presente na obra de Machado de Assis, tais como: Dom Hugo Bressane em, *O aspecto religioso da obra de Machado de Assis* (1978), Douglas Rodrigues da Conceição em, *Fuga da promessa e nostalgia do divino: a antropologia de Dom Casmurro de Machado de Assis como tema no diálogo teologia e literatura* (2004).

Maria Eli de Queiroz em, *Machado de Assis e a religião: considerações acerca da alma machadiana* (2008), Fernando Machado Brum em *Literatura e religião: estudo das referências religiosas na obra de Machado de Assis* (2009) Teresinha Zimbrão da Silva em *Machado de Assis em diálogo com a religião* (2010) e *Machado de Assis e a tradição religiosa* (2008). Assinala-se ainda que a temática do Diabo não foi de todo explorada na obra machadiana. Ao que sabemos somente Salma Ferraz e Valentim Faccioli estudaram esse tema. O crítico Valentim Faccioli estudou o romance *Dom Casmurro*, tentando defender a tese de que Capitu seria uma bruxa, aliada do Diabo. Já Salma Ferraz procurou destacar alguns

contos, nos quais o personagem comparece, contos esses que analisaremos ao longo desse trabalho.

### 1.5.O Diabo, os teólogos e a Literatura

O Diabo existe? Sua existência é uma questão de fé? Segundo a concepção cristã, as respostas para estas perguntas são afirmativas, como nos esclareceu o jesuíta J.M.Martins Terra a respeito do posicionamento da Igreja: “A existência do Diabo nunca foi negada por nenhum Papa, nenhum Concílio, nem nunca foi posta em dúvida por nenhum heresiarca [...] Logo é um dogma de fé” (TERRA apud FERRAZ, 2009, p. 28). De acordo com os preceitos da Igreja acreditar no Diabo é um dogma de fé, e negá-lo é cometer heresia. Contudo, após o Concílio Vaticano II, muitos teólogos passaram a negar a existência do Diabo, assim como a de Deus, tal como apontou a crítica literária Salma Ferraz:

Essa chamada *heresia* se infiltrou sorrateiramente no clero católico. A dúvida da existência ou não de anjos e demônios, bem como a dúvida sobre a existência de Deus, chegou à alma da *Teologia Católica* por meio da exegese moderna. Observa-se que a *Teologia da morte de Deus* implica também na Teologia da morte do Diabo. Outros teólogos vão em direção oposta, não negam a existência de Deus ou a existência do Diabo, nem a morte de um ou outro, declaram que ambos pertencem à esfera do sagrado e que o ponto de vista do observador é que vai qualificar a natureza do sagrado – se positivo ou negativo, divino ou demoníaco. (FERRAZ, 2009, p. 29)

Como podemos observar, a Igreja em geral, crê na existência do Diabo, apesar de existirem muitos teólogos que defendem o contrário. Mas é fato que nas páginas literárias a sua existência é inegável. São vários os escritores da Literatura Ocidental, que seduzidos por essa figura, não deixaram de tomá-lo como personagem, tais como: Dante, Milton, Eça de Queiroz e Machado de Assis, objeto do nosso estudo.

### 1.6. Alguns retratos do Diabo na Literatura Ocidental, antes de Machado de Assis.

No entanto, aceso em transcendente arbítrio,  
O inimigo tenaz de Deus e do homem,  
Satã, levando-se em ligeiras asas,  
Solitário procura as portas do Orco:  
Ora à destra, ora à sinistra, solta o rumo;  
Com asas planas eis que o Abismo roça,  
Eis que a perder de vista se remonta  
Às inflamadas côncavas alturas. (MILTON, 1960, p. 56)

Ao que se consta, inúmeros escritores da Literatura Ocidental tiveram o interesse em escrever sobre o personagem Diabo, antes de Machado de Assis. É fato que este intrincado personagem conquistou na Literatura variados papéis. Sendo descrito, muitas vezes, como o espírito maligno responsável pelo surgimento dos males no mundo, ou aquele encarregado por conduzir as pessoas que praticaram o mal durante a sua vida terrena para o inferno. Sem contar os numerosos nomes atribuídos a ele por esses autores. Cabe assinalar que “dos muitos nomes que se lhe atribuem, dois são sem dúvida mais internacionais: Diabo (de origem grega e que significa acusador, caluniador) e Satã (de origem hebraica, que equivale a inimigo, adversário)” (COUSTÉ, 1996, p. 12). Assim, destacaremos alguns dos importantes escritores que ajudaram a construir o arcabouço literário do Diabo.

Começemos, então, pelo escritor Dante Alighieri (1265-1321), considerado por muitos o maior poeta de todos os tempos da Literatura italiana. Seu livro *A Divina Comédia* (1321) está dividido basicamente em três partes: inferno, purgatório, e paraíso.

Vale lembrar que o inferno é descrito como um local horrível um abismo doloroso e o reino das trevas cheio de dores e prantos, onde estão presentes o Diabo e os que são condenados a viverem naquele lugar, tais como: os governantes, e a autoridade católica. Segundo o crítico Natalino Sapegno, o inferno dantesco é a parte “mais dramática e rica de humanidade” (tradução nossa) (SAPEGNO, 1990, p. 63).

Desse modo, observamos que neste lugar, encontram-se somente as almas que sofrem, além do mais tudo ali é dor, e, é claro, o Diabo está presente a fim de garantir o sofrimento daquelas almas. Vejamos alguns trechos da obra que comprovam que no inferno dantesco jorra somente aflição e agonia.

Primeiro sublinhamos como o inferno é delineado: “É que estava nas bordas abissais/ desse profundo fosso doloroso/ que acolhe o eco dos infinitos ais/ Tudo aquilo era escuro e nebuloso” (ALIGHIERI, 1998, p. 43). É o Diabo que opera atrozmente a fim de proporcionar muitas dores aos que foram condenados: “Há um diabo que aqui nos atavia/ assim, cruelmente, ao gume de sua espada:/ todos golpeia desta companhia” (ALIGHIERI, 1998, p. 188). Na verdade, vemos a concretização da imensa dor humana, pois os que ali se encontram estão suscetíveis ao padecimento de todo tipo de agonia, amargura e tortura: “E gente ouvimos que geme e vozeira/ no outro valado, e nas fuças arqueja/ e em si malha co’as mãos de atroz maneira./ Suas bordas um bolor nojoso peja/ pelo vapor que no fundo é emanado, e aos olhos e ao nariz ardência enseja” (ALIGHIERI, 1998, p. 130).

John Milton (1608-) no poema *Paraíso Perdido* (1667) abordou, sobretudo, a temática

da tentação, e a queda do primeiro homem, no qual Satanás aparece como principal responsável. O Diabo nos é descrito como invejoso, vingativo e orgulhoso, pois ao saber que Deus tinha encarregado seu filho, Cristo, a responsabilidade de governar os anjos, ele que era arcanjo, não se conteve de inveja e decretou guerra aos céus. Assim lemos: “Ele que um dos principais arcanjos/ Tinha o lugar, se o principal não era,/ Grande em poder, no grau, na estima grande./ Encheu-se de atra inveja aquele dia/ Em que o Filho de Deus, com toda pompa/ Feito, aclamado por seu pai imenso/ Messias foi, universal monarca:/ Em seu orgulho suportar não pôde/ Tal vista, ideia tal, que o desluziam” (MILTON, 1960, p. 158). E por este motivo, Satã promoveu uma batalha contra Deus, mas o Senhor saiu vitorioso e o condenou a viver no profundo inferno: “Deus, coa mão cheia de fulmíneos dardos,/ O arrojou de cabeça ao fundo Abismo/ Mar lúgubre de ruínas insondável,/ A fim de que atormentado ali vivesse/ Com grilhões de diamante e intendo fogo/ O que ousou desafiar em campo o Eterno” (MILTON, 1960, p. 7).

E Satã, a fim de se vingar de tão humilhante derrota, tentou os primeiros pais a comerem do fruto proibido, e conseqüentemente, o maligno fez com que o casal pecasse contra Deus. Vejamos este trecho: “Porém Satã, ardendo em fúrias todo/ Ei-lo ali já, que vem traidor vingar-se/ Da primeira batalha haver perdido/ [...] Ao frágil homem inocente ainda,/ Assenta o seu furor; agora o tenta” (MILTON, 1960, p. 98).

O escritor Nicolau Maquiavel (1469-1527) em *Belfagor, o Arquidiabo*, nos relata uma história em que o Diabo, um ser que mora nas profundezas do inferno, se dirige à terra com a missão de descobrir se o motivo alegado pelos homens, de que suas mulheres são as responsáveis por eles estarem lá, é verídico.

Em *Fausto* de Goethe (1749-1832), a temática da tentação se faz presente, assim como o personagem Diabo que tenta primeiro a Deus, apostando de conseguir a alma de Fausto, servo mais fiel que o Senhor possuía. Desse modo, Mefistófeles, o Diabo já na terra tenta a Fausto e por meio da sedução consegue firmar um pacto e ganhar a alma dele. Cabe ressaltar que Machado de Assis tinha em sua biblioteca um exemplar desse livro, e, assim não deixou de mencioná-lo em sua obra (2011).

O escritor português, Gil Vicente (1465-1537), fala sobre o Diabo em seu livro *Auto da barca do inferno* (1517), que é o responsável por conduzir a barca, dos que foram condenados ao juízo final, rumo ao inferno. Gil Vicente, através de sua obra, realiza uma crítica à sociedade portuguesa. Os tripulantes dessa embarcação são: o fidalgo, o onzeneiro, o frade, o sapateiro, entre outros.

Cabe comentar que a maioria dos personagens são condenados para fazerem parte da condução do Diabo. Enquanto que a barca que caminha rumo ao inferno comparece cheia de pessoas, a da glória está praticamente vazia é só o Parvo que é absolvido. Na verdade, talvez o autor esteja discorrendo que seguir o caminho do bem seja muito difícil ou quase impossível para o homem.

Edgar Allan Poe (1809-1849) também se dedicou a escrever a seu respeito no conto “O Diabo no campanário”, a história se passa em uma cidade calma e tranquila, até a chegada do Diabo que provoca tamanho desassossego.

Charles-Pierre Baudelaire (1821-1867), poeta francês e contemporâneo de Machado também falou acerca do Diabo. Citamos dois poemas em que ele é mencionado: “As litâneas de Satã” e “Oração”. No poema “As litâneas de Satã”, parece que o eu- lírico faz uma oração a esse personagem, dirigindo-se a este de uma maneira elogiosa, constituindo um verdadeiro hino a Satanás. Desse modo, o Diabo é comparado a Deus como um ser mais superior e sábio. Vejamos: “Ó tu, o Anjo mais belo e o mais sábio Senhor/ Deus que a sorte traiu e privou do louvor,/ Tem piedade, Satã, desta longa miséria!/ Tu que és o condenado, ó Príncipe do Exílio/ E que, vencido, sempre emerges com mais brilho,” (BAUDELAIRE, 2007, p. 144). Observemos que o eu-lírico ao utilizar o pronome de tratamento “tu”, demonstra que Satã é um ser bem próximo, íntimo e familiar. Percebemos que esse Diabo é aquele que olha para os excluídos da sociedade, proporcionando benefícios tanto para o leproso quanto para o pária. Assim lemos: “Tu, cujas graças ao leproso e ao pária cedem/ Com a lição do amor o próprio gosto do Éden,” (BAUDELAIRE, 2007, p. 144).

Em “Oração”, o eu-lírico através da súplica, primeiro enaltece a figura do Diabo: “Glória e louvor a ti, Satã, pelas alturas” (BAUDELAIRE, 2007, p. 146). Na verdade, para o eu-poético o Diabo reina em qualquer lugar seja no céu ou até mesmo no inferno: “Do Céu que reinaste, e nas furnas obscuras/ Do Inferno em que vencido és sonho e sonolência!” (BAUDELAIRE, 2007, p. 146) . E depois, ele termina a sua oração, fazendo um pedido para ele sempre permanecer ao lado seu: “Faze que esta alma um dia, à árvore da Ciência,/ Repouse junto a ti, quando em tua cabeça/ Tal qual um templo novo os seus ramos floresça” (BAUDELAIRE, 2007, p. 146).

Padre Antônio Vieira (1608-1697) em seus sermões também se ocupou em falar sobre o Tinhoso, tratando-o, como o inimigo de Deus, de Cristo e da Igreja cristã. Em um de seus sermões, Padre Vieira nos pontua que depois que Cristo ensinou a oração do pai-nosso, o

Diabo, reconhecendo o poder dessa oração, sentiu-se perdido, e ele logo tentou silenciar o homem para que este não pudesse mais rezar. Assim, nos narra Vieira:

No mesmo ponto em que o evangelista S. Lucas acabou de referir a oração que Cristo ensinara sem interpor palavra alguma, continua, dizendo [...] que estava Cristo lançando de um homem endemoninhado um demônio mudo; o qual o demônio se chama mudo, porque tinha emudecido e tolhido a fala ao homem. Pois quando Cristo acaba de ensinar o padre-nosso [...] então se viu o demônio perdido, reconhecendo os poderes da oração [...] Por isso quando Cristo nos acaba de nos ensinar a orar, começa ele a se empenhar em nos emudecer: Cristo nos ensinando a rezar [...], e o demônio tolhendo-nos a fala, para que o não rezemos. (VIEIRA, 1959, p. 352-353)

Antônio Vieira também nos relata a experiência, que um dos santos da igreja, teve quando enfrentou pessoalmente o Diabo em um ritual de exorcismo. Sobre isso, ele pontua: “[...] começou S. Domingos a levantar as questões, e o Demônio, ponto por ponto, a responder a elas. Era tal o ruído que dentro no endemoninhado se ouvia de várias línguas, e confusas, e espantosas vozes, que bem mostravam não ser um só demônio o que ali residia” (VIEIRA, 1959, p. 361).

O poeta brasileiro Álvares de Azevedo (1831-1852) em sua obra *Macário*, narra sobre o Diabo. Lá, Satã apresenta-se pessoalmente para tentar o jovem Macário: “Eu sou o diabo. Boa-noite, Macário” (AZEVEDO, 1994, p. 167).

### 1.7. A temática do Diabo na obra de Machado de Assis

A primeira referência explícita do escritor Machado de Assis a temática do Diabo pode ser constatada no poema intitulado, “O casamento do Diabo”, que foi publicado no ano de 1863, data anterior a sua maturidade. Vejamos o poema na íntegra:

#### **O CASAMENTO DO DIABO**

(1863, *Semana Ilustrada*)

Satã teve um dia a ideia  
De casar. Que original!  
Queria mulher não feia,  
Virgem corpo, alma leal.

Toma um conselho de amigo,  
Não te cases, Belzebu;  
Que a mulher, com ser humana

É mais fina do que tu.

Resolvido no projeto,  
Para vê-lo realizar,  
Quis procurar objeto  
Próprio do seu paladar.

Cortou unhas, cortou rabo,  
Cortou as pontas, e após  
Saiu o nosso diabo  
Como o herói dos heróis.

Toma um conselho de amigo,  
Não te cases, Belzebu;  
Que a mulher, com ser humana  
É mais fina do que tu.

Casar era a sua dita;  
Correu por terra e por mar,  
Encontrou mulher bonita  
E tratou de a requestar.

Toma um conselho de amigo,  
Não te cases, Belzebu;  
Que a mulher, com ser humana  
É mais fina do que tu.

Ele quis, ela queria,  
Puseram mão sobre mão,  
E na melhor harmonia  
Verificou-se a união.

Toma um conselho de amigo,  
Não te cases, Belzebu;  
Que a mulher, com ser humana  
É mais fina do que tu.

Passou-se um ano, e ao diabo,  
Não lhe cresceram por fim,  
Nem as unhas, nem o rabo...  
Mas as pontas, essas sim.

Toma um conselho de amigo,  
Não te cases, Belzebu;  
Que a mulher, com ser humana  
É mais fina do que tu.

Nesse poema, podemos notar que Machado utiliza do recurso da ironia ao desconstruir a figura do Diabo, pois, certamente, o Diabo nos é retratado como um grande enganador, porém, neste caso, o Tinhoso é que foi enganado.

É sabido que Machado de Assis, escritor múltiplo, explorou os diversos gêneros literários e é justamente nesta diversidade que encontramos inúmeras referências ao Diabo, que podem ser vistas não somente em seus contos e nesse poema, mas também em seus romances. Vejamos, então, algumas delas.

Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, observemos que o personagem Brás Cubas, depois de ter beijado Virgília, deixando-a “trêmula de medo, porque era ao portão da chácara” (ASSIS, 1997, p. 567), não conseguiu dormir à noite, e ao escutar o pêndulo do relógio imediatamente pensou no Diabo:

Imaginava então um velho diabo, sentado entre dois sacos, o da vida e o da morte, a tirar as moedas da vida para dá-las à morte, e a contá-las assim:  
 \_ Outra de menos...  
 \_ Outra de menos...  
 \_ Outra de menos...  
 \_ Outra de menos...  
 O mais singular é que se o relógio parava, eu dava-lhe corda, para que ele não deixasse de bater nunca, e eu pudesse contar todos os meus instantes perdidos. (ASSIS, 1997, p. 569)

Vemos que aqui o Diabo é representado como um ser poderoso, pois tem a capacidade de decidir sobre a vida e a morte. Nesta divagação, o personagem optou pela escolha da vida, na qual ele pode desfrutar dos prazeres concedidos por ela, haja vista que ele tinha acabado de “saborear o beijo” (ASSIS, 1997, p. 569) de Virgília.

Nas primeiras páginas do romance *Quincas Borba*, o narrador nos ressalta a ambição dos personagens Rubião e Palha pelos bens materiais, comparando-os aos personagens do Livro de *Fausto*: um ao Diabo, Mefistófeles, e o outro ao doutor-pactário, Fausto. Assim lemos:

Um criado trouxe o café. Rubião pegou na xícara e, enquanto lhe deitava açúcar, ia disfarçadamente mirando a bandeja, que era de prata lavrada. Prata, ouro, eram os metais que amava de coração; não gostava de bronze, mas o amigo Palha disse-lhe que era matéria de preço, e assim se explica este par de figuras que aqui está na sala, um *Mefistófeles* e um *Fausto*. (ASSIS, 1997, p. 643)

Outra referência nesse romance ao Diabo acontece quando Rubião ao conversar com Sofia, mulher na qual estava interessado, utiliza-se do personagem para lhe dizer que estava desejoso não só de possuir a sua alma, mas também a seu corpo. Então, comenta o narrador:

Disséreis que o Diabo andara a enganar a moça com as duas grandes asas de arcanjo que Deus lhe pôs; de repente, meteu-as na algibeira, e desbarretou-se para mostrar as duas pontas malignas, fincadas na testa. E rindo, daquele riso oblíquo dos maus, propunha comprar-lhe não só a alma, mas a alma e o corpo... (ASSIS, 1997, p. 672)

Percebemos que sua figura nos é apresentado como um monstro que possui asas e chifres. Desse modo, Sofia ao contar para o seu marido o que Rubião lhe dissera, afirmou que ele, naquela ocasião, era a personificação do próprio Diabo: “Então o Diabo também é matuto, porque ele pareceu-me nada menos que o Diabo. E pedir-me que a certa hora olhasse para o Cruzeiro, a fim de que as nossas almas se encontrassem?” (ASSIS, 1997, p. 683) Vemos que esse personagem é comparado a Satã, através de sua atitude que no romance é interpretada como diabólica.

Em *Esau e Jacó*, também encontramos um episódio que o menciona; observemos que no capítulo *Transfusão*, o narrador nos relata que a personagem Flora, indecisa entre o amor de Pedro e o de Paulo, quando sonhava, alternava os seus pensamentos na figura dos irmãos gêmeos: “Flora passeava então pelo braço do mesmo garção amado, Paulo se não Pedro, e ambos iam admirar estrelas e montanhas, ou então o mar, que suspirava ou tempestuava, e as flores e as ruínas” (ASSIS, 1997, p. 1049). No entanto, Flora, em uma dessas visões, ficou completamente horrorizada, pois viu que um “único moço se desdobrou nas duas pessoas semelhantes” (ASSIS, 1997, p. 1050). Notemos que pela sobrenaturalidade de sua imaginação Flora logo pensou no tentador, o Diabo: “A diferença deu às duas visões de acordada um tal cunho de fantasmagoria que Flora teve medo e pensou no Diabo” (ASSIS, 1997, p. 1050).

E mais adiante, observamos a recomendação do narrador endereçada a Flora: “Anda, Flora, ajuda-me, citando alguma coisa, verso ou prosa, que exprima a tua situação. Cita Goethe, amiga minha, cita um verso do *Fausto*” (ASSIS, 1997, p. 1050). Assim, Machado de Assis através da referência a *Fausto* parece sugerir que a escolha de Flora seria difícil, lembremos que semelhantemente o personagem Fausto de Goethe teve que se decidir entre Deus e o Diabo.

Em *Dom Casmurro*, Machado de Assis destina um capítulo inteiro para falar a respeito desse ser. No capítulo *A ópera*, o narrador Bento Santiago explica a teoria de um tenor de ópera que dizia que “a vida é uma ópera” (ASSIS, 1997, p. 817). Segundo esse tenor:

Deus é o poeta. A música é de Satanás, jovem maestro de muito futuro, que aprendeu no conservatório do céu. Rival de Miguel, Rafael e Gabriel, não tolerava a precedência que eles tinham na distribuição dos prêmios. Pode ser também que a música em demasia doce e mística daqueles outros condiscípulos fosse aborrecível ao seu gênio essencialmente trágico. Tramou uma rebelião que foi descoberta a tempo, e ele foi expulso do conservatório. Tudo se teria passado sem mais nada, se Deus não houvesse escrito um libreto de ópera, do qual abrisse mão, por entender que tal gênero de recreio era impróprio da sua eternidade. Satanás levou o manuscrito consigo para o inferno. Com o fim de mostrar que valia mais que os outros, \_ e

acaso para reconciliar-se com o céu, compôs a partitura, e logo que acabou foi levá-la ao Padre Eterno.

\_Senhor, não desaprendi as lições recebidas, disse-lhe. Aqui tendes a partitura, escutai-a, emendai-a, fazei-a executar, e se achardes digna das alturas, admiti-me com ela a vossos pés...

\_Não retorquiu o Senhor, não quero ouvir nada.

\_Mas, Senhor...

\_Nada! nada!

Satanás suplicou ainda, sem melhor fortuna, até que Deus, cansado e cheio de misericórdia, consentiu em que a ópera fosse executada, mas fora do céu. Criou um teatro especial, este planeta, e inventou uma companhia inteira, com todas as partes, primárias, comprimárias, coros e bailarinos. (ASSIS, 1997, p. 817-818)

E logo a seguir Casmurro conclui que aceitava essa teoria, afirmando que sua vida sempre esteve aliada ao Diabo. Assim lemos: “Eu, leitor amigo, aceito a teoria do meu velho Marcolini, não só pela verossimilhança, que é muita vez toda verdade, mas porque a minha vida se casa bem à definição. Cantei um *duo* terníssimo, depois um *trio*, depois um *quatuor*...” (ASSIS, 1997, p. 819).

Outro momento que essa figura comparece explicitamente nesse romance, é quando o personagem José Dias, o agregado, em conversa com Bentinho, insinua que os olhos de Capitu eram provenientes de alguma força diabólica. E diz José Dias: “Capitu apesar daqueles olhos que o diabo lhe deu ... Você já reparou nos olhos dela?” (ASSIS, 1997, p. 88)

Em *Memorial de Aires*, Machado faz uma pequena citação de *Fausto*, recordando a aposta entre Deus e o Diabo. Dessa maneira, mais uma vez o personagem é relembado: “Fui à minha pequena estante e tirei o volume de *Fausto*, abri a página do prólogo no céu, e li-lha, resumindo como pude. Rita escutou atento o desafio de Deus e do Diabo, a propósito do velho Fausto, o servo do Senhor, e da perda infalível que faria dele o astuto” (ASSIS, 1997, p. 1099).

#### 1.8. Alguns estudiosos que abordaram a temática do Diabo em Machado de Assis

Ao que se consta, dois pesquisadores já se debruçaram sobre a obra de Machado de Assis a fim de estudar a temática do Diabo, que comparece explícito ou implicitamente em seus romances e em alguns de seus contos. Um dos estudiosos que exploraram o assunto em questão foi o machadiano Valentim Facioli, através de um artigo publicado na revista biblioteca *Entrelivros* (FACIOLI, 2008), comemorando o centenário de morte de Machado. Nesse estudo, o autor enfatiza outra possível interpretação do romance *Dom Casmurro*, no qual o narrador da história, Bentinho, tenta convencer o leitor de que Capitu era uma bruxa, aliada ao Diabo. Facioli destaca alguns pontos importantes a respeito desse argumento. Um

dos primeiros aspectos comentados pelo pesquisador refere-se ao poder de fascinação e sedução proveniente da força do olhar de Capitu, sublinhando que o olhar da personagem remete ao mito arcaico das duas deusas, Ártemis e Gorgó, que possuíam olhares capazes de sedução mortal. Facioli também assinala que na Europa a partir do século XVIII o mito do mau-olhado foi relacionado pelos teólogos ao demonismo e a bruxaria. Nesse sentido, o autor nos esclarece: “O mau-olhado obteve imenso relevo no longo período europeu do estabelecimento dos pressupostos teológicos do demonismo e da bruxaria, especialmente pela Inquisição da Igreja Católica e pelas condenações da Reforma protestante” (FACIOLI, 2008, p. 40).

As supostas práticas supersticiosas realizadas pelas duas famílias, a de Bentinho e a de Capitu, também foram comentadas pelo pesquisador. De acordo com ele:

... a demonologia anterior a que nos referimos, proveniente de pensadores católicos e protestantes, listava um conjunto enorme de “superstições” todas produzidas supostamente pela intervenção do diabo, cuja finalidade era desviar o “verdadeiro crente” das regras e dogmas da Igreja. Em *Dom Casmurro* há uma listagem quase completa dessas superstições, demonstradas como “práticas religiosas” no interior das famílias”. (FACIOLI, 2008, p. 40)

Outro ponto sublinhado pelo autor, diz respeito a dois episódios em que Capitu supostamente comporta-se como uma bruxa. O primeiro refere-se ao sonho que a personagem teve relatado no capítulo XII: “Quando me perguntava se sonhara com ela na véspera, e eu dizia que não, ouvia-lhe contar que sonhara comigo, e eram aventuras extraordinárias, que subíamos ao Corcovado pelo ar, que dançávamos na lua” (ASSIS, 2008, p. 821). Pela sua sobre naturalidade, esse sonho, remete à caracterização das bruxas, tal como Facioli ressalta: “No capítulo XII ela relata a Bentinho um sonho que teve, e o relato remete à caracterização da bruxaria, vinda das ditas superstições e demonologia de séculos antes” (FACIOLI, 2008, p. 41).

O segundo episódio assinalado pelo crítico, foi quando Capitu ofendeu e criticou a mãe de Bentinho por causa de práticas religiosas que também eram dela. Capitu, portanto, profanou o religioso. A ação dela é comparável a de uma bruxa, como destaca Facioli:

A mesma Capitu, quando teve uma explosão de cólera diante da insistência da mãe de Bentinho em metê-lo no seminário, de novo revela-se com a língua afiada pelo demônio, mergulhada na bruxaria, com gestos, o corpo todo e a fala:” [...] “Enfim, tornou a si, mas tinha a cara lívida, e rompeu nestas palavras furiosas: Beata! carola! papa missas! [...] mas os impropérios, como entender que lhe chamasse nomes tão feios, e principalmente para deprimir costumes religiosos que eram seus? (FACIOLI, 2008, p. 41)

Facioli ainda acrescenta sobre o episódio: “Vê-se que a perplexidade de Bentinho/Casmurro retém, sobretudo de insinuar ao leitor que estamos diante de uma menina já dotada de um poder de fascinação e sedução que não é, notoriamente, humano, mas proveniente de alguma força oculta que a faz capaz de tamanho desafio” (FACIOLI, 2008, p. 41).

Por fim, o autor conclui o seu estudo, destacando que a astúcia vista em *Capitu* é semelhante a das bruxas, que têm o Diabo como aliado. E sublinha:

Lendo as histórias da demonologia e bruxaria dos séculos XIII a XVIII, vê-se que os métodos utilizados pelos inquisidores e pelos tribunais civis para detectar as terríveis astúcias do demônio preveem o comportamento das bruxas, aliadas do diabo e ameaçadoras às ortodoxias das igrejas, segundo astúcias, que também são de *Capitu*. (FACIOLI, 2008, p. 41)

Outra pesquisadora que procurou estudar a temática do Diabo foi Salma Ferraz, através do artigo intitulado, *O bruxo do Cosme Velho decretou a morte do Diabo* (FERRAZ, 2009). Nesse artigo, a autora comenta sobre o personagem Diabo em cinco momentos: O Diabo na Bíblia, O Diabo e os teólogos, O Diabo na crista da onda da teoria, O Diabo na Literatura Ocidental e O Diabo em Machado de Assis.

No primeiro momento, *O Diabo na Bíblia*, Salma esclarece que no *Antigo Testamento* o Diabo não aparece propriamente e, sua figura só começa a surgir de fato a partir do cristianismo. Para confirmar essa tese, a autora cita alguns episódios da Bíblia, defendendo que o mal descrito nesses livros não é proveniente do Diabo, mas tão somente de Deus que também é o responsável pelo aparecimento do bem. O primeiro episódio enumerado por ela é o da tentação da serpente responsável por provocar a queda de Adão e Eva. Segundo discorre a escritora:

Com relação ao episódio da serpente, provavelmente foi escrito por influência de mitologias ou lendas de outras culturas no Oriente Médio com os quais os judeus tiveram contato, já que a serpente, nessas culturas, era símbolo de sabedoria, astúcia e poderes maléficos, e foi por isso tardiamente associada ao Diabo. (FERRAZ, 2009, p. 24)

Outro episódio bíblico que Ferraz ilustra é do bode expiatório em *Levítico* 16. De acordo com ela, o Diabo foi associado a esse acontecimento só com o passar dos tempos:

A simbologia do bode expiatório é riquíssima e um tanto controvertida. Teses e mais teses já foram escritas. Umas indicam o bode expiatório como sendo Jesus, porque ele carrega as culpas e é morto no deserto; outros defendem que o bode expiatório é

o Diabo, já que ele é responsável pela culpa dos humanos, pois fez os primeiros pais pecarem, o primeiro Adão falhar. O importante é frisar que, com o tempo, o bode passou a ser também associado ao Diabo. (FERRAZ, 2009, p. 24)

Por último, Salma assinala que somente no livro de Jó é que Satanás aparece pela primeira vez, e que esse personagem foi provocado por Deus para tentar Jó. Ela também faz algumas ponderações interessantes a fim de sustentar sua tese de que o mal aí precede exclusivamente de Deus. Segundo a autora:

Em verdade o confronto não se dá entre Satanás e Jó, mas sim entre Deus e Jó, uma vez que Satanás é apenas um instrumento para realizar a vontade de Deus. Aqui se acentua o caráter destrutivo de Javé. Jó questiona a justiça divina e Deus não responde ao que ele pergunta, considera isso uma ousadia, sente-se embaraçado e o esmaga, mostrando não sua justiça, mas seu poder, com discurso arrasador. (FERRAZ, 2009, p. 25)

Salma nos esclarece que é a partir do *Novo Testamento* que a figura do Diabo começa a ser de fato difundida. Assim, ela exemplifica que em *Mateus IV* ela aparece pela primeira vez, quando tenta Jesus, e enfatiza que são variados os casos de possessão demoníaca, e que a palavra demônio só passou a ser associada ao Diabo, a partir do momento em que Jesus começou a curar os endemoninhados. Ressalta-se que, além disso, a autora se preocupa em explicar a etimologia e a evolução do emprego da palavra Diabo. De acordo com ela:

No Velho Testamento, *Satan* é uma palavra em hebraico, que significa adversário. Em Jó, Satanás é um membro do Conselho de Deus. Até aqui, *Satan* não é o Diabo, só se tornará o Diabo pelos comentários cristãos. O problema ocorre quando o Diabo passa a ser designado pela palavra *dáimon* ou demônio.” [...] “Esse dáimon poderia ser um espírito bom ou perverso; porém na tradução do Novo Testamento para o grego a palavra *dáimom* manteve somente a acepção de espírito do Mal. Aqui está, portanto, a origem do termo endemoninhado: aqueles que estavam possuídos pelo Diabo. (FERRAZ, 2009, p. 26)

Salma Ferraz ainda complementa o assunto, afirmando que o *Novo Testamento* se desenvolveu concomitantemente com a figura do Diabo. Para isso, ela cita alguns evangelistas tais como Lucas, João e Paulo que mencionaram sua existência em seus evangelhos. Segundo a autora:

O evangelista Lucas informa que Satanás entrou em Judas e por isso Judas traiu Jesus [...] O evangelista João aponta como sendo homicida desde o princípio do mundo, *pai da mentira, e príncipe do mundo*. Na sequência, o apóstolo Paulo, em todas as suas cartas, amedronta os cristãos de sua época fomentando a existência do Diabo. (FERRAZ, 2009, p. 27)

Em um segundo momento, O Diabo e os teólogos, Salma discorre de que forma os teólogos falaram acerca da existência do Diabo, citando algumas obras e concílios que

abordaram o assunto. A título de exemplo, a escritora menciona alguns exegetas dentre eles, o jesuíta Peter Kreeft e J. M. Martins, e o Concílio Vaticano II que enfatizaram ao tema da existência do Diabo.

Em um terceiro momento, O Diabo na crista da onda da teoria, a autora enumera alguns teóricos que se ocuparam em escrever sobre o Diabo, tal como Luther Link em *O Diabo – A máscara sem rosto*. Ferraz destaca que esse teórico defendeu a ideia de que o Diabo era o cúmplice de Deus, e não o seu adversário. Alberto Cousté em *Biografia do Diabo*, também falou acerca dessa temática. De acordo com Salma, ele apresentou ideias inovadoras ao assinalar que o Diabo “sempre foi fiel ao homem e seu pavoroso drama de viver” (FERRAZ, 2009, p. 31). Outro teórico exemplificado foi Messadié que, em *História geral do Diabo*, afirmou que no *Novo testamento* Satanás se divorciou de Deus, mas antes, no *Antigo Testamento*, os dois mantinham relações secretas, e só foi a partir do nascimento de Jesus é que Satanás se declarou o inimigo de Deus.

Na quarta parte do artigo, O Diabo na Literatura Ocidental, a autora apresenta alguns autores que se apropriaram do Diabo em suas obras. De acordo com ela: “A literatura se abriu como palco privilegiado e propício para contar a antiodisseia de Lúcifer” (FERRAZ, 2009, p. 33). Uma das obras destacada foi *A Divina Comédia* de Dante Alighieri, onde, segundo a autora: “Dante Alighieri descreve o Inferno com riquezas de detalhes sensoriais e pictóricos. [...] Nesta obra não há um resgate do Diabo, ele está no mais profundo do Inferno com a missão de torturar os que traíram o seu próprio sangue” (FERRAZ, 2009, p. 33).

Salma aponta ainda que a obra de John Milton *Paraíso Perdido* também traz o Diabo como personagem e sobre este ela afirma: “Aqui Satanás é o protagonista que luta contra os arcanjos, engana Uriel e acaba derrotado por Gabriel, Miguel e Rafael” (FERRAZ, 2009, p. 33). Outro autor descrito por Salma foi Goethe que fez com que o pacto com o Diabo ficasse universalmente conhecido, através de *Fausto*. Salma ainda pontua vários autores que trataram do Diabo, dentre eles: Baudelaire, Gil Vicente, Saramago, Álvares de Azevedo, Guimarães Rosa e outros.

Na última seção do artigo, O Diabo em Machado de Assis, Salma enfatiza que Machado não deixou de abordar a temática do Diabo, apresentando alguns contos em que o personagem comparece explicitamente, tais quais: “Adão e Eva”, “A Igreja do Diabo”, e o “Sermão do Diabo”, contos esses que nós enfocaremos com o intuito de desenvolver o nosso estudo. É importante frisar que a autora se ocupou apenas em destacar nesses contos a presença do Diabo, não desenvolvendo uma leitura, que é o que nos propomos nessa

dissertação. Cabe ainda ressaltar que Salma Ferraz enfatiza a importância de mais um conto, “Anjo Rafael” onde o Diabo não aparece como personagem, mas tem anunciada a sua morte.

Segundo a autora:

“O Anjo Rafael” foi publicado em 1869, portanto, exatamente 19 anos antes de *A Gaia Ciência* (1882), obra na qual Nietzsche matou Deus. Ou seja, o Machado menor, cujas publicações ocorreram antes de 1881, ano de publicação de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, fez o que o Machado maior, com obras publicadas depois de 1881, não fez: matou o Diabo, bem antes de Nietzsche matar Deus. Só este parágrafo, só esta ideia valeria por todo o conto. (FERRAZ, 2009, p. 43)

## 2. O CONTO “ADÃO E EVA”: A CRIAÇÃO DO MUNDO É OBRA DO DIABO

O diabo é possivelmente imortal, mas certamente surgiu em dado momento. Ele nada na correnteza do tempo, quiçá a dirige, ele é histórico no sentido estrito do termo. É possível a afirmativa de que o tempo começou com o diabo, que o seu surgir ou a sua queda representam o início do drama do tempo, e que “diabo” e “história” são dois aspectos do mesmo processo. Assim poderíamos afirmar que a nossa tentativa de fugir do diabo é um outro aspecto da nossa tentativa de emergir da temporalidade e ingressar no reino das Mães imutáveis. (FLUSSER, 2006, p. 21)

O conto “Adão e Eva” foi publicado no livro *Várias Histórias* em 1896. Machado de Assis reinterpretou a história da criação, contida no livro do *Gênesis*, recriando-a de modo diferente se comparada com o texto original. De fato, essa nova roupagem atribuída à história da criação pelo autor põe em evidência uma figura tão importante para o imaginário Ocidental quanto Deus: o Diabo, nos levando a repensar o papel do Diabo que foi igualmente decisivo para a história da humanidade. Machado se apropriou do texto bíblico, modificando-o: introduziu a figura do Diabo que não aparece no terceiro capítulo do livro do *Gênesis*.

A história do conto se passa na casa de D. Leonor, senhora de engenho, que promovia uma reunião íntima entre amigos. Ao anunciar aos seus convivas que iria oferecer “certo doce particular” (ASSIS, 1997, p. 525), ela deixou um convidado tentado a saber que doce era. Observemos que é a partir desse acontecimento que a conversa sobre Adão e Eva se desenvolverá. Então, o Sr. Veloso, convidado presente, e “insigne em teologia” (ASSIS, 1997, p. 525), afirmou que a história descrita na Bíblia não era a verdadeira, e que conhecia a original. Desse modo, apresentou a sua versão para todos. Ora, a partir da narração desse personagem, o escritor revisita a tradição a fim de questioná-la. No conto, a história bíblica é narrada às avessas. Segundo o relato machadiano, a criação do mundo aconteceu da seguinte forma:

Foi o Tinhoso que criou o mundo; mas Deus, que lhe leu no pensamento, deixou-lhe as mãos livres, cuidando somente de corrigir ou atenuar a obra [...] tendo o Tinhoso criado as trevas, Deus criou a luz, e assim se fez o primeiro dia. No segundo dia, em que foram criadas as águas, nasceram as tempestades e os furacões; mas as brisas da tarde baixaram do pensamento divino. No terceiro dia foi feita a terra, e brotaram dela os vegetais, mas só os vegetais que matam como a cicuta; Deus, porém, criou as

árvores frutíferas e os vegetais que nutrem e encantam. E tendo o Tinhoso cavado abismos e cavernas na terra, Deus fez o sol, a lua e as estrelas; tal foi a obra do quarto dia. No quinto dia foram criados os animais da terra, da água e do ar. (ASSIS, 1997, p. 525-526)

Assim como podemos notar, nessa nova versão, o mundo não foi criado por Deus, mas sim pelo Diabo. E a Deus coube o papel de coadjuvante desta obra, pois a ele só sobrou à tarefa de corrigir a criação do mal, através do bem.

Como sabemos, no texto bíblico, a capacidade de criar, é atribuída exclusivamente a Deus, que detém todo o poder. De fato, ao modificar o sujeito do processo criador, Machado põe em dúvida o poder de Deus.

Vale pontuar as considerações do pesquisador Fernando Machado Brum em *Literatura e Religião: Estudo das referências religiosas na obra de Machado de Assis a respeito desse conto*. De acordo com ele, as etapas da criação são feitas em total desarmonia com o texto bíblico, mas ao mesmo tempo, essas etapas, em uma determinada ocasião, terminam se harmonizando com a narrativa bíblica. Brum diz que:

Não menos importante são as etapas da criação, todas feitas em interessante desarmonia conciliatória com o texto bíblico. Desarmonia, porque tira de Deus a função criativa que lhe é historicamente colocada, dentro da tradição monoteísta, de ser o único criador que tudo faz através de sua Palavra (que para a tradição cristã é o próprio Cristo); conciliatória, porque, apesar de Deus conceder ao Diabo a possibilidade criativa – diga-se de passagem, ideia muito pouco comum nas tradições politeístas e dualistas – vai pouco a pouco consertando a obra diabólica e, desta forma, criando o que tem de melhor na terra. (BRUM, 2009, p. 139)

Em partes, coadunamos com esse argumento, pois Machado desconstrói o texto bíblico ao atribuir ao Diabo à competência de criar o mundo. Contudo, quando o autor concede a Deus a capacidade de consertar aquilo que o Diabo fez, através do bem, concilia-se com a ideia da Bíblia de que Deus realizou tudo o que é bom. Contudo, defendemos que Machado ao modificar os sujeitos do processo da criação, está dialogando com a narrativa bíblica a fim de criticar o poder atribuído lá a Deus.

Principiemos por observar como o relato bíblico se inicia: “No princípio, criou Deus os céus e a terra. E a terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo” (*Gn*, 1,1). No conto, tal informação não é dita, tendendo o texto a ser bem direto e objetivo.

Em “Adão e Eva”, vemos que o narrador não esclarece a respeito da origem dos personagens: Diabo e Deus. Não sabemos quem são? De onde eles vieram? O que motivou o Diabo a criar o mundo? E de onde provinha o Diabo quando criou as suas obras, e Deus onde estava quando corrigia a criação do Diabo? Logo ao consultarmos as Escrituras percebemos

que Machado adotou o mesmo princípio utilizado na Bíblia, pois, no texto bíblico, não nos é apresentado nada sobre a vida de Deus, não conhecemos a sua procedência, nem ao menos sabemos realmente o que o motivou a criar o mundo. Na verdade, a figura de Deus surge enigmaticamente e “entramos em cena com a obra em andamento” (MILES, 2009, p. 39).

Ressalta-se que essa característica é bem peculiar da narrativa bíblica, já que só são explorados os acontecimentos que interessam para o desenrolar da ação, o resto fica obscuro, sem explicação, cabendo ao leitor interpretar. Nesse sentido, o crítico Erich Auerbach em seu livro, *Mimesis*, nos esclarece a respeito do estilo bíblico:

[...] só é acabado aquilo que nas manifestações interessa à meta da ação; o resto fica na escuridão. Os pontos culminantes e decisivos para a ação são os únicos a serem salientados; o que há entre eles permanece inconsistente; tempo e espaço são indefinidos e precisam de interpretação; os pensamentos e os sentimentos permanecem inexpressos: só são sugeridos pelo silêncio e por discursos fragmentários. O todo, dirigido com máxima e ininterrupta tensão para um destino e, por isso mesmo, muito mais unitário, permanece enigmático e carregado de segundos planos. (AUERBACH, 2007, p. 9)

Em Machado, no primeiro dia, o Diabo criou as trevas, e Deus aperfeiçoou a criação, fazendo a luz. Todavia, vemos que na Bíblia o primeiro dia é assim descrito: “E disse Deus: Haja luz. E houve luz. E viu Deus que era boa a luz; e fez Deus separação entre a luz e as trevas” (*Gn* 1,3-4). Desse modo, como podemos observar o autor, mudou o protagonista da criação, mas preservou o dia e a ordem em que a luz foi criada. De acordo com as Escrituras, as trevas já existiam, antes da formação da terra, porém, no conto, ela foi criada no primeiro dia pelo Diabo.

É importante notar que o texto bíblico narra esse episódio com mais riquezas de detalhes. Nele, temos a explicação de como a terra foi criada: Deus, a partir de sua palavra, dá a ordem, em discurso direto, e a criação começa a existir, logo todo poder e autoridade provém exclusivamente Dele. E ainda, privilegia-se a descrição da ação de Deus de “ver” que a obra criada era boa, assim temos a revelação da aprovação divina e a qualidade da criação enfatizada. No conto, entretanto, o autor não explicita de que forma o Diabo criou o mundo, e nem destaca a qualidade da obra do Diabo e de Deus.

Outra minúcia do relato bíblico refere-se à fórmula: “E assim foi” (*Gn* 1,11), aparecendo sempre depois das coisas serem criadas, significando a confirmação da ordem de Deus, pois tal como ele disse aconteceu. No entanto, quando lemos o conto não encontramos essa justificativa a fim de comprovar que as obras do Diabo e de Deus foram realizadas de acordo com o desejo deles.

Ressalta-se ainda que a narrativa bíblica tenha um caráter diferente do conto, possuindo a pretensão de que a realidade narrada constitua-se como verdadeira. Assim, seu narrador pretende tornar o texto o mais convincente possível, buscando que esse se revele como uma verdade absoluta, objetivo que Machado parece não perseguir.

No terceiro dia, no conto machadiano, verificamos que o Diabo fez a terra, as ervas e os vegetais, mas é evidente, que com o detalhe de imperfeição: os vegetais foram concebidos sem fruto e flor e as ervas deveriam matar, mas Deus aprimorou a criação, através das árvores frutíferas e ervas verde. Em *Gênesis*, Deus criou a terra, o mar, as ervas e as árvores; assim lemos na Bíblia: “E disse Deus: Ajuntem-se as águas debaixo dos céus num lugar; e apareça a porção seca. [...] E chamou Deus à porção seca Terra; e ao ajuntamento das águas Mares. [...] E disse Deus: Produza a terra erva verde, erva que dê semente, árvore que dê fruto segundo a sua espécie” (*Gn 1,9-11*).

Assim, quando comparamos os textos, percebemos que Machado preserva quase todos os elementos que foram feitos pelo Deus da Bíblia, porém não menciona a existência da criação do mar. Além disso, o relato bíblico sugere a diversidade de espécies a partir da fala de Deus, que ordenou a todas as coisas criadas a produção de frutos segundo a sua espécie. Machado não conferiu ao seu Diabo tal capacidade. Seu texto nos oferece uma descrição mais geral do que a original, não primando aprofundar nos detalhes.

Fica evidente também, que Machado não enfoca as falas dos personagens em questão, do Diabo e de Deus, apenas relata o resultado de suas ações, tal recurso confere à narração um caráter mais estático, porém, no texto bíblico, a narração é mais dinâmica à medida que a fala de Deus é destacada.

No quarto dia, o Diabo do conto criou os abismos e cavernas, e Deus corrigiu essas obras, através do sol, da lua e das estrelas. Em *Gênesis* nesse dia Deus criou o sol, a lua e as estrelas:

E disse Deus: Haja luminares na expansão dos céus, para haver separação entre o dia e a noite [...] E fez Deus os dois grandes luminares: o luminar maior para governar o dia e o luminar menor para governar a noite; e fez as estrelas. E Deus os pôs na expansão dos céus para alumiar a terra, e para governar o dia e a noite, e para fazer separação entre a luz e as trevas. (*Gn 1,14. 16-18*)

No texto original bíblico, Deus não apenas criou, mas explicou que o motivo de tais coisas serem criadas foi para poderem governar o dia e a noite, e ainda para fazer a separação entre a luz e as trevas, além de especificar o lugar direcionado para onde elas deveriam permanecer, no céu. De fato, Machado suprimiu estas informações, porém nota-se que no

conto não há necessidade de separar luz e trevas, pois a dinâmica dessa separação já foi bem estabelecida: desde o princípio o mal está separado do bem.

Em “Adão e Eva”, recordemos que no quinto dia foram criados os animais, bem como na história bíblica: “E Deus criou as grandes baleias, e todo réptil de alma vivente que as águas abundantemente produziram conforme as suas espécies, e toda ave de asas conforme a sua espécie” (*Gn*, 1,21).

Contudo, uma observação atenciosa evidencia que o texto machadiano, apenas apontou que tal obra foi realizada, e não vemos a ação do Diabo e nem de Deus, pois não é verdade que o Diabo cria e Deus conserta? Aqui, essa informação não aparece, o autor se apropriou desta parte bíblica sem modificá-la.

Ainda no relato bíblico, depois de criados os animais, Deus manifestou a bênção sobre as suas criaturas e a ordem de que elas poderiam se multiplicar: “E Deus os abençoou, dizendo: Frutificai, e multiplicai-vos, e enchei as águas nos mares; e as aves se multipliquem na terra” (*Gn* 1,22). Entretanto, podemos notar que Machado em nenhum momento trata sobre essa questão, o Diabo e Deus só desempenham a função de criarem, a eles não é dado o poder de amaldiçoarem ou abençoarem as suas próprias criações. Nesta primeira parte, o texto bíblico preocupou-se em enfatizar de forma bem detalhada todo o processo da criação o quão grandioso e poderoso é o personagem Deus.

Machado apresenta essa parte de forma bem sucinta, privilegiando apenas o resultado do processo criativo tanto do Diabo quanto de Deus. O autor parece destacar a figura do Diabo, que no conto é o protagonista da ação, como detentor da capacidade criativa e de um grande poder modificar a realidade.

Vale destacar que a pesquisadora Andreia Amaral em seu artigo, *Travessias nos jardins das delícias: Machado e Eça*, comenta que: “Machado de Assis transforma a criação numa obra ‘a quatro mãos’, entre Deus e o Diabo” (AMARAL, 2004, p.340). Desse modo, tal assertiva corrobora por enfatizar que no texto machadiano, a criação da terra não é um ato exclusivo de um único ser, como descrito na Bíblia, mas que é compartilhado por duas forças antagônicas que se atraem e completam a criação.

## 2.1. O Diabo e suas criaturas: Adão e Eva

Definiremos portanto a Terra como o propósito de máquina celeste. O diabo criou os céus, para criar a Terra. E criou a Terra, para criar a vida. E criou a vida, para criar a humanidade. E criou a humanidade, para

criar o espírito humano, esse espírito que conhece o Bem e o Mal, portanto o campo do pecado. Em outras palavras: a Terra é o palco do pecado. É ela a oficina na qual o diabo forja a sua arma para a conquista da realidade: o espírito humano. Essa obra forjada continua progredindo, e a arma ainda está longe de ser perfeita. (FLUSSER, 2006, p. 45)

No conto de Machado de Assis, vemos que no sexto dia o Diabo foi o responsável por criar os homens: “[...] no sexto dia foi criado o homem e logo depois a mulher; ambos belos, mas sem alma, que o Tinhoso não podia dar, e só com ruins instintos” (ASSIS, 1997, p. 526). E na história original, no sexto dia, Deus criou a espécie humana: “Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança” (*Gn 1,26*).

É interessante sublinhar aqui a obscuridade do relato bíblico, pois parece que Deus não estava só quando criou o homem. Ora, quem estava com ele neste momento? Era o Diabo? Isso o texto sagrado não informa. Contudo, Machado atribui exclusivamente a autoria dessa obra ao Diabo não deixando nenhuma dúvida. É possível observar ainda que no conto, o autor descreve-nos que primeiro o homem foi criado, depois a mulher. Até aqui nenhuma novidade, mas no texto original encontramos a explicação de que a mulher foi criada a partir das costelas do homem (*Gn 2,21-22*).

Como vimos, no relato bíblico, Deus criou o homem a sua imagem e semelhança. No conto, Machado preservou a ideia do texto original, porém fazendo uma pequena modificação: o Diabo fez os homens “sem alma” (ASSIS, 1997, p. 526) e com “ruins instintos” (ASSIS, 1997, p. 526), entretanto, eles não eram horríveis, como seria presumível, mas sim “belos” (ASSIS, 1997, p. 526). De fato, tal interpretação contraria a tradição cristã, que sempre associou a falta de alma e os instintos ruins ao feio ou grotesco.

Em “Adão e Eva” Deus reparou a obra do Diabo, infundindo nos homens alma e bons sentimentos, através do sopro, assim lemos no conto: “Deus infundiu-lhe almas com um sopro, e com outro os sentimentos nobres, puros e grandes” (ASSIS, 1997, p. 526). Na narrativa bíblica, Deus criou o homem a partir do pó da terra, e lhe soprou o fôlego da vida: “E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra e soprou em seus narizes o fôlego da vida” (*Gn 2,7*).

Notemos que em ambos os textos, o “sopro” simboliza a relação de Deus com os homens. Dessa maneira, percebemos nas Escrituras que depois de criado o homem, Deus realizou uma série de ações: abençoou a sua criação, ordenou ao homem que se multiplicasse, e ainda fez o homem participar do processo de seu ato criador, na medida em que pediu que Adão nomeasse todos os animais da terra. Já, no conto, lemos que Machado vai construindo a

sua estória sem enfatizar tais detalhes. Cabe ainda comentar que o escritor não mencionou a respeito do sétimo dia, que de acordo com as Escrituras, foi quando Deus descansou (*Gn 2,2*).

## 2.2. Os filhos do Diabo e o paraíso

Segundo a Bíblia, Deus fez um jardim destinado aos homens (*Gn 2,8*). No conto, se o Diabo é responsável por criar a Terra, Deus criou o paraíso: “Deus [...] fez brotar um jardim de delícias, e para ali os conduziu, investindo-os na posse de tudo” (ASSIS, 1997, p.526). Entretanto, ao confrontarmos os dois textos, percebemos algumas diferenças. Vejamos: em “Adão e Eva”, o narrador nos relata a reação do casal quando Deus os conduziu ao jardim: caíram “aos pés do Senhor” com “lágrimas de gratidão” (ASSIS, 1997, p. 526). Ao consultarmos o texto original, não encontramos nenhuma descrição a respeito da reação dos homens, quando chegaram ao jardim. De fato, diante do “magnífico” presente de Deus aos homens, o paraíso, Machado inclui a gratidão de Adão e Eva, assim, vemos que ao longo do texto machadiano, os pensamentos e sentimentos dos seus personagens são bem expressos, nada fica oculto. O relato bíblico especifica ainda onde o jardim estava localizado, descrevendo-nos um lugar real: “E plantou o Senhor Deus um jardim no Éden, da banda do oriente” (*Gn 2,8*). Todavia, no conto, o autor apenas denominou o jardim de “delícias”, idealizando-o como um lugar de prazeres.

De acordo com as Escrituras, Deus colocou árvores frutíferas no paraíso para que os homens pudessem se alimentar, e também a árvore da ciência do bem e do mal. No entanto, os proibiu de comer dos frutos dessa árvore, porque caso comessem morreriam: “E ordenou o Senhor Deus ao homem, dizendo: De toda árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore da Ciência do bem e do mal, dela não comerás; porque no dia em que delas comeres, certamente morrerás” (*Gn 2,16-17*).

Do mesmo modo, no conto, Deus permitiu ao casal comer dos frutos de todas as árvores, e também os proibiu de comerem do fruto da árvore da vida, assim lemos: “Vivereis aqui, disse-lhe o Senhor, e comereis de todos os frutos, menos o desta árvore, que é a da ciência do Bem e do Mal” (ASSIS, 1997, p. 526). Contudo, notemos que no texto original, Deus esclareceu o motivo de proibir os homens de comerem daquela árvore, em Machado, isso não acontece, Deus apenas faz a proibição.

Cabe ainda comentar que quando consultamos o texto bíblico, ele se apresenta um tanto complexo e obscuro, pois, não encontramos nele o esclarecimento do que levou Deus a

criar a árvore da ciência. Ou, por que Deus resolveu colocar essa árvore em um lugar de destaque no centro do jardim? E ainda, ao analisarmos a proibição de Deus, vemos que os homens não a compreendiam totalmente, pois se eles só experienciavam o bem, como poderiam conhecer o que era o mal e a morte?

Assim, no conto, fica evidente que os homens se comportam com submissão quando escutam a ordem de Deus: “Adão e Eva ouviram submissos” (ASSIS, 1997, p. 526). De fato, o escritor ressalta-nos a posição de subordinação dos homens diante de Deus. Já no texto bíblico, nada disso é manifestado, lá não sabemos qual foi a atitude do casal. A única coisa de concreto que temos são as palavras de Deus, os gestos e as expressões dos personagens não são manifestados, permanecem como um enigma. Ainda em “Adão e Eva”, vemos a caracterização da forma como o casal vivia no paraíso: “embebiavam-se da contemplação” e “dormiam como dous anjos” (ASSIS, 1997, p. 526). Tal explicação não aparece no original. Ora, como já apontado, o texto bíblico se mostra de forma lacunosa e inacabado, enquanto que Machado explicita no seu conto as partes reticentes da narrativa das Escrituras.

### 2.3. O Diabo e a serpente

[...] se o homem deve dominar a terra [...] por que não lhe é permitido o conhecimento do bem e do mal? Não é oferecida ao homem nenhuma razão para que obedeça, a não ser uma que não faz nenhum sentido. (MILES, 2009, p. 43)

No conto, quando o Diabo tomou conhecimento do que Deus tinha feito com sua obra, ficou muito irritado, mas não podendo entrar no paraíso, inesperadamente, encontrou a serpente, e se dirigiu a ela, chamando-a de “serpe”, “fel rasteiro”, “peçonha das peçonhas” (ASSIS, 1997, p. 526), e lhe prometeu “ser a embaixatriz” (ASSIS, 1997, p. 526) de seu reino, caso cumprisse suas ordens. De fato, sublinhamos que Machado explicita a figura do Diabo, mas quando consultamos a tradição cristã, percebemos que o Diabo é identificado à figura da serpente. No *Gênesis*, o Diabo comparece implicitamente, pois em nenhum momento, é feita menção do nome dele neste episódio da Bíblia, bem como comentou o exegeta Stefano Virgulín em *Introdução à Bíblia*:

Sabemos pela revelação posterior que esta serpente indica o diabo [...] que por inveja introduziu a morte no mundo (Sab 2,24) e ao qual Jesus chamou de *homicida desde o princípio* (Jo 8,44), enquanto que o Apocalipse (12,9) identifica-a de forma mais completa: *o grande dragão, a serpente antiga que se chama Diabo e Satanás*. (VIRGULIN, 1975, p. 179)

Convém ressaltar que para a tradição judaica, a serpente não representa um mal em si, constituindo-se mais como uma figura literária, tal como esclareceu Virgulin:

A serpente que aparece de sopetão como tentadora é pelo autor sagrado ligada à criação dos animais de 2,19: ela é uma das *feras* do campo que deviam fazer companhia ao homem e que dele haviam recebido o nome. Dessas feras é a mais astuta: a ideia geralmente difundida da astúcia da serpente provém de sua maneira de se deslocar, tortuosa e insinuante. Uma serpente que fala não é algo natural, e subentende-se que essa serpente é portadora dum demônio, segundo uma ideia também bastante espalhada no Antigo Oriente. Mas parece que o autor sagrado evita de propósito apresentar um ser superior como pertencente a um outro mundo, e insiste no seu caráter de animal criado por Deus, para evitar que os primeiros destinatários da narração fossem tentados a ver um ser divino, um outro deus em competição com Javé. (VIRGULIN,1975, p. 179)

Contudo, como foi assinalado na tradição cristã, a serpente foi relida como a figura do mal, simbolizada pelo Diabo. Cumpre esclarecer que Machado parece seguir essa última interpretação. O Diabo machadiano conferiu à serpente a fala. E, logo, ela aceitou a proposta do maligno de tentar o casal que vivia no paraíso. Percebemos que em *Gênesis*, tais acontecimentos se dão de forma adversa. No original, a serpente é descrita como o animal mais astuto de todos (*Gn* 3,1). Mas o que motivou Deus ter concedido especificamente a um animal essa característica? Como sabemos tal motivo não nos é revelado. Ou ainda, de que forma a serpente adquiriu o dom da fala? Foi Deus que lhe criou assim ou o isso foi obra do Diabo? Também isto não é dito no texto.

Em “Adão e Eva”, o Diabo, conhecendo a proibição de Deus, ensinou como a serpente deveria proceder; o animal deveria oferecer o fruto da árvore da vida para um dos dois, através da sedução de comer a “fruta mais gostosa do mundo” e de “conhecer o próprio segredo da vida” (ASSIS, 1997, p. 527). A serpente, decididamente, resolveu tentar Eva: “Vou; mas não falarei a Adão, falarei a Eva” (ASSIS, 1997, p. 527). Do mesmo modo que foi narrado em *Gênesis*: a serpente tentou Eva, e não Adão. Refere-se a essa passagem o seguinte trecho do conto:

[...] o Tinhoso [...] ouvindo um rumor no chão entre as folhas secas, olhou e viu que era a serpente. Chamou-a alvoraçado: Vem cá, [...] queres tu ser a embaixatriz de teu pai [...] A serpente fez com a cauda um gesto vago, que parecia afirmativo; mas o Tinhoso deu-lhe a fala [...] Foi, penetrou no paraíso, rastejou até a árvore do Bem e do Mal, enroscou-se e esperou. Eva apareceu daí a pouco. (ASSIS, 1997, p. 526-527)

Notemos que o autor ao introduzir a personagem serpente pela primeira vez descreveu pormenorizadamente de que forma ela apareceu na história, como adquiriu a possibilidade de falar, qual o motivo que a fez entrar no paraíso e qual o local onde estava quando encontrou

Eva. Na verdade, encontramos aí a necessidade de exteriorização dos fenômenos, esses são representados de forma acabada, visíveis em todas as suas partes.

#### 2.4. A serpente e o casal

A serpente, seguindo as recomendações do Diabo, enroscou-se na árvore da ciência à espera de Eva. Quando a avistou ficou, “mordida de inveja, ia chamar a peçonha à língua” (ASSIS, 1997, p. 527), mas reprimiu o seu desejo de picar a mulher. Cabe enfatizar mais uma vez no texto de Machado a necessidade de exteriorização dos fenômenos: o autor ilumina o texto bíblico, acrescentando a informação de como o animal se sentia. De fato, quando lemos as Escrituras não nos é revelado o que se passara no coração da serpente quando avistou Eva, tal parte fica na escuridão.

Depois de chamar Eva, a serpente mostrou que estava comendo do fruto daquela árvore. Impetuosamente, Eva a condenou: “Desgraçada, é a árvore do Bem e do Mal!” (ASSIS, 1997, p. 527). Quando comparamos esse texto com a Bíblia, percebemos que tal episódio acontece de forma distinta: pois, a serpente, de maneira astuciosa, primeiro perguntou a mulher: “É assim que Deus disse: Não comereis de toda a árvore do jardim?” (*Gn* 3,1). Eva, então, lhe respondeu que podia comer de todos os frutos, menos o do fruto da árvore que estava no meio do jardim, pois se provasse dele morreria. Ora, como podemos observar, tanto a Eva do conto quanto a da Bíblia não eram ingênuas, pois se recordavam da ordem de Deus, porém, é claro que a Eva machadiana só conhecia a proibição de Deus, e a personagem da Bíblia, além disso, sabia qual seria a consequência de seu ato caso violasse a lei estabelecida.

No texto machadiano, a serpente explicou a Eva que por ter comido o fruto conhecia toda a verdade: “a origem das cousas” e “o enigma da vida” (1997, p. 527). Mas, a mulher negou a proposta: “Não, pérfida!” (ASSIS, 1997, p. 527). Contudo, a serpente insistiu novamente, através de um discurso muito sedutor:

\_Néscia! Para que recusas o resplendor dos tempos? Escuta-me, faze o que te digo, e serás legião, fundarás cidades, e chamar-te-ás Cleópatra, Dido, Semíramis; darás heróis do teu ventre, e serás Cornélia; ouvirás a voz do céu, e serás Débora; cantarás e serás Safo. E um dia, se Deus quiser descer à terra, escolherás as tuas entranhas, e chamar-te-ás Maria de Nazaré. Que mais queres tu? Realeza, poesia, divindade, tudo trocas por uma estulta obediência. Nem será só isso toda a natureza te fará bela e mais bela. (ASSIS, 1997, p. 527)

A partir da fala desse animal, Machado de Assis evidencia algumas mulheres que foram importantes para a história da humanidade. Dessa maneira, temos o resgate da figura feminina, que sempre foi marginalizada tanto pela igreja cristã quanto pela sociedade patriarcal. De fato, o escritor quer salientar que foi por causa da desobediência da primeira mulher, é que nossa história se constituiu tal qual a conhecemos. E também enfatizar que é por causa dessa desobediência que o mundo veio a ter todos esses feitos.

Cabe comentar que a estudiosa Andreia Amaral assinala que, neste episódio, o discurso da serpente do conto é muito mais convincente do que o da serpente bíblica, além de ser dito em um tom profético, pois a serpente machadiana prenuncia os acontecimentos que ocorreriam futuramente a Eva. Desse modo, Amaral afirma sobre os dizeres da serpente:

A sua capacidade de persuasão é ainda maior do que a que é sugerida no Gênesis, dado que o seu discurso é procedido pelo ato de comer o fruto “da árvore do bem e do mal” (p. 278). Por outro lado, a serpente, em discurso profético [...] vai enumerar uma série de *exempla* com o propósito de mostrar a Eva o que o fruto lhe reserva. (AMARAL, 2004, p. 344)

Concordamos com essa afirmação, uma que a serpente machadiana possui uma fala muito rica, dotada de uma série de argumentos atraentes que poderiam levar ao convencimento primeiramente de Eva e depois de Adão.

No entanto, Eva juntamente com Adão reafirmou a resposta de sua recusa. Desse modo, nem a malícia e a sedução da serpente foram suficientes para que o casal desobedecesse à lei de Deus. Segundo o narrador: “Eva escutava impassível; Adão chegou, ouviu-os e confirmou a resposta de Eva; nada valia a perda do paraíso, nem a ciência, nem o poder, nenhuma outra ilusão da terra” (ASSIS, 1997, p. 528).

Já em *Gênesis*, a serpente revelou à mulher que se ela comesse do fruto não morreria, mas seria como Deus, conhecedor do bem e do mal. Eva, então, provou o fruto, e ofereceu a Adão que também o comeu. Entretanto, no conto, vimos que o Diabo não conseguiu resgatar sua obra. E Deus, que havia escutado toda a conversa da serpente, ordenou que um de seus anjos buscasse Adão e Eva para trazê-los a “eterna bem-aventurança” (ASSIS, 1997, p. 528) como forma de recompensa. Assim, o casal foi recebido pelos anjos “ao som de todas as cítaras” (ASSIS, 1997, p. 528), e a terra foi deixada para o Diabo e para a serpente.

Realmente este final da história da criação machadiana é muito desesperançoso, tal como sublinhado pelo pesquisador Fernando Machado Brum. Segundo ele, “as coisas boas que Deus criou não ficaram para nós: não temos acesso ao jardim; não somos filhos daquele Adão e daquela Eva, pois eles subiram aos céus antes de qualquer descendência” (BRUM,

2009, p.139). Sublinhamos que em Machado a história se desenvolve linearmente, e com pouca tensão, ao contrário da história bíblica.

Ainda segundo Brum: “no mundo criado pelo diabo e corrigido por Deus, Adão e Eva não pecaram, foram elevados aos céus e não são os nossos pais [...] e no mundo criado por Deus, o diabo e a serpente conseguem fazer a mulher cair em tentação” (BRUM, 2009, p. 140).

Este questionamento mostra-se bastante pertinente, visto que, no conto, não existe a realidade do pecado. Lá o casal não infringe a lei de Deus. Talvez esta fosse uma estratégia de Machado para nos fazer refletir acerca do texto bíblico, seus personagens, e as grandes temáticas que os envolve, como a da tentação, da noção do erro e do pecado.

Como sabemos, as Escrituras nos narram, que depois do casal provar do fruto, Deus os chamou, mas eles se esconderam, porque descobriram que estavam nus. Dessa forma, Deus soube que Adão e Eva haviam desobedecido a sua ordem (*Gn 3,10-11*). Se formos analisar a atitude de Deus veremos que é contraditória, visto que se Deus é Onisciente, ele já não sabia do que tinha ocorrido? Então, a fim de punir os transgressores o Senhor decretou:

Porquanto fizeste isso, malditas serás mais que toda besta e mais que todos os animais do campo; sobre o teu ventre andarás e pó comerás todos os dias da tua vida. E porei inimizade entre ti e a mulher e entre a tua semente e a semente dela, esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar. E a mulher disse: Multiplicarei grandemente a tua dor [...] com dor terás filho [...] E a Adão disse: [...] maldita é a terra por causa de ti; com dor comerás delas todos os dias de tua vida. (*Gn 3,14-17*)

Como notamos, Deus cruelmente amaldiçoou a serpente, castigou a mulher, multiplicando as dores do parto, e condenou Adão a trabalhar com o suor do próprio rosto. O crítico Jack Miles em *Deus uma biografia* complementou que nesse episódio Deus age tomado pela fúria, e também enfatiza a qualidade literária desse trecho: “Sua condenação à serpente, à mulher e ao homem, nessa ordem é uma explosão de fúria, e pode-se dizer que se constitui também o grande poema da Bíblia” (MILES, 2009, p. 47).

Convém destacar que Miles ainda questiona em seu livro a respeito da inexplicável atitude de Deus para com os homens: “Por que o Senhor Deus, que pacientemente organizou para o homem um cortejo de todos os animais numa tentativa de achar uma companheira para ele, tem de reagir com uma impaciência tão brutal diante da desobediência da mulher e do erro aparentemente inocente do homem?” (MILES, 2009, p. 49).

Na história bíblica, a serpente não mentiu quando disse que os olhos dos homens se abririam, conhecendo o bem e o mal. Diante disso, não sabemos por que motivo não quis

Deus, que os homens participassem da consciência divina. Como vimos, no conto, Deus exaltou o obediente casal. Todavia, no relato bíblico, Adão e Eva sofreram a mais profunda humilhação e ainda foram expulsos do paraíso.

Ora, se Deus é bom, por que não perdoou o casal? Assim, observamos que Deus se mostrou vingativo e punitivo. Jacks Miles também pontuou a respeito dessa inexplicável ambiguidade vista no caráter de Deus, depois que os homens o desobedeceram: “Menos de duas páginas depois, o Senhor Deus parece [...] também muito mais vingativo. Pior sua ira é tão gratuita quanto sua generosidade” (MILES, 2009, p. 50).

Eric Auerbach comentou que até mesmo os personagens bíblicos, portadores da graça divina, não estão livres de serem humilhados por Deus. O crítico ainda ressaltou que os sentimentos de exaltação e humilhação aparecem sempre interligados na narrativa bíblica:

Pois eles são os portadores da vontade divina, e mesmo assim, são falíveis, sujeitos a desgraça e humilhação – e em meio à desgraça e à humilhação manifesta-se, através das suas ações e palavras, a sublimidade de Deus. Dificilmente um deles não sofre, como Adão, a mais profunda humilhação – e dificilmente um deles não é agraciado pela intervenção e inspiração pessoais de Deus. Humilhação e exaltação são muito mais profundas ou elevadas [...] e, fundamentalmente, andam sempre juntas. (AUERBACH, 2007, p. 15)

O desfecho do conto acontece com a constatação do Sr. Veloso de que se a história narrada fosse verdadeira, ele e aquelas pessoas reunidas, não estariam ali saboreando o doce. Assim, o conto termina tal como começa, tendo o doce como destaque. De fato, se formos analisar o doce simboliza a tentação, o pecado e o prazer. Na verdade, o autor, através de seu personagem, chega a uma conclusão: só foi por causa da tentação da serpente e do pecado da mulher, é que aquelas pessoas estavam desfrutando do prazer de comer o doce.

É válido apontar que a pesquisadora Andreia Amaral também voltou sua atenção para comentar acerca da curiosa metáfora do doce produzida por Machado. Segundo ela: “A atmosfera da primeira história é também enigmática na medida em que o enigma das origens do homem encontra paralelo metafórico no do doce”. (AMARAL, 2004, p. 345)

Machado de Assis desconstrói o texto bíblico, primeiramente por fazer com que o Diabo participasse ativamente do processo da criação, e depois ao narrar que o casal, não cedeu à tentação e foi elevado ao céu, sem deixar descendente na terra. Andreia Amaral ainda pontua que Machado “parodia o discurso genesíaco e depois reconverte esta contra-narrativa em hipótese quase improvável, deixando em aberto a questão das origens do mundo e do homem” (AMARAL, 2004, p.346).

Desse modo, observemos que Machado de Assis resgata a figura do Diabo, criticando

a interpretação cristã. O autor quer evidenciar que foi por causa do Diabo que se iniciou a vida na Terra com todos os seus prazeres.

## 2.5. Personagens planos e esféricos

E então, repentinamente, esse mergulho num dia inteiro de descanso. Deus já é, nesse primeiro momento de sua história, uma mistura de força e fraqueza, de determinação e arrependimento. (MILES, 2009, p. 42)

Quando comparamos os personagens do conto com os da Bíblia observamos uma nítida diferença: os primeiros podem ser descritos como planos, e os outros como esféricos. De acordo com a definição do crítico Antonio Candido em *A personagem de ficção*, as personagens planas “são construídas em torno de uma única ideia ou qualidade” (CANDIDO, 1987, p. 62) e com a mudança de circunstância “permanecem inalteradas no espírito” (CANDIDO, 1987, p. 63), já as esféricas estão “organizadas com maior complexidade e, em consequência, capazes de nos surpreender” (CANDIDO, 1987, p. 63). Assim, pretendemos comparar esses personagens que aparecem em ambos os textos a fim de melhor caracterizá-los.

Começamos, então, pelo personagem Deus. Em “Adão e Eva” Deus realizou alguns feitos, quando o mundo foi criado: corrigiu a obra do Diabo através do bem, infundiu alma e bons pensamentos aos seres humanos e ainda criou um esplêndido jardim para onde os levou. Esse personagem se constitui como um ente delimitado, apresentando um contorno bem definido e construído em torno de uma única ideia: a ele só cabe à qualidade de ser bom e fazer o bem. Também se pode notar que no momento de maior tensão, quando a serpente tentou o casal, Deus não se manifestou, seu espírito permaneceu inalterado, apenas observou passivamente, pois “ouvira tudo” (ASSIS, 1997, p. 528) que acontecera. Notemos que no final do conto, a característica bondosa de Deus é reafirmada, quando esse concede aos homens uma recompensa por resistirem à tentação do Diabo. Dessa forma, Deus conserva do começo ao fim uma mesma característica, sem oscilar.

Já na Bíblia, Deus é um personagem bastante complexo. Assim, no começo da criação, Deus se mostrou poderoso e grandioso, quando criou o mundo e suas obras, deu aos homens o benefício de exercerem o domínio sobre todas as coisas da Terra (*Gn* 1,28) e a possibilidade de desfrutarem de um paraíso (*Gn* 2,15), demonstrando tamanha bondade e generosidade. Todavia, depois que o casal desobedeceu a sua ordem, Deus se mostrou outro: vingativo e punitivo, atitude que nos surpreende. De fato, vemos que o caráter de Deus se modificou

através da mudança de experiência estabelecida na sua relação com os outros personagens. Mas ao mesmo tempo em que Deus castigou os seres humanos, lhes concedeu vestimentas (Gn 3,21). Podemos notar que Deus se apresenta como um ser incompreensível e em conflito, oscilando seu caráter entre o bem e o mal. Deus manifesta-se como um ser imprevisível, ao contrário do personagem do conto.

Ora, como podemos observar, o caráter de Deus é marcado por ambiguidades, sendo apresentado para os leitores aos fragmentos, demonstrando-se, dependendo da ocasião, ora bom, mal ou arrependido. Auerbach em *Mimeses* sublinhou a respeito da complexidade psicológica vista em Deus, no relato bíblico: “Evidencia-se que até a personagem individual pode ser apresentada como carregada de segundos planos: Deus sempre o é na Bíblia [...] só “algo” dele aparece em cada caso, ele sempre se estende para as profundidades” (AUERBACH, 2007, p. 9).

Quando analisamos a Eva machadiana, logo percebemos que ela é um personagem simples, sem profundidade. Relembremos que no decorrer da narrativa Eva mostra-se submissa e obediente a um Deus que lhe estabelece ordem sem nenhum esclarecimento. Mesmo quando a serpente lhe oferece inúmeros motivos para provar do fruto proibido. Eva não aceita a proposta e responde de imediato, sem fazer nenhuma reflexão, permanecendo-se sempre fiel a Deus. Já a Eva bíblica, é uma personagem complexa. Recordemos que no episódio da tentação, Eva ao ver que o fruto da árvore da ciência era apetitoso e desejável, comeu do fruto, e também deu para Adão (Gn 3,6). Eva tendo plena consciência do que Deus lhe ordenara, analisa e pondera os argumentos da serpente. Neste momento, o seu interior encontra-se extremamente excitado entre a obediência e a desobediência a Deus.

Ao observarmos Adão, personagem do conto, vemos claramente que ele possui um contorno bem delineado: é obediente, haja vista que ele não trai a ordem de Deus, negando a proposta da serpente: “Adão chegou, ouviu-os e confirmou a resposta de Eva” (ASSIS, 1997, p. 529). Entretanto, o personagem bíblico, Adão, é mais complexo, provocando surpresa quando aceitou provar o fruto oferecido pela sua mulher, desobedecendo ao Senhor, e ainda percebemos que ele é um personagem em conflito, pois de acordo com a situação, seu caráter oscila; quando Deus lhe perguntou, porque comeu o fruto, ele tentou se livrar da culpa, acusando Eva e indiretamente Deus: “[...] A mulher que tu me deste por companheira, ela me deu da árvore, e comi” (Gn 3,12).

Os pensamentos dos seres humanos da Bíblia são mais intrincados e possuem mais camadas. Desse modo, esses personagens não são claramente definidos em sua totalidade, tendo o seu caráter revelado aos fragmentos. Nesse sentido, Auerbach discorre:

Mas os próprios seres humanos dos relatos bíblicos são mais ricos em segundos planos [...] eles têm mais profundidade quanto ao tempo, ao destino e à consciência. Ainda que estejam quase sempre envolvidos num acontecimento que os ocupa por completo, não se entregam a tal acontecimento a ponto de perderem a permanente consciência do que lhes acontecera em outro tempo e em outro lugar; seus pensamentos e sentimentos têm mais camadas e são mais intrincados. (AUERBACH, 2007, p. 9)

Notemos que a serpente do conto se configura como uma personagem plana, na medida em que do começo ao fim da narração, ela permanece obediente ao Diabo, cumprindo a função estabelecida pelo seu Senhor: tentar o casal. De fato, essa personagem é bem simples, pois não detém a capacidade de análise, e, assim se submete a tudo aquilo que o Diabo lhe determina, uma vez que “iria onde ele a mandasse” (ASSIS, 1997, p. 526). Todavia, a serpente bíblica é muito rica em segundos planos, ela não é um ente facilmente delimitável, já que não conhecemos a sua origem, e quando provocou Eva não sabemos se ela mentia ou dizia a verdade, só depois de concluída a ação de tentar a mulher.

Já o Diabo machadiano é um personagem plano, tendo o seu papel fixado e delimitado: criar o mundo e tentar o casal, através do auxílio da serpente. Sua figura não está organizada em torno de uma maior complexidade, e não vemos nenhuma atitude capaz de nos surpreender, visto que quando esse personagem fica sabendo do que Deus fizera com o casal, ele não vai diretamente ao paraíso, mas manda uma representante.

Dessa forma, como constatamos o Deus bíblico é um ser complexo. Ora, se ele criou os seres humanos a sua imagem, logo esses foram originados, a partir da complexidade de seu criador. Em Machado, tal concepção é semelhante, pois o Diabo, criador de todas as coisas da terra, é descrito como um ser simples, e assim se os seres humanos do conto foram criados através da imagem do Diabo, e complementados por um Deus também simples, eles derivam da simplicidade destes.

### 3.O DIABO E A SUA IGREJA

O conto “A Igreja do Diabo” foi publicado no livro *Histórias sem data* em 1884, e começa com o narrador dizendo que a narrativa apresentada foi baseada em um “velho manuscrito beneditino” (ASSIS, 1997, p. 369). Ora, a fim de dar maior autenticidade ao texto, o autor o relaciona a um documento presente na tradição católico-cristã, indicando para os seus leitores que esta estória é oriunda de uma possível fonte confiável.

De acordo com esse manuscrito, o Diabo, ansiava por edificar uma Igreja. A motivação para a realização de tal obra era proveniente de sua insatisfação: ele se sentia “humilhado com o papel avulso que exercia” (ASSIS, 1997, p. 369), e então, acreditava que fundar uma Igreja seria a melhor forma de organização e de combater as outras religiões, conquistando a hegemonia do poder. O Diabo estando convicto de que sua ideia seria boa ressaltou:

\_ Vá, pois, uma igreja, concluiu ele. Escritura contra Escritura, breviário contra breviário. Terei a minha missa, com vinho e pão à farta, as minhas prédicas, bulas, novenas e todo o demais aparelho eclesiástico. O meu credo será o núcleo universal dos espíritos, a minha igreja uma tenda de Abraão. E depois, enquanto as outras religiões se combatem e se dividem, a minha igreja será única. (ASSIS, 1997, p. 369)

Como podemos notar a ideia do Diabo não apresenta nenhuma novidade, pois ele quer construir a sua igreja a partir dos moldes já existentes, seguindo os mesmos padrões e rituais estabelecidos pela igreja católico-cristã, que também está organizada ao redor de novenas, missas e Escritura. Cabe destacar que Diabo compara o seu projeto futuro com a tenda de Abraão.

Ora, vemos que através desta referência a Abraão, Machado dialoga explicitamente com a Bíblia. Tal como narrado em *Gênesis*, esse personagem bíblico edificou um altar para o Senhor: “Abraão construiu um altar a Javé, que lhe havia aparecido” (*Gn 12:17*). E de forma semelhante, no conto, o Diabo anseia construir uma igreja, não para o Senhor, mas sim para congregar um maior número de seguidores para si.

Tomada a sua decisão, ele foi comunicar os seus novos planos a Deus, a fim de afrontá-lo; “lembrou-se de ir ter com Deus para comunicar-lhe a ideia, e desafiá-lo” (ASSIS, 1997, p. 370), e dessa forma, partiu em direção ao céu. Aqui o autor nos delineia um Diabo bem mais próximo do humano, apresentando-o com uma forma corpórea: “o Diabo sacudiu a

cabeça e estendeu os braços” (ASSIS, 1997, p. 369) e detentor de sentimentos: “levantou os olhos, acesos de ódio, ásperos de vingança” (ASSIS, 1997, p. 369-370).

### 3.1.O Diabo em diálogo com Deus

Tentar o próprio Deus! Não podia deixar de escapar aquela ocasião. Sabia que era impossível fazê-lo pecar, mas não pôde resistir à tentação de o tentar. [...] Assim, o Diabo sabia que tentá-lo era um erro, mas caiu na tentação de o tentar. A criatura tentando o próprio Deus! (FORTEA, 2010, p. 35)

No momento que o Diabo chegou ao céu, Deus acolhia um recém-chegado. E então, o Senhor quis logo saber o que o Diabo fazia lá. Esse o respondeu de maneira sarcástica que vinha em nome de todos os seus servos: “Não venho pelo vosso servo Fausto, respondeu o Diabo rindo, mas por todos os Faustos do século e dos séculos” (ASSIS, 1997, p. 370).

Machado faz alusão ao personagem Fausto, presente na obra de Goethe. Sublinhamos que a referência a Fausto e a semelhança do tema, a tentação, nos incentiva a aproximar os dois textos. Para isso, relembremos o episódio do prólogo de Goethe, no qual comparecem os personagens Deus e o Diabo em conversa no céu. Deus indaga ao Diabo se conhecia o seu servo Fausto, “Conheces Fausto?” (GOETHE, 1968, p. 27) e Mefistófeles responde afirmativamente que sim, “Por certo, Ele te serve em rito especial” (GOETHE, 1968, p. 28). Mas, em seguida, Mefistófeles enfatiza que embora Fausto o seguisse, ainda estava muito insatisfeito: “De tudo que há na terra ou céu, em alto rito,/ Nada há que o console ou apascente” (GOETHE, 1968, p. 28).

Deus adverte a seu adversário que mesmo que seu servo estivesse descontente na terra, logo ele concederia uma recompensa divina: “Se me serve indeciso ou se acaso vasqueja,/ Em breve lhe darei a bela Luz Divina” (GOETHE, 1968, p. 28) E então, Mefistófeles decide pedir permissão a Deus para tentar a Fausto: “Se me dás permissão/ De levá-lo comigo e de traçar-lhe a sina” (GOETHE, 1968, p. 28). E o Senhor lhe concede a autorização: “Terás de mim e já toda a autorização” (GOETHE, 1968, p. 28), porém Deus o adverte, dizendo que ele não conseguiria cumprir o seu intento: “Conduze-o, se podes, com a tua diligência / Para, dos teus terrenos ínvios, a vertigem/ Mas ficarás vencido, ao fim de tanta lida” (GOETHE, 1968, p. 29).

No entanto, o Diabo tem total convicção de que ganharia essa aposta: “Vai bem! Cedo terás grandes desilusões [...] O triunfo será meu, disso estou muito certo” (GOETHE, 1968, p. 29). Entretanto, Deus não se altera e concede ao Diabo plena autonomia, avisando-o que não

iria atrapalhá-lo: “Dou-te sem restrições a liberdade extrema” (GOETHE, 1968, p. 29). Ao analisarmos o conto vemos que o Diabo machadiano, a princípio, apresenta um propósito muito mais ambicioso do que o Mefistófeles de Goethe, já que, de fato, ele não quer conquistar apenas um servo, mas sim vários. E estando confiante de seu êxito, e acreditando-se superior, revela seu projeto ao Senhor:

Não tarda muito que o céu fique semelhante a uma casa vazia, por causa do preço que é alto. Vou edificar uma hospedaria barata; em duas palavras, vou fundar uma igreja. Estou cansado da minha desorganização, do meu reinado casual e adventício. É tempo de obter a vitória final e completa. E então vim dizer-vos isto, com lealdade, para que não me acuseis de dissimulação... Boa ideia, não vos parece? (ASSIS, 1997, p. 370)

Deus o responde: “Vieste dizê-la, não legitimá-la” (ASSIS, 1997, p. 370). Observemos que Deus, nesse conto, não faz nenhuma aposta com o Diabo, uma vez que o motivo que levou esse último personagem a falar com Deus, não foi para pedir-lhe nenhuma autorização, mas apenas para “comunicar-lhe a ideia” (ASSIS, 1997, p. 369).

Ora, a resposta de Deus não dá permissão ao Diabo, e não faz nenhum acordo com ele, mas também não o impede de agir. No *Fausto* se dá o contrário, Deus compactua com o Diabo, permitindo-lhe que tente a Fausto.

Goethe preocupou-se em registrar o descontentamento do Doutor Fausto. Entretanto, em Machado, sabemos que a insatisfação, não é proveniente dos seres humanos, mas tão somente do Diabo.

No texto alemão, o Diabo sente-se vitorioso por achar que iria ganhar a aposta feita com Deus, pois de fato conhecia os anseios de Fausto e acreditava que poderia saciar todos os seus desejos. Semelhantemente, o Diabo machadiano, vangloria-se de sua vitória, tendo a absoluta certeza de que Deus sairia derrotado. Também enfatizamos que em ambos os textos, o Diabo comparece com um propósito bem definido: derrotar Deus e tentar os homens.

Retornemos, então, ao conto. Depois de dizer sua ideia, o Diabo anuncia a Deus de que já era hora de lançar sua pedra fundamental: “Senhor desço à terra; vou lançar minha pedra fundamental” (ASSIS, 1997, p. 371). Tal afirmação nos lembra o episódio bíblico no qual o personagem Jesus disse a seu discípulo Pedro, que ele representava a pedra fundamental, sobre a qual edificaria a sua igreja.

E por fim, vemos que o Diabo, insaciado, provoca mais uma vez a Deus, revelando que ainda tinha a intenção de conquistar os servos mais virtuosos que o Senhor possuía:

[...] começada desde alguns séculos, e é que as virtudes, filhas do céu, são em grande número comparáveis a rainhas, cujo manto de veludo rematasse em franjas de algodão. Ora eu proponho-me a puxá-las por essa franja, e trazê-las todas para a minha igreja; atrás dela virão as de seda pura. (ASSIS, 1997, p. 370)

E Deus, estando já impaciente com a conversa do Diabo, logo o expulsa do céu: “Retórico e subtil! Exclamou o Senhor. Vai; vai, funda a tua igreja; chama todas as franjas, convoca todos os homens ... Mas, vai! vai!” (ASSIS, 1997, p. 371).

Destacamos que nesse conto o autor Machado de Assis preserva os valores do bem e do mal, tal qual os concebemos na nossa tradição ocidental, pois o céu é representado positivamente como o lugar onde Deus e os anjos residem, portanto, simboliza as forças do bem. Ainda observamos que o personagem Deus é descrito como um ser bondoso e acolhedor, apresentando “olhos cheios de doçura” (ASSIS, 1997, p. 370). Cabe lembrar que quando o Diabo chegou ao céu, Deus recebia um senhor que havia praticado o bem: doado a sua vida em prol de um casal de noivos.

O Diabo é assinalado como uma figura que representa o mal, aquele que vive nas “províncias do abismo” (ASSIS, 1997, p. 370). Um ser vingativo, o “espírito que nega” (ASSIS, 1997 p. 371) e que quer derrotar Deus. Essas características delineiam o Diabo como um ser maligno, adversário de Deus, seduzido pelo poder.

### 3.2. O Diabo: instituição de sua nova doutrina e a fundação de sua igreja

A vontade tende. Pressiona. Quer explodir. É sedenta. Quer espalhar-se. Está em tensão. Procura sair de si mesma. Quer projetar-se. Procura poder. Quer realizar-se. Exprime-se e expressa-se. Articula-se. A vontade torna-se língua. A vontade tornada língua cria mundo e realidade. (FLUSSER, 2006, p. 160)

Depois de deixar o céu, o Diabo rapidamente se dirigiu a terra e “não perdeu um minuto” (ASSIS, 1997, p. 371), começou a divulgar a sua “doutrina nova e extraordinária” (ASSIS, 1997, p. 371). Desse modo, o maligno apresentava-se a todos tal como realmente era: o Diabo, dotado de estratégias, que visava modificar a sua imagem a qual fora durante tanto tempo deturpada pelas beatas, dizia ele:

\_Sim, sou o Diabo, repetia ele; não o Diabo das noites sulfúreas, dos contos soníferos, terror das crianças, mas o Diabo verdadeiro e único, o próprio gênio da natureza, a que se deu aquele nome para arredá-lo do coração dos homens. Vede-me gentil e airoso. Sou o vosso verdadeiro pai. Vamos lá: tomai daquele nome, inventado para o meu desdouro, fazei dele um troféu e um lábaro, e eu vos darei tudo, tudo, tudo, tudo, tudo, tudo... (ASSIS, 1997 p. 372)

Como podemos notar, o Diabo apresenta um projeto claro; fundar sua instituição, e para que isso aconteça, ele vem decidido em transformar a realidade a fim de conquistar o domínio absoluto do poder. E pondo em prática as suas ideias, demonstra uma nova face de pai legítimo e generoso, disposto a proporcionar tudo aquilo que as pessoas necessitam, e também, malicioso, porta-se de um modo “gentil e airoso” (ASSIS, 1997, p. 372).

Dessa forma, depois que a multidão passou a procurá-lo, o Diabo começou a determinar os seus preceitos. E se ele era conhecido como o “espírito de negação” (ASSIS, 1997, p. 372) a sua primeira ação não podia ser outra, portanto, começou negando as virtudes permitidas, transformando-as em pecados, e aqueles famosos setes pecados capitais seriam os aceitáveis, assim todos os membros de sua igreja deveriam praticá-los. Segundo o Diabo:

A soberba, a luxúria, a preguiça foram reabilitadas, e assim também a avareza, que declarou não ser mais do que a mãe da economia, com a diferença que a mãe era robusta, e a filha uma esgalgada. A ira tinha a melhor defesa na existência de Homero; sem o furor de Aquiles, não haveria a *Iliada*: “Musa, canta a cólera de Aquiles, filho de Peleu”... O mesmo disse da gula, que produziu as melhores páginas de Rabelais, e muitos bons versos do Hissope; virtude tão superior, que ninguém se lembra das batalhas de Luculo, mas das suas ceias; foi a gula que realmente o fez imortal. [...] Quanto à inveja, pregou friamente que era a virtude principal, origem de prosperidades infinitas; virtude preciosa, que chegava a suprir todas as outras, e ao próprio talento. (ASSIS, 1997, p. 372)

O Diabo não se limitou em apenas estipular os seus novos mandamentos, mas, ele buscava fundamentá-los, explicando a importância deles para a constituição de sua nova doutrina. Sublinhamos que Machado também nos descreve um Diabo ilustrado, conhecedor das páginas literárias.

Observemos ainda que o Diabo tem um discurso muito sedutor, pois demonstra para as pessoas que elas teriam somente vantagens com ele: o desfrute dos prazeres mundanos: “[...] prometia aos seus discípulos e fiéis as delícias da terra, todas as glórias, os deleites mais íntimos” (ASSIS, 1997, p. 371).

Nesse sentido, o Diabo não vem com o propósito de causar danos, destruição e nem sofrimentos à vida de seus servos, pelo contrário, este oferece somente a parte boa: os deleites mundanos, e dessa maneira, o narrador da história de forma irônica complementa de que aliar-se ao Diabo seria possivelmente um bom negócio, pois não seria “muito melhor sentir na boca e no ventre os bons manjares, em grande cópia, do que os maus bocados, ou a saliva do jejum?” (ASSIS, 1997, p. 372).

E os mandamentos do Diabo não terminaram por aí, ele também se preocupou em proibir os homens de praticarem todas as formas do bem, porque essas eram nocivas para sua instituição. Vejamos este trecho:

E descia, e subia, examinava tudo, retificava tudo. Está claro que combateu o perdão das injúrias e outras máximas de brandura e cordialidade. Não proibiu fortemente a calúnia gratuita, mas induziu a exercê-la mediante retribuição, ou pecuniária, ou de outra espécie; nos casos, porém, em que ela fosse uma expansão imperiosa da força imaginativa, e nada mais, proibia receber nenhum salário, pois equivalia a fazer pagar a transpiração. Todas as formas de respeito foram condenadas por ele, como elementos possíveis de um certo decoro social e pessoal [...] Para rematar a obra, entendeu o Diabo que lhe cumpria cortar por toda a solidariedade humana. Com efeito, o amor do próximo era um obstáculo grave à nova instituição. Ele mostrou que essa regra era uma simples invenção de parasitas e negociantes insoláveis; não se devia dar ao próximo senão indiferença; em alguns casos, ódio ou desprezo. (ASSIS, 1997, p. 373)

A princípio, o Diabo obteve um enorme sucesso e uma multidão passou a frequentar sua igreja, que se tornou popularmente conhecida. E então, o maligno já se sentia vencedor diante de Deus, pois havia conseguido cumprir o que desejara: fundar uma Igreja e propagar sua doutrina. Sobre isso, assinala o narrador:

A previsão do Diabo verificou-se. Todas as virtudes cuja capa de veludo acabava em franja de algodão, uma vez puxadas pela franja, deitavam a capa às urtigas e vinham alistar-se na igreja nova. Atrás foram chegando as outras, e o tempo abençoou a instituição. A igreja fundara-se; a doutrina propagava-se; não havia uma região do globo que não a conhecesse, uma língua que não a traduzisse, uma raça que não a amasse. O Diabo alçou brados de triunfo. (ASSIS, 1997, p. 373)

Interessante salientar que se o Diabo conseguiu êxito em seu intento, foi porque de um modo profético e messiânico estimulou as pessoas, trazendo uma novidade, de que a elas seria permitido a prática do mal. A pesquisadora Vera Casa Nova em seu artigo, *Do Sermão do Diabo: o avesso da narrativa*, também comenta sobre este aspecto, explicando que a teologia do Diabo, lida às avessas a partir da Bíblia, conseguiu atrair adeptos. Segundo ela:

Enquanto que as virtudes são apontadas no discurso da igreja de Deus como importantes para a salvação das almas, o Diabo as lê ao contrário, através de antinomias, numa teologia que ele constrói com a ideia do corpo dócil – as turbas corriam atrás dele entusiasmadas e messianicamente induzidas pelo pecado ou avesso das palavras e virtudes propaladas. (NOVA, 1992, p. 180)

Concordamos ainda com o argumento de Vera Casa Nova de que estão presentes no conto, duas forças contrárias, dois deslumbrantes discursos de poder, o de Deus e o do Diabo, e, é claro que, cabe somente ao homem a escolha de qual lado deve seguir. Sobre isso discorre Nova:

Deus e o Diabo como forças antagônicas, numa encruzilhada do destino humano, corresponderiam a retóricas particulares, cada um representado pela sua igreja, respectivamente, ora afirmando, ora negando a ação humana, fascinando o humano...Siderações de ouvintes, quando a eloquência torna imóveis escritura contra escritura, breviário contra breviário. (NOVA, 1992, p. 180)

### 3.3. O insucesso da Igreja do Diabo

Se a religião institucional é capaz de desempenhar uma importante função de integração social, isso é devido principalmente ao fato de que, seguindo a lógica de qualquer outro tipo de instituição social, ela encontra a sua consolidação natural quer absolutizando as formas de determinação simbólico-normativas que a legitimam, quer se articulando como estrutura de poder. (CRESPI, 1999, p. 16)

No entanto, algo de inesperado aconteceu com os frequentadores da igreja do Diabo, que o deixou extremamente aterrorizado, pois as pessoas estavam às escondidas, praticando as virtudes proibidas:

Certos glutões recolhiam-se a comer frugalmente três ou quatro vezes por ano, justamente em dias de preceito católico; muitos avaros davam esmolas, à noite, ou nas ruas mal povoadas; vários dilapidadores do erário restituíam-lhe pequenas quantias; os fraudulentos falavam, uma ou outra vez, com o coração nas mãos, mas com o mesmo rosto dissimulado, para fazer crer que estavam embaçando os outros. (ASSIS, 1997, p. 374)

E o narrador da história ainda nos adverte que o Diabo não conseguiu compreender, porque aquelas pessoas estavam agindo daquela maneira, e então, ele se dispôs “a conhecer mais diretamente o mal” (ASSIS, 1997, p. 374). Então, de acordo com o “manuscrito beneditino” (ASSIS, 1997, p. 374), aconteceu um caso que desnordeou completamente o Diabo:

Um dos seus melhores apóstolos era um calabrés, varão de cinquenta anos, insigne falsificador de documentos, que possuía uma bela casa na campanha romana, telas, estátuas, biblioteca, etc. Era a fraude em pessoa; chegava a meter-se na cama para não confessar que estava são. Pois esse homem, não só furtava ao jogo, como ainda dava gratificações aos criados. Tendo angariado a amizade de um cônego, ia todas as semanas confessar-se com ele, numa capela solitária; e, conquanto não lhe desvendasse nenhuma das suas ações secretas, benzia-se duas vezes, ao ajoelhar-se, e ao levantar-se. O Diabo mal pôde crer tamanha aleivosia. Mas não havia duvidar; o caso era verdadeiro. (ASSIS, 1997, p. 374)

E tomado de ódio, o Diabo foi consultar a Deus para saber o motivo de tamanha discrepância. E o Senhor apenas respondeu metaforicamente: “Que queres tu, meu pobre Diabo? As capas de algodão têm agora franjas de seda, como as de veludo tiveram franjas de algodão. Que queres tu? É a eterna contradição humana” (ASSIS, 1997, p. 374).

Deus responde com sabedoria ao que o Diabo lhe indagara, transmitindo, portanto, um ensinamento a respeito da complexidade psicológica do ser humano. Além do mais, o Senhor, realmente, tripudia do Diabo agoniado, ao utilizar de maneira irônica a mesma metáfora, só que de modo contrário que o Tinhoso havia usado, quando comunicou a Deus que iria fundar uma igreja. E diz Deus: “As capas de veludo têm franjas de seda, como as de veludo tiveram franjas de algodão” (ASSIS, 1997, p. 374). Com uma pitada de ironia, Machado de Assis tempera essa cena.

Nesse conto, Machado propõe uma crítica à igreja enquanto instituição. Vimos que o insucesso do Diabo na constituição de sua igreja foi devido à excessiva preocupação deste em criar uma instituição metódica com a imposição de regras comportamentais, leis e proibições.

Cabe salientar que o Diabo trata os seus mandamentos como fontes de verdades absolutas, pois, é fato que uma das suas principais ações foi tornar “naturais e legítimas” (ASSIS, 1997, p. 372) suas doutrinas, e é claro que seus seguidores deveriam segui-las sem ao menos contestá-las. Na verdade, isso retrata uma realidade semelhante à de instituições de caráter religioso, no qual o crente deve anular a sua própria vontade para obedecer aos preceitos estabelecidos.

O crítico Franco Crespi em seu livro, *A experiência religiosa na pós-modernidade*, ressalta o caráter de dependência e obediência que a instituição religiosa oferece aos seus membros e que vale também para o século XIX: “De fato, a instituição, enquanto tal, visando de forma predominantemente a eficácia do próprio funcionamento, não está interessada na formação de personalidades autônomas, mas sim dependentes e prontas para obedecer” (CRESPI, 1999, p. 21).

Relembremos ainda o fato de que as pessoas, de forma autônoma, às ocultas começaram a praticar aquilo que era proibido pela igreja, e a partir disso podemos perceber que o modelo de organização baseado em regras e proibições é extremamente sufocante e proporciona a negação da própria individualidade e espontaneidade do ser humano, tal como demonstrado na narração, e de fato, a única solução encontrada por aquelas pessoas foi a de realizar aquilo que desejavam, mesmo que para isso tivessem que ir contra as normas da igreja. A respeito desse aspecto esclarece Crespi:

Em lugar de favorecer em cada indivíduo o aprofundamento da própria experiência existencial em seu caráter único e irrepetível, a religião institucional propõe um modelo *hiperegóico* baseado na negação de si mesmo, na remoção dos próprios desejos, das próprias emoções e da própria espontaneidade. (CRESPI, 1999, p. 20-21)

No conto, Deus é um personagem dotado de sabedoria, pois, até mesmo o Diabo, que a princípio considerava-se superior, o consulta a fim de obter respostas para o fracasso de seu projeto, e diante da derrota de seu adversário, Deus age de uma maneira inteligente: “não o repreendeu, não triunfou” (ASSIS, 1997, p. 374), limitando-se em somente responder sabiamente o que o Diabo perguntara.

Já o Diabo desse conto, nos é apresentado como um ser de pouca astúcia e sem criatividade, lembremos que ele constrói uma igreja fadada ao fracasso, pois, ele se baseia em um modelo tradicional que já existia. É relevante comentar ainda que a visão que temos tradicionalmente desse personagem é a de que ele é um ser astucioso, e Machado, em sua narrativa desconstrói essa imagem. Outra atitude que denota a ausência de sagacidade de tal personagem, foi quando após descobrir o insucesso de sua empreitada, recorre a Deus de uma maneira impulsiva sem antes “refletir, comparar e concluir do espetáculo presente alguma coisa análoga ao passado” (ASSIS, 1997, p. 374).

Desse modo, enfatizamos que Machado faz uma distinção entre Deus e a Igreja. Na verdade, o Diabo e a Igreja são postos no mesmo patamar de descrédito e desvalorização. É interessante comentar que o autor utiliza a figura do Diabo de uma maneira irreverente para criticar, através dele, qualquer tipo de organização institucional religiosa.

O escritor português, José Saramago, em *O evangelho segundo Jesus Cristo*, também dialoga com a temática da crítica à instituição religiosa. Por acharmos produtivo esse assunto faremos uma aproximação dos dois textos, já que, coincidentemente, os personagens são os mesmos. Para isso, analisaremos, no romance de Saramago, apenas o episódio da barca no qual comparecem os personagens Deus, o Diabo e Jesus.

#### 3.4. O Diabo e Deus: entre a barca e o céu

Meu filho, não esqueças o que te vou dizer, tudo quanto interessa a Deus, interessa ao Diabo. (SARAMAGO, 1991, p. 369)

Recordemos em *O evangelho Segundo Jesus Cristo* as cenas iniciais do capítulo da barca; o dia em que Jesus encontra Deus e o Diabo dentro de sua barca no mar. Observemos

que nesse dia havia um nevoeiro intenso, e como ressaltado pelo narrador, tal fenômeno era “impróprio da época do ano” (SARAMAGO, 1991, p. 363).

Então, dentre todos os pescadores, somente Jesus decidiu ir para o mar, saindo de sua casa não com o propósito de pescar peixes, mas sim determinado em descobrir sua própria identidade: “Vou ao mar [...] Enfim, vou saber quem sou e para que sirvo” (SARAMAGO, 1991, p. 363). Vemos que é Deus quem prepara o caminho de Jesus para que o encontro entre ele, Jesus e o Diabo, aconteça em um lugar reservado e distante das pessoas.

E assim, esse jovem, já no mar, prossegue remando sua barca, e o caminho que antes estava coberto pelo nevoeiro surpreendentemente “abre-se para Jesus passar” (SARAMAGO, 1991, p. 364). Cabe salientar este momento: a barca para em um ponto localizado, no centro do mar, Deus inesperadamente surge: “Numa roda maior de luz, a barca para, é o centro do mar. Sentado no banco da popa, está Deus” (SARAMAGO, 1991, p. 364). Ressaltemos que a barca não parou em qualquer lugar, mas tão somente ao centro, local de destaque, onde está Deus, que aparece de uma forma inexplicável e mística: repleto de luz. E Deus é descrito pelo narrador como:

[...] um homem grande e velho, de barbas fluviais espalhadas sobre o peito, a cabeça descoberta, cabelo solto, a cara larga e forte, a boca espessa, que falará sem que os lábios pareçam mover-se. Está vestido como um judeu rico, de túnica comprida, cor de magenta, um manto com mangas, azul, debruado de tecido de ouro, mas nos pés tem umas sandálias grossas, rústicas, dessas que se diz que são para andar, o que mostra que não deve ser uma pessoa de hábitos sedentários. (SARAMAGO, 1991, p. 364)

Deus é apresentado como um homem, e de idade avançada, o que nos indica que ele tem muita vivência e experiência. Vemos que algumas qualidades como “forte e poderoso” são enfatizadas, levando a crer que ele também possui um grande poder. Além disso, Deus pertence a uma classe que não é a dos menos favorecidos, mas a dos ricos, dos judeus, e as suas vestimentas denotam a sua opulência.

Desse modo, Jesus estando próximo de Deus, pergunta a este quem era e qual era sua missão: “Vim saber quem sou e o que terei de fazer daqui em diante para cumprir, perante ti, a minha parte do contrato” (SARAMAGO, 1991, p. 365). E Deus confirma a Jesus de que ele era seu filho, tal como o Diabo já tinha revelado: “E o que foi que ouviste da boca do Diabo, Que sou teu filho. Deus fez compassado, um gesto afirmativo com a cabeça e disse, Sim és meu filho” (SARAMAGO, 1991, p. 365).

A conversa deles foi interrompida pelo Diabo. Todavia, a sua presença não era indesejada, pois Deus o esperava, tal como nos evidencia o narrador: “A Jesus pareceu-lhe ver

que Deus sorria e que de propósito prolongava a pausa para dar tempo a que o nadador se mostrasse no círculo limpo de névoa de que a barca era o centro” (SARAMAGO, 1991, p. 367). E o Diabo veio da margem: “o recém-chegado viera de tão longe, da margem, queremos dizer” (SARAMAGO, 1991, p. 367). Ora, se Deus pertence à classe rica, então, provavelmente o Diabo, localizado a margem, faça parte da classe dos excluídos, dos pobres.

E Deus, revela os seus planos para Jesus e para o Diabo, explicando-lhes primeiro que estava muito descontente com o pouco número de seguidores que tinha, embora esses fossem fiéis a ele. Vejamos este trecho:

Desde há quatro mil e quatro anos que venho sendo **deus dos judeus** [...] mas com quem, feito um balanço das nossas relações, não me tenho dado mal [...] Estás, portanto, satisfeito, disse Jesus, Estou e não estou, ou melhor, estaria se não fosse este inquieto coração meu que todos os dias me diz Sim Senhor, bonito destino arranjaste, depois de quatro mil anos de trabalho e preocupações [...] **continuas a ser o deus de um povo pequeníssimo** que vive numa parte diminuta do mundo que criaste com tudo o que tem em cima, diz-me, tu, meu filho, **se eu posso viver satisfeito tendo esta, por assim dizer, vexatória evidência** todos os dias diante dos olhos. (SARAMAGO, 1991, p. 370) (grifo nosso)

Deus pede que Jesus o ajude, sacrificando a vida, para que ele pudesse aumentar o seu reinado. Na verdade, notemos que Deus é quem tenta Jesus, e não o Diabo. Assim, lemos no romance:

Pois é, [...] mas ajudar, podes [...] **A alargar a minha influência, a ser deus de muito mais gente** [...] Se cumprires bem o teu papel, isto é, o papel que te reservei no meu plano, estou certíssimo de que em pouco tempo [...] **passarei de deus dos hebreus a deus dos que chamaremos católicos, à grega**, E qual foi o papel que me destinaste no teu plano, O de **mártir**, meu filho, o de **vítima**, que é o que de melhor há para fazer espalhar uma crença e afervorar uma fé [...] Disseste-me que me darias poder e glória [...] E darei, e darei. (SARAMAGO, 1991, p. 370)(grifo nosso)

Ressaltemos que, logo em seguida, Jesus conseguiu compreender a razão da presença do Diabo. Vejamos este trecho:

É, por exemplo, veres, para todo o sempre, como te venerarão em templos e altares, ao ponto, posso adiantar-te desde já, de as pessoas no futuro se esquecerem um pouco do Deus inicial que sou, mas isso não tem importância, o muito pode ser partilhado, o pouco não o deve. Jesus olhou **Pastor, viu-o sorrir, e compreendeu**, Percebo agora por que está aqui o Diabo, se a tua autoridade vier alargar-se a mais gente e a mais países, também o poder dele sobre os homens se alargará, pois os teus limites são os limites dele, nem um passo a mais, nem um passo a menos, Tens toda a razão, meu filho, alegro-me com a tua perspicácia. (SARAMAGO, 1991, p. 371) (grifo nosso)

Sublinhamos que durante a narrativa o Diabo é denominado de Pastor. Possivelmente, Deus mantenha relações secretas com o Diabo, visto que o Senhor, antes de falar sobre as suas intenções de aumentar o poder, fez questão de esperar a chegada do mesmo. Ora, se Deus prometeu poder e glória a Jesus, provavelmente fez o mesmo com o Diabo, que por sua vez, aceitou o trato. De fato, assinalamos que em Saramago, o próprio tentador, é quem foi tentado por Deus.

Nesse romance, é Deus quem se sente humilhado e insatisfeito, apesar de ter um bom número de adeptos. No conto “A Igreja do Diabo”, similarmente é o Diabo que possui esses sentimentos e também reclama do mesmo motivo que o personagem de Saramago. Assim diz o conto: “Embora os seus lucros fossem contínuos e grandes, sentia-se humilhado com o papel que exercia desde séculos” (ASSIS, 1997, p. 369).

Cabe mencionar que o Deus de Saramago é retratado como um ser ambicioso que deseja, sobretudo, aumentar o seu poderio, através da figura de um mártir, e não se importava em dividir os seus ganhos com Jesus e o Diabo, uma vez que “o muito pode ser partilhado” (SARAMAGO, 1991, p. 370). E se formos comparar com o conto, percebemos que o Diabo tem igual objetivo de ganhar mais adeptos, porém ele não visa dividir os seus lucros, almeja obter exclusivamente o monopólio. E diz o Diabo: “O meu credo será o núcleo universal dos espíritos [...] a minha igreja será única” (ASSIS, 1997, p. 369).

Observamos, no romance, que diante daquilo que foi exposto por Deus, Jesus não aceitou fazer o acordo: “Rompo o contrato, desligo-me de ti, quero viver como um homem qualquer” (SARAMAGO, 1991, p.371). No entanto, notemos que o autoritário Deus não permitiu que ele desistisse: “Palavras inúteis, meu filho, ainda não percebestes que estás em meu poder [...] tudo quanto a lei de Deus queira é obrigatório” (SARAMAGO, 1991, p. 371). E Jesus, sem escolhas, se rende ao pacto com Deus.

No conto, se o Diabo era o próprio responsável por divulgar a sua doutrina, em Saramago não, Deus não vai diretamente a terra, mas envia um representante para divulgar os seus mandamentos. Dessa forma, o Senhor diz a Jesus como deveria agir:

Todo homem [...] é um pecador [...] a esses homens não terás de dizer mais do que Arrependei-vos Arrependei-vos Arrependei-vos [...] E que deverei eu dizer mais a essa gente, além de injungi-los a um duvidoso arrependimento, se, fartos do teu recado, me virarem as costas, Sim, mandá-los arrependerem-se não creio que seja suficiente, vais ter de **recorrer à imaginação** [...] Devo-lhes contar histórias, então, Sim, histórias, parábolas, exemplos morais, mesmo que tenhas de **torcer um bocadinho a lei** [...] Permites que te subvertam as leis, é um mau sinal, **Permito-me quando me serve e chego a querê-lo quando me é útil**, recorda o que te expliquei sobre lei e exceções, **o que a minha vontade quer tornar-se obrigatório** no mesmo instante. (SARAMAGO, 1991, p. 376-377) (grifo nosso)

Voltemos ao Diabo machadiano que oferece a seus seguidores uma lei mais consistente, à medida que busca explicar a relevância desta para os seus seguidores, sem tentar alterá-las. Já, no romance, Deus não se importa com estes detalhes, revelando-se como enganador e manipulador quando diz que Jesus estaria livre para criar aquilo que o beneficiasse, mesmo que para isso necessitasse distorcer a lei, além de se mostrar um tirânico, ao querer impor a todo custo somente o seu desejo.

De acordo com o romance, Jesus queria conhecer o futuro da humanidade, depois que tivesse sacrificado a sua vida, e assim, pediu a Deus que revelasse o que aconteceria: “Então, diz-me, em nome de tudo o que dizes ser, como será o futuro depois de minha morte, que haverá nele que não haveria se eu não tivesse aceitado sacrificar-me à tua insatisfação a esse desejo de reinar sobre mais gente e mais países” (SARAMAGO, 1991, p. 377). E Deus, aceita dizer aquilo que Jesus tinha solicitado.

Relembremos que em Machado, o Diabo sozinho planejou e fundou sua igreja. Em Saramago, notemos que Deus também fez planos sobre a sua nova instituição, porém encarrega Jesus a obrigação de instituir o templo novo, denominado de católico. Assim, lemos no texto:

Disse Deus, Haverá uma Igreja, que como sabes, quer dizer assembleia, uma sociedade religiosa que tu fundarás, ou em teu nome será fundada, o que é mais ou menos o mesmo se nos ativermos ao que importa, e essa Igreja espalhar-se-á pelo mundo até a confins que ainda estão por conhecer, chamar-se-á católica porque será universal. (SARAMAGO, 1991, p. 379)

Como podemos notar no conto de Machado de Assis, no início a igreja do Diabo deu muito certo, pois inúmeras pessoas passaram a frequentá-la. Em Saramago, vemos que a Igreja católica de Deus também terá essa mesma popularidade. Vejamos este trecho:

Deus contemplava agora um desfile interminável de gente, milhares e milhares, milhares de milhares de homens e mulheres, em todo o orbe, entrando em conventos e mosteiros, algumas rústicas construções, muitos palácios soberbos, Ali vão ficar para nos servirem, a mim e a ti, de manhã à noite com vigílias e orações, e, tendo todos eles o mesmo propósito e o mesmo destino, adorarem-no e morrerem com os nossos nomes na boca. (SARAMAGO, 1991, p. 387)

Destacamos que a atitude de Deus, perante a quantidade numerosa de pessoas que o seguirão, era a de admiração, pois via que se tornaria muito poderoso, mesmo que para isso muitos tivessem o destino certo da morte. E o personagem Deus ainda retrata um cenário

desolador de destruição, guerras, perseguições e mortes que serão justificadas em seu nome, de seu filho e de sua igreja. Assim, lemos no romance:

E os das cruzadas, Morreram outros tantos, se não mais, E tudo isso, em nosso nome, Irão para a guerra gritando Deus o quer, E devem ter morrido dizendo Deus o quis [...] A Inquisição também chamada Tribunal do Santo Ofício, é o mal necessário, o instrumento crudelíssimo com que debelaremos a infecção que um dia, e por longo tempo, se instalará no corpo de tua Igreja por via das nefandas heresias [...] A Inquisição é uma polícia e é um tribunal, por isso haverá de prender, julgar e condenar como fazem os tribunais e as polícias. (SARAMAGO, 1991, p. 389-390)

Cabe salientar o quanto Deus em Saramago se demonstra cruel, enquanto que o Diabo machadiano oferece aos homens os prazeres mundanos, o Deus de Saramago, ao contrário, proporciona o sofrimento, a morte, a destruição. Ora se formos comparar esses personagens, vemos que Deus é muito mais diabólico do que o Diabo. Observemos ainda em Saramago este trecho:

O único Deus sou eu, eu sou o Senhor, e tu és o meu Filho, Morrerão milhares, Centenas de milhares, Morrerão centenas de milhares de homens e mulheres, a terra encher-se-á de gritos de dor, de uivos e rancos de agonia, o fumo dos queimados cobrirá o sol, a gordura deles rechinará sobre as brasas, o cheiro agoniará, e tudo isto será por minha culpa, Não por tua culpa, por tua causa, Pai, afasta de mim este cálice, Que tu o bebas é a condição do meu poder e da tua glória, Não quero esta glória, Mas eu quero esse poder [...] Então o Diabo disse, É preciso ser-se Deus para gostar tanto de sangue. (SARAMAGO, 1991, p. 391)

É evidente o quanto esse Deus demonstra-se ameaçador e sanguinário, assumindo o papel de inimigo da humanidade. Diante disso, vemos que ele é essencialmente um Deus do sacrifício cujo derramamento de sangue é indispensável para a conquista de sua glória.

O que mais surpreende na narrativa de Saramago é a atitude do Diabo, que se compadece diante do sofrimento da humanidade, propondo a Deus um tratado de paz. Vejamos este trecho:

Quero hoje fazer bom uso do coração que tenho, aceito e quero que o teu poder se alargue a todos os extremos da terra, sem que tenha de morrer tanta gente, e pois que de tudo aquilo que te desobedece e nega, dizes tu que é fruto do Mal que eu sou e ando a governar no mundo, a minha proposta é que te tornes a receber-me no teu céu, perdoado dos males passados [...] Porque se o fizeres [...] então acaba-se aqui hoje o Mal, teu filho não precisará morrer, o teu reino será, não apenas essa terra de hebreus, mas o mundo inteiro, conhecido e por conhecer, e mais do que o mundo, o universo, por toda parte o Bem governará. (SARAMAGO, 1991, p. 392)

E Deus de uma forma impiedosa recusa a redenção do Diabo: “Não te aceito, não te perdoo, quero-te como és, e, se possível, ainda pior do que és agora” (SARAMAGO, 1991, p. 392). Então o Diabo se coloca ao lado da humanidade, tentando salvá-la com a extinção da

rivalidade entre ele e Deus. Dessa forma, o autor nos delineia um caráter de Deus que é nada santo e um caráter do Diabo que não é nada diabólico.

No romance *Jesus* representa o elo entre o divino e o humano, que tem como desígnio levar as pessoas a acreditarem em uma crença mentirosa, não por sua vontade, mas pela do Senhor Deus. Na verdade, Jesus parece ser o bobo de Deus mais do que seu filho, tendo que realizar o trabalho sujo de enganar os homens. Logo, fica evidente a crítica de José Saramago ao passado negro da igreja católica-cristã. Recordemos que a igreja exerceu grande poder e influência o que corroborou para que ela cometesse, visando aumentar o seu domínio ou não perdê-lo, inúmeros atos de atrocidades, justificados em nome de uma fé. Saramago também cita alguns acontecimentos que marcaram a história, como as Cruzadas e a Inquisição, nos quais a igreja foi a grande responsável por derramamento de sangue.

Assim, pontuamos que Machado de Assis não questiona especificamente uma religião, mas qualquer tipo. Já Saramago faz uma crítica mais pontual, especificando, a instituição católica. Machado faz uma apreciação desfavorável à religião enquanto instituição. E Saramago desvela as ações cometidas pela instituição católica, discutindo as relações de poder da igreja com a sociedade.

#### 4.O EVANGELHO SEGUNDO O DIABO

Vós os que hoje colheis, por esses campos largos,  
O doce fruto e a flor,  
Acaso esqueceréis os ásperos e amargos  
Tempos de semeador? (ASSIS, 1962, p.  
330)

Este capítulo visa analisar o conto “O sermão do Diabo” que foi publicado no livro *Páginas recolhidas* em 1893. Antes de começarmos a análise do conto, destacaremos alguns pontos em torno do fazer literário do escritor Machado de Assis. É fato que esse autor, como já comentado, ao dialogar com a tradição religiosa, revisitou, muitas vezes a Bíblia, utilizando de suas temáticas a fim de construir o seu próprio texto.

Teresinha Zimbrão da Silva em seu artigo intitulado, Machado de Assis e a tradição religiosa, defende a ideia de que o escritor ao se apropriar do texto bíblico, modifica-o, atualizando esse texto “de um contexto para um outro muito distinto do original” (SILVA, p.267). Ela também nos reitera, a partir de Antônio Candido, que “a literatura de Machado de Assis resulta da interação” de “dois procedimentos: filiação de textos e fidelidade de contextos” (SILVA, p. 268). Dessa forma, ao longo desse trabalho, procuraremos demonstrar que estes procedimentos estão presentes nessa narrativa, uma vez que, Machado dialoga aqui explicitamente com Bíblia.

O conto “O sermão do Diabo” se inicia com o narrador nos informando ter encontrado um documento que “parece ser autêntico” (ASSIS, 1997, p. 647). E este seria “um pedaço do evangelho do Diabo” (ASSIS, 1997, p. 647). E avisa ainda, que esse evangelho se assemelharia ao episódio bíblico encontrado no evangelho de São Mateus, o sermão da montanha.

Machado de Assis nos aponta então que seu texto é constituído a partir de um outro texto. Na verdade, esse escritor irá retornar à tradição não para realizar uma cópia do texto original, mas sim para reescrever uma nova versão com o intuito de dialogar com as novas situações surgidas em seu tempo e em seu país. Retornemos então ao texto bíblico com o propósito de compará-lo com o texto de Machado.

É interessante comentar que Machado de Assis a fim de justificar “a semelhança entre os dois evangelhos” (ASSIS, 1997, p. 647), recorre a uma conhecida frase de Santo Agostinho que diz: “A igreja do Diabo imita a de Deus.” (ASSIS, 1997, p. 647). E após esta breve introdução, tem-se o início da narração do sermão propriamente dita. Começamos, então, com a cena inicial do evangelho de *Mateus* que relata que o personagem Jesus subiu a um monte

para ensinar a seus discípulos: “Jesus, vendo a multidão, subiu a um monte, e assentando-se, aproximaram-se dele os seus discípulos; e, abrindo a boca os ensinava” (*Mt* 4, 1-2).

De forma semelhante, em Machado, a narração se principia com o protagonista da história, o Diabo, que também subiu a um monte com o mesmo intuito de Jesus: pregar os seus ensinamentos a seus fiéis. Assim lemos: “E vendo o Diabo a grande multidão de povo, subiu a um monte, por nome Corcovado, e depois de se ter sentado, vieram a ele os seus discípulos. E ele, abrindo a boca, ensinou dizendo as palavras seguintes” (ASSIS, 1997, p. 647).

Enfatizamos que em ambos os textos, os protagonistas desempenham a mesma ação de verem a multidão e se sentarem para poder ensinar. Notemos que o evangelho bíblico não traz uma localização precisa do lugar onde Jesus se encontrava. Contudo, Machado nos descreve um lugar real, o Corcovado, atualizando, então, o conto ao contexto brasileiro da cidade do Rio de Janeiro.

#### 4.1. Quanto ao estilo do sermão

Vale sublinhar que Machado conserva em seu texto o mesmo estilo bíblico seja através da linguagem ou através da própria estrutura do texto bíblico. Assim, vemos que no conto, o Diabo começa a sua fala, pronunciando as suas bênçãos. Em primeiro lugar, o maligno bendiz os enganadores: “**Bem-aventurados** os que embaçam, **porque** eles não serão embaçados” (grifo nosso) (ASSIS, 1997, p. 647).

O Diabo nos descreve aqueles que seriam considerados abençoados por ele, e depois dá explicação do motivo dessa bênção. Comparemos este trecho com a Escritura: “**Bem-aventurados** os pobres de espírito, **porque** é deles o reino do céu” (grifo nosso) (*Mt* 4, 3). Machado adota a mesma estrutura do texto bíblico, buscando ao longo de sua argumentação, justificar o porquê dos exemplos escolhidos. Destacamos ainda que o Diabo preserva em seu sermão as características do mal, pois, como veremos, somente as más ações são as aceitáveis e benditas por ele.

No sermão da montanha, Jesus, homem do povo, apresentava uma simplicidade no falar. O seu sermão está constituído por uma linguagem simples, sem rebuscamentos e sem conceitos engenhosos. Ao compararmos esse texto com o de Machado, observamos que o autor mantém esse mesmo estilo de escritura, preocupando-se também em reproduzir em seu sermão um texto de caráter estritamente doutrinário, tal como visto na Bíblia.

Outro ponto em comum analisado é o de que o autor do conto preserva a mesma organização textual da Bíblia: o evangelho do Diabo também está dividido em versículos.

Cabe mencionar que o episódio do sermão da montanha inicia-se em *Mateus 5*, possuindo 48 versículos, prolonga-se para o capítulo 6, apresentando 34 versículos e finaliza no capítulo 7 com 29 versículos. No conto machadiano, o evangelho do Diabo apresenta somente 1 capítulo com 30 versículos. É fato, que o autor na construção de seu texto, baseia-se nos três capítulos do evangelho se apropriando somente de alguns versículos.

Notamos que no conto apenas 17 versículos aparentam semelhanças com os da Bíblia, são eles: 1º, 2º, 4º, 5º, 7º, 8º, 9º, 10º, 11º, 13º, 14º, 15º, 16º, 18º, 20º, 24º e o 30º. E os demais, no total de 13 versículos, são diferentes dos do bíblico.

#### 4.2. A semelhança entre os evangelhos

De sorte que Cristo defendeu-se do Diabo com a Escritura, e o Diabo tentou a Cristo com a Escritura. Todas as Escrituras são palavra de Deus; pois se Cristo toma a Escritura para se defender do Diabo, como toma o Diabo a Escritura para tentar a Cristo? A razão é porque Cristo tomava as palavras da Escritura em seu verdadeiro sentido, e o Diabo tomava as palavras da Escritura em sentido alheio e torcido; e as mesmas palavras, que tomadas em verdadeiro sentido são palavras de Deus, tomadas em sentido alheio, são armas do Diabo. As mesmas palavras que, tomadas no sentido em que Deus as disse, são defesa, tomadas no sentido em que Deus as não disse, são tentação. (VIEIRA, 1994, p. 80)

Aproximaremos agora as bem-aventuranças que são comuns aos dois textos. É claro que essa relação de semelhança se constitui a partir da diferença entre o projeto de Jesus e do Diabo, e isso é o que pretendemos demonstrar nessa comparação, além explicitar de que modo Machado atualiza o texto de um contexto bem antigo para o moderno.

Iniciemos por notar no evangelho de *Mateus* que Jesus bendiz as pessoas pacíficas, explicando que elas seriam herdeiras da terra: “Bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra” (*Mt 5, 5*). Ao consultarmos o evangelho do Diabo, vemos que para o maligno os verdadeiros sucessores da terra seriam tão somente os corajosos: “Bem-aventurados os afoitos, porque eles possuirão a terra” (ASSIS, 1997, p. 647).

Ao comparar os textos, percebemos que Machado mantém a mesma recompensa de Jesus, contudo modificam os sujeitos, assim, os mansos não têm espaço no reino do Diabo, apenas os corajosos são apreciados por ele. Machado atualiza o tipo de pessoas que estão mais apropriadas para viver na sociedade na qual ele nos descreve. Ora, nesta parte, parece que o

autor sugere que para seguir o reino do Diabo é preciso que a pessoa tenha coragem para caminhar ao lado dele. Observemos ainda que ao confrontar estes trechos não temos a oposição céu e terra. Pois, como mencionado, Jesus, nessa bem-aventurança, concedeu um prêmio não nos céus, mas na terra.

Vale assinalar o que a pesquisadora Aurora Gedra Alvarez em seu artigo, O século XIX sob o olhar machadiano, comenta que nessa bem-aventurança proclamada pelo Diabo a pessoa deve ter uma postura ativamente vigorosa, e não apática, diante do mundo do capital, o que corrobora com o nosso argumento. Segundo ela: “ser “afoito” e “possu[ir] a terra”, ambas as ações sugerem, nesse contexto, que só consegue os bens do mundo com ousadia, enquanto “ser manso” e “herdar a terra” significam que o homem deve se desprender da matéria, porque assim Deus o provê em suas necessidades” (ALVAREZ, 2009, p. 398).

Em outra bem-aventurança bíblica, Jesus prometeu para os puros de coração, o encontro com seu pai, assim lemos: “Bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus” (*Mt 5, 8*). Já Machado, de forma irônica, nomeia em seu texto não os limpos de coração como bem-aventurados, mas sim os limpos das algibeiras, e diz o Diabo: “Bem-aventurados os limpos das algibeiras, porque eles andarão mais leves” (ASSIS, 1997, p. 647). Notemos que nessa primeira bem-aventurança bíblica, as pessoas que se enquadram nesta descrição serão recompensadas espiritualmente, mas na bem-aventurança do Diabo, a recompensa é material: leveza do corpo.

Segundo nos narra o evangelho bíblico, aquele que sofresse perseguições e injúrias por causa do nome de Cristo seria abençoado, assim lemos: “Bem-aventurados sois vós, quando vos injuriarem, e perseguirem, e, mentindo, disserem todo o mal contra vós, por minha causa. Exultai e alegrai-vos, porque é grande o vosso galardão nos céus” (*Mt 5, 12-13*). De fato, Jesus deixa claro que a vida de quem optar por segui-lo não será fácil, antecipando, portanto, o que de ruim poderá acontecer, mas ele tenta aliviar a situação, oferecendo uma recompensa nos céus a esses bem-aventurados.

De forma análoga, o Diabo em seu sermão também bendiz os que forem perseguidos e injuriados por causa de seu nome, garantindo a eles um grandioso prêmio na terra. Vejamos o conto: “Bem-aventurados sois, quando vos injuriarem e disserem todo mal, por meu respeito. Folgai e exultai, porque o vosso galardão é copioso na terra” (ASSIS, 1997, p. 647-648). O Diabo também adverte que os seus seguidores passarão por sofrimentos. Então, vemos que a escolha tanto pelo reino de Jesus quanto pelo do Diabo não é totalmente prazerosa.

Relembremos que em *Fausto* de Goethe, Mefisto, o Diabo, também oferta a Fausto, caso lhe entregasse a alma, uma copiosa recompensa na terra, proporcionando-lhe o desfrute dos prazeres mundanos. Assim comenta o personagem Fausto a respeito da proposta de Mefistófeles: “Se podes me enganar com coisas deliciosas/ Doçuras a sentir, prazeres! alegria!/ Se podes me encantar com coisas saborosas, / Que seja para mim o meu último dia/ Quero firmar acordo” (GOETHE, 1968, p. 86). Observemos que o Diabo machadiano e o Mefisto possuem o mesmo intento de proporcionar aos seus, bons momentos na terra, aproveitando o tempo presente, e assim afastando a ideia de que a melhor escolha seria aspirar futuramente uma vida celeste, e que de fato tal proposta do Diabo é bastante sedutora para as pessoas.

E Jesus de uma forma metafórica nomeia os seus discípulos de sal da terra, isto é, o imprescindível tempero de seu reino, mas retifica que quando esse tempero perde o seu sabor, não serve para mais nada: “Vós sois o sal da terra; e, se o sal for insípido, com que há de salgar? Para nada mais presta, senão para se lançar fora e ser pisado pelos homens” (*Mt* 5, 13). Igualmente, o Diabo compara os seus não como o sal da terra, mas como a parte fundamental do mercado financeiro. Segundo o diabo: “Vós sois o sal do *money market*. E se o sal perder a força com que há de salgar?” (ASSIS, 1997, p. 648). Percebemos que Machado ao adotar a expressão em inglês “*money market*” atualiza em seu conto o vocabulário bíblico para o século XIX, onde a Inglaterra é uma potência econômica.

De acordo com a narração de *Mateus*, os seguidores das doutrinas de Jesus seriam a luz do mundo, que iluminariam a todos com as suas boas obras, assim lemos: “Vós sois a luz do mundo; não se pode esconder uma cidade edificada sobre um monte, nem se acende a candeia e se coloca debaixo do alqueire, mas, no velador [...] Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras” (*Mt* 5, 14-16). No conto, o Diabo também denomina os seus apóstolos de luz do mundo, e não das trevas, como seria presumível. Vejamos: “Vós sois a luz do mundo. Não se põe uma vela acesa debaixo de um chapéu, pois assim se perdem o chapéu e a vela” (ASSIS, 1997, p. 648).

Notemos que no conto, Machado atualiza o vocabulário através de um vestuário indispensável ao homem de negócios de sua sociedade: o chapéu. É claro que, nessa bem-aventurança, os discípulos do Diabo estariam responsáveis por iluminar os outros homens com as suas más ações, visto que são as que o Diabo apoia. Vemos ainda que em ambos os trechos, a perspectiva da valorização do humano é adotada, pois o homem é descrito como o centro da luz, ou seja, a parte imprescindível para a constituição tanto do reino de Jesus

quanto do Diabo.

No sermão da montanha, Cristo defende que sua missão não era revogar as leis antigas, mas de fazê-las valer, assim diz: “Não cuideis que vim destruir as leis ou os profetas: não vim ab-rogar, mas cumprir” (*Mt 5, 17*). No conto, o Diabo nos assinala que sua missão não era de legitimação da lei, mas a de consertar aquilo que foi desfeito: “Não julgueis que vim destruir as obras imperfeitas, mas refazer as desfeitas” (ASSIS, 1997, p. 648). Parece que nesta parte, o Diabo designa as obras do Senhor como imperfeitas, e as obras desfeitas, provavelmente seriam as dele, já que o Diabo é o adversário de Deus, e este por sua vez combate as obras do Diabo.

Em seu sermão, Jesus nos ensina o valor do amor, enfatizando a importância de amar não somente ao próximo, mas também ao seu inimigo. Vejamos: “Amai aos vossos inimigos, bendizeis os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem; para que sejais filhos do vosso Pai que está nos céus” (*Mt 5, 44*).

Entretanto, o Diabo aconselha: “Ouvistes que foi dito aos homens: Amai-vos uns aos outros. Pois eu digo-vos: Comei uns aos outros; melhor é comer que ser comido; o lombo alheio é muito mais nutritivo do que o próprio” (ASSIS, 1997, p. 648).

Ressaltamos que o Diabo machadiano volta às palavras da Escritura, modificando-as a fim de utilizá-las em seu favor. Além disso, o Diabo se mostra totalmente egoísta e individualista, ensinando os seus apóstolos a agirem da mesma forma que ele, pois para a conquista de seu reino, o seu discípulo não deveria pensar no outro, e sim nos próprios interesses. Desse modo, ele vai moldando os seus seguidores a fim de que possam melhor viver nessa sociedade marcada, como estamos vendo, pelas exigências do capital.

Observemos que no livro de *Mateus* Jesus retorna a tradição, e recorda a lei antiga para reafirmar a relevância dessa para a sua doutrina, e então, condena aquele que cometer o crime de assassinato. Vejamos: “Ouviste o que foi dito aos antigos: Não matarás; mas qualquer que matar será réu de juízo” (*Mt 5, 21*). Todavia, o Diabo também concorda com essa lei, afirmando aos seus de que não é preciso matar o próximo, no entanto, acrescenta que este ato é desnecessário, pois apenas bastaria que a pessoa tomasse todos os bens de seu irmão para conquistar o reino da terra. E, assim, fala o Diabo: “Também foi dito aos homens: Não matareis a vosso irmão, nem a vosso inimigo, para que não sejais castigados. Eu digo-vos que não é preciso matar a vosso irmão para ganhades o reino da terra; basta arranca-lhe a última camisa” (ASSIS, 1997, p. 648).

Segundo o evangelho de *Mateus*, Jesus comenta sobre a importância de se conciliar

com o seu inimigo de que modo que ele não possa prejudicá-lo quando tiver a oportunidade, assim diz Jesus: “Concilia-te depressa com teu adversário, enquanto estás no caminho com ele, para que não aconteça que o adversário te entregue ao juiz, e o juiz te entregue ao oficial, e te encerrem na prisão” (*Mt 5, 25*).

O Diabo também fala a respeito da necessidade de união com o próximo, só que de uma maneira diferente, utilizando da estratégia da enganação. E diz o Diabo: “Assim, se estiveres fazendo as tuas contas, e te lembrar que teu irmão anda meu desconfiado de ti, interrompe as contas, sai de casa, vai ao encontro de teu irmão na rua, restitui-lhe a confiança, e tira-lhe o que ele ainda levar consigo” (ASSIS, 1997, p. 648).

E se Jesus assinalou que qualquer um que tenha um adversário pode correr o risco de ser entregue as autoridades, o Diabo já previne os seus, de que é melhor fazer as suas obras as escondidas daqueles que, por acaso, podem vir contar a polícia. Vejamos: “Não façais as vossas obras diante das pessoas que possam ir contá-lo à polícia” (ASSIS, 1997, p. 648). Notemos aqui, que Machado usa o vocábulo “polícia”, pertencente ao contexto moderno.

Cristo em *Mateus* nos relembra que não se deve jurar: “Outrossim, ouvistes o que foi dito aos antigos: Não perjurarás, mas cumprirás os teus juramentos ao Senhor” (*Mt 5, 33*) e complementa a necessidade de sermos verdadeiros, pois tudo o que disto extrapola, faz parte do mal: “Seja, porém, o vosso falar: Sim, sim; não, não; porque o que passa disto é de procedência maligna” (*Mt 5, 33*). E o Diabo retoma essa lei, a fim de justificar a importância de sempre se jurar, não a verdade, mas sim a mentira:

“Igualmente foi dito aos homens: Não jurareis falso, mas cumpri ao Senhor os teus juramentos. Eu, porém vos digo que não jureis nunca a verdade, porque a verdade nua e crua, além de indecente, é dura de roer; mas jurai sempre e a propósito de tudo, porque os homens foram feitos para crer antes nos que juram falso, do que nos que não juram nada. Se disseres que o sol acabou todos acenderão uma vela.” (ASSIS, 1997, p. 648)

Em seu sermão, Jesus ressalta a importância das pessoas se preocuparem em acumular riquezas nos céus, e não na terra, onde se corre o risco de perdê-las, assim diz Cristo: “Não ajunteis tesouro na terra, onde a traça e a ferrugem tudo consomem, e onde os ladrões não minam nem roubam. Mas ajuntai tesouros no céu, onde nem a traça nem a ferrugem consomem, e onde os ladrões não minam nem roubam” (*Mt 5, 19-20*). E o Diabo também aconselha a não acumular tesouros na terra, mas de guardá-los em um lugar seguro, em um banco:

Não queiras guardar para vós tesouros na terra, onde a ferrugem e a traça os consomem, e donde os ladrões os tiram e levam. “Mas remetei os vossos tesouros para algum **banco de Londres**, onde a ferrugem, nem a traça os consomem, nem os ladrões os roubam, e onde irei vê-los no dia do juízo. (grifo nosso) (ASSIS, 1997, p. 648)

Ao comparar os textos observamos o confronto entre o mundo espiritual proposto por Jesus, no qual ele almeja a riqueza da alma e não da matéria, e o mundo material, valorizado pelo Diabo, ou seja, o inverso. Vemos ainda que, através da expressão “banco de Londres”, Machado atualiza novamente o vocabulário bíblico para o contexto moderno.

De acordo com o sermão da montanha, Jesus comenta aos seus seguidores a relevância de não se julgar o próximo: “Não julgueis, para que não sejais julgados” (*Mt 7, 1*), explicando-nos que da mesma forma em que nós julgarmos, seremos julgados: “Porque com o juízo com que julgardes sereis julgados, e com a medida com que tiverdes medido vos hão de medir vós” (*Mt 7, 1-2*). No conto, o Diabo também recomenda que não se deve julgar o outro, mas traz um esclarecimento diferente do que o de Jesus, segundo ele: “Não queiras julgar para que não sejais julgados, não examineis os papéis do próximo para que ele não examine os vossos, e não resulte irem os dois para a cadeia quando é melhor não ir nenhum” (ASSIS, 1997, p. 648). Parece que para o Diabo todas as pessoas são desonestas.

No evangelho de *Mateus*, Jesus institui regras a serem observadas e cumpridas por seus discípulos, a fim de conquistar o maior número de seguidores, proporcionando-lhes a salvação, através da prática das boas obras. Da mesma forma, o Diabo tem o mesmo projeto que Jesus, pois estabelece regras e também almeja ganhar muitos praticantes de sua doutrina. Para que isso aconteça os seus seguidores precisam cometer somente o mal. Observemos ainda que a terra é o palco do Diabo, onde ele está livre para agir de acordo com a sua vontade, pregando a sua doutrina.

O sermão do Diabo segue uma visão mundana, a terra é o local em que as pessoas estão autorizadas a cometerem o mal, e a desfrutarem dos prazeres concedidos por ele. É interessante salientar que o Diabo, no conto, não maldiz os seus seguidores, mas concede-lhes a benção, assumindo a mesma ação bondosa de Jesus. Nesse aspecto, o Diabo não parece ser tão cruel, aliás, apresenta-se atualizado por Machado, como um homem de negócios, que fala inglês.

Cabe salientar, que o Diabo, em seu sermão, descreve as qualidades daqueles que ele procura para usufruírem de seu poder: os enganadores, os corajosos, os perseguidos e injuriados por causa dele, os desonestos, os egoístas e os mentirosos. De fato, o Diabo dialoga com as Escrituras, manipulando-as em sentido “alheio e torcido” (VIEIRA, 1994, p. 80) com

o intuito de defender os seus próprios interesses.

Ora o Diabo, com as suas palavras, tenta os homens a buscarem exclusivamente o seu reino. E, sobretudo, notamos que Machado nos apresenta um Diabo teológico, entendedor das Escrituras, pedagógico, porque ensina, e um ser físico que está presente neste mundo, além de ter uma grande habilidade discursiva, e que através de seu evangelho assume uma postura de tentador.

Vale lembrar que nessas bem-aventuranças, atualizadas para o contexto brasileiro do oitocentos, o escritor, aos poucos, delineia de que modo a sociedade moderna está fundamentada. Machado aponta o fato de que se as pessoas quiserem acumular riquezas ou poder nessa sociedade não devem pensar no outro, mas sim em seus próprios negócios, mesmo que para conseguirem aquilo que desejam sejam obrigadas a venderem a sua alma ao homem de negócios, o Diabo.

#### 4.3. O Diabo e o mundo das riquezas

(E diz Fausto a Mefistófeles)

[...] Maldigo tudo então que o Homem martiriza.  
Com farsas e ilusões o cerceia e entibia  
Num mundo de infortúnios o prende e o escraviza  
Com forças obscuras e tanta fantasia.  
Maldita seja a falsa e errônea opinião  
Com que, vaidosa, a Alma se ornamenta!  
Maldito o que no sonho engana na penumbra.  
Malditas Glória e Fama, engodos do demônio!  
[...] Malditas as Riquezas, tesouros grandiosos  
Que provocam delícias espúrias e vazias,  
E nos prendem a prazeres fúteis, ociosos, (GOETHE,  
1968, p. 81-82)

Apresentaremos as próximas bem-aventuranças do conto que não são similares ao do evangelho bíblico. Tal parte se faz muito interessante, pois são nas diferentes doutrinas da Bíblia que o autor constrói sua crítica à sociedade do capital. De fato, o Diabo em todo o sermão aconselha os seus discípulos a cometerem somente aquilo que é considerado pecado, ou seja, as más ações. Logo, Machado atualiza o sermão ao contexto de sua época, já que o Diabo apresenta algumas doutrinas ligadas à ideia de capital moderno. Vejamos:

“Não tenhais medo às **assembleias de acionistas**, e afagai-as de preferência às simples **comissões**, porque as comissões amam a vanglória e as assembleias as boas palavras. **As porcentagens** são as primeiras **flores do capital**; cortai-as logo, para que as outras flores brotem mais viçosas e lindas. Não deis **contas** das contas passadas, porque passadas são as contas e perpétuas as contas que não se contam. Deixai falar **os acionistas prognósticos**; uma vez aliviados, assinam de boa vontade.

Podeis excepcionalmente amar a um homem que vos arranjou um **bom negócio**; mas não até o ponto de o não deixar com as cartas na mão, se jogardes juntos.” (grifo nosso) (ASSIS, 1997, p. 648)

Observemos que o Diabo em seu discurso utiliza uma linguagem financeira, de negócios, de modo que possa ser comparado a um negociante cuja fala destaca a importância de se acumular dinheiros em um banco, a respeito de assembleias de acionistas, de comissões, de porcentagens, de flores do capital, de contas, de acionistas prognósticos e da necessidade de se fazer um bom negócio.

É através dessas bem-aventuranças que o Diabo ensina aos seus seguidores a noção de lucro, ainda que para isso tenha que agir por meio de enganações, trapaçadas e falcatruas. Assim, ele instrui aos seus discípulos a necessidade de que em todos os negócios sejam ambiciosos e de que somente devam levar vantagens.

O mundo descrito pelo Diabo é de ordem estritamente materialista, regido pelo dinheiro, pelo capital e pelo lucro. Machado atualiza o texto bíblico para o contexto do século XIX, marcado pelas urgências de uma nova sociedade, regidas pelas leis de um mercado de ordem monetária e capitalista.

Recordemos que, em *Fausto* de Goethe, Mefistófeles tenta Fausto, prometendo-lhe tudo aquilo que lhe faltava e de que ele ambicionava: glória, fama, riquezas, tesouros grandiosos e prazeres. Notemos que Fausto, seduzido pela proposta de Mefisto, aceita vender a sua alma. Assim diz Fausto: “Podes agora, sim, manter-me na prisão! Mergulho com prazer em toda perdição!” (GOETHE, 1968, p. 86).

Vemos que o Diabo do conto, da mesma forma que Mefisto, tem o compromisso com a mundanidade. Dessa forma, o conto parece sugerir que o dinheiro pertence ao universo diabólico e que o homem capitalista, seduzido pelo poder e ambição, vendeu a sua alma para o Diabo bem como o personagem Fausto de Goethe.

Nessas bem-aventuranças o Diabo felicita aqueles que enganam: “Bem-aventurados os que embaçam, porque eles não serão embaçados” (ASSIS, 1997, p. 647). Segundo a sua teoria, seria muito melhor enganar o próximo do que sair prejudicado, assim lemos: “Vendei gato por lebre, e concessões ordinárias por excelentes, a fim de que a terra não se despoe das lebres, nem as más concessões pereçam nas vossas mãos” (ASSIS, 1997, p. 648).

Na obra machadiana o Diabo representa o individualismo moderno, pois prega que os seus discípulos devem ser espertos no mundo dos negócios, alertando-os sobre a relevância de não se confiar em ninguém. Vejamos: “Não vos fieis uns nos outros. Em verdade vos digo,

que cada um de vós é capaz de comer o seu vizinho, e boa cara não que dizer bom negócio” (ASSIS, 1997, p. 648).

Na sexta bem-aventurança o Diabo diz: “Bem-aventurados os que nascem finos, porque eles morrerão grossos” (ASSIS, 1997, p. 647). Nesse versículo ele parece indicar que aqueles que obedecerem as leis diabólicas, mesmo que pobres materialmente, alcançarão o desfrute dos bens materiais.

A estudiosa Vera Casa Nova assinala, em seu artigo, que no “manuscrito do Diabo brotam camadas ontológicas em planos distintos, sobretudo economia e política, que estão subjacentes nos pecados e na própria doutrina (NOVA, 1992, p.181)”. Na verdade, os assuntos pertinentes à área econômica e política estão embutidos nas malhas da letra machadiana, e como demonstrado, Machado dialoga com as questões importantes que dominam o cenário de sua época.

No conto, também vemos que o Diabo não concorda com a ideia de que algo pode ser destruído. Ele defende que nenhuma sociedade pode ser arruinada, e de acordo com a lei natural da vida, ela sempre se consertará. E diz o maligno: “Não acrediteis em sociedades arrebatadas. Em verdade vos digo que todas se consertam, e se não for com remendo da mesma cor, será com remendo de outra cor” (ASSIS, 1997, p. 648).

E o sermão termina com a seguinte recomendação do Diabo: “Todo aquele que ouve estas minhas palavras, e as observa, será comparado ao homem sábio, que edificou sobre a rocha e resistiu aos ventos; ao contrário do homem sem consideração, que edificou sobre a areia, e fica a ver navios” (ASSIS, 1997, p. 649). Percebemos que o Diabo valoriza a sabedoria. Machado finaliza o seu conto, utilizando a mesma ideia da Bíblia. Vejamos este trecho e comparemos:

Todo aquele, pois, que escuta estas minhas palavras e as pratica assemelhá-lo-ei ao homem prudente que edificou a sua casa sobre a rocha e desceu a chuva [...] e não caiu, porque estava edificada sobre a rocha. E aquele que ouve estas minhas palavras e não as cumpri, compará-lo-ei ao homem insensato, que edificou a sua casa sobre a areia e desceu a chuva [...] e caiu e foi grande a sua queda. (*Mt 7, 24-27*)

De fato, o texto de Machado de Assis, nos desvela a sociedade do século XIX, marcada pelas leis do capitalismo materialista. Aqui é preciso sublinhar a conclusão da estudiosa Aurora Gedra Alvarez a respeito da relação das doutrinas do Diabo e do homem capitalista. Sobre isso, ela assevera que: “Em verdade, o que se doutrina nos trinta mandamentos é a concepção ideológica de que o sucesso ocorre devido à falta de escrúpulos, à ganância, à má fé nos negócios, enfim, todas as qualidades que enformam o homem do

mundo capitalista” (ALVAREZ, 2009, p. 396-397). Assim, segundo essa concepção, somente o homem que se moldar a essas leis, poderá obter vitória no mundo selvagem dos negócios.

E o narrador da história termina o texto, afirmando que esse documento foi entregue a ele pelas próprias mãos do Diabo: “Aqui acaba o manuscrito que me foi trazido pelo próprio Diabo, ou alguém por ele; mas eu creio que era o próprio [...] Fiz-lhe uma cruz com os dedos e ele sumiu-se” (ASSIS, 1997, p. 649).

Vale ressaltar que a pesquisadora Vera Casa Nova avalia a postura desse narrador como diabólica, visto que ele “temendo o Diabo, rendendo-se à sua sedução ou esconjurando-o, se despediu com o sinal da cruz num gesto teatral” (NOVA, 1992, p.182). Concordamos com tal assertiva, uma vez que esse narrador diante do Tinhoso apresenta uma curiosidade aguçada, pois ele, mesmo que momentaneamente, deixa-se atrair pela figura do Diabo, estabelecendo um contato com ele, ao receber o manuscrito e somente depois disso é que o narrador teatraliza a derradeira cena com o sinal da cruz.

Machado nos apresenta um Diabo real e humano, detendo as seguintes características físicas: “Alto, magro, barbícula ao queixo, ar de Mefistófeles” (ASSIS, 1997, p. 649). O escritor faz referência ao Diabo de Goethe, e de fato, realiza um diálogo com o livro de *Fausto*. Mefisto se apresentou a Fausto pessoalmente, confessando-lhe que era o Diabo: “Sou a parcela do Além/ Força que cria o Mal e também faz o Bem!” (GOETHE, 1968, p. 70). Vemos que semelhantemente, no conto, o Diabo aparece ao narrador, não para propor-lhe um pacto, mas para lhe entregar o manuscrito.

Observemos que Machado também atualiza a figura do Diabo, pois o maligno nessa narrativa ganha contornos novos: entende de negócios, trazendo uma nova visão de como as pessoas podem se dar bem em um mundo ditado pelo capital. E assim, podemos depreender que se Jesus ensina os valores importantes para a sociedade de sua época. O Diabo machadiano, afirma os novos valores que são compatíveis com a realidade moderna. Assim, a partir da temática religiosa Machado habilmente dialoga com o seu tempo e seu país.

E por fim, o narrador ainda conclui, de maneira irônica: “Apesar de tudo, não respondo pelo papel, nem pelas doutrinas, nem pelos erros de cópia” (ASSIS, 1997, p. 649).

Assinalamos que a estudiosa Vera Casa Nova levanta a hipótese de que esse “narrador diabólico” (NOVA, 1992, p. 183) ao se eximir da reponsabilidade de responder pelo manuscrito, esteja “prenunciando [...] as subversões políticas e teológicas” (NOVA, 1992, p.183). Transformações estas que estão narradas explícita ou implicitamente nesse moderno evangelho do Diabo, no qual o homem capitalista, estando cada vez mais secularizado, voltou

sua fé, não mais para o mundo do transcendente, mas sim para um mundo mais científico, racionalizado e de negócios.

### 3. QUEM É O DIABO EM MACHADO DE ASSIS

O Arrenegado, o Cão, o Cramulhão, o Indivíduo, o Galhardo, o Pé-de-pato, o Sujo, o Homem, o Tisnado, o Coxo, o Temba, o Azarape, o Coisa- Ruim, o Mafarro, o Pé-preto, o Canho, o Dubá-dubá, o Rapaz, o Tristonho, o Não-sei-que-diga, O-que-nunca-se-ri, o Sem Gracejo (ROSA, 1986, p. 29-30).

Em *O grande Sertão Veredas*, o escritor Guimarães Rosa utiliza inúmeros termos de cunho popular e outros inventados para se referir ao Diabo. Vemos que tais nomes não estão presentes no cânone bíblico, haja vista que os comumente enunciado nas Escrituras são: Lúcifer, Anjo Caído, Estrela da Manhã e Satanás. No entanto, notemos que em Machado, nos contos aqui analisados, o nome mais empregado para se referir a esse personagem é o do Diabo.

O Diabo apresentado por Machado de Assis é um ser real, possui forma corpórea e sentimentos que se assemelham ao ser humano. No conto “Adão e Eva”, o episódio no qual Deus concedeu aos homens o paraíso, quando o Diabo ficou sabendo do caso, manifestou-se irado. Então, comenta o narrador: “Naturalmente, o Tinhoso ficou danado quando soube do caso” (ASSIS, 1997, p. 526). Lembremos que no conto “A Igreja do Diabo”, tal personagem é descrito tanto fisicamente quanto psicologicamente: “[...] o Diabo sacudiu a **cabeça** e estendeu os **braços**, com um gesto magnífico e varonil. Em seguida, lembrou-se de ir ter com Deus para comunicar-lhe a ideia, e desafiá-lo; levantou **os olhos, acesos de ódio, ásperos de vingança**” (grifo nosso) (ASSIS, 1997, p. 369-370). Também em “O Sermão do Diabo”, o Tinhoso é retratado fisicamente como sendo: “Alto, magro, barbícula ao queixo” (ASSIS, 1997, p. 649).

Destaquemos ainda no conto “A Igreja do Diabo” outros momentos em que o personagem manifesta o seu estado de espírito, sentimentos estes, que o aproximam ao homem; como no trecho em que constatou que a sua igreja era um sucesso, e não se contendo de felicidade, “alçou brados de triunfo” (ASSIS, 1997, p. 373). E depois, em outra ocasião, o Diabo ao perceber que os seguidores de sua doutrina já não estavam mantendo-se fiéis a sua igreja, resolveu consultar a Deus, tomado pela fúria: “Voou de novo ao céu, trêmulo de raiva, ansioso de conhecer a causa secreta de tão singular fenômeno” (ASSIS, 1997, p. 374).

Cabe salientar que os elementos que caracterizam o Diabo também podem ser visto na narração machadiana. No conto “A Igreja do Diabo”, o Tinhoso é descrito como um ser que

tem asas e mora nas profundezas do inferno. Assim lemos: “E rápido, batendo **as asas**, com tal estrondo que abalou todas **as províncias do abismo, arrancou da sombra** para o infinito azul” (grifo nosso) (ASSIS, 1997, p. 370).

A terra é o local onde o Diabo atua, divulgando a sua doutrina. Em “A Igreja do Diabo”, observamos que é o Tinhoso que vai pessoalmente à terra a fim de fundar a sua igreja: “Uma vez na terra, o Diabo não perdeu um minuto. Deu-se pressa em enfiar a coagula beneditina” (ASSIS, 1997, p. 371). No conto “O sermão do Diabo”, é o próprio Tinhoso que foi pregar o seu sermão na terra. Vejamos: “E vendo o Diabo a grande multidão de povo, subiu a um monte, por nome Corcovado” (ASSIS, 1997, p. 647). O Diabo nos é descrito sem máscaras ou disfarces, assumindo para todos a sua verdadeira identidade, quando esteve na terra. Recordemos que no conto “A Igreja do Diabo”, o Tinhoso se apresenta para as pessoas tal como realmente é. Desse modo, assinala o narrador que ele “confessava que era o Diabo” (ASSIS, 1997, p. 370). E no “O sermão do Diabo”, foi o próprio que entregou o seu sermão ao narrador. Leiamos: “Aqui acaba o manuscrito que me foi trazido pelo próprio Diabo” (ASSIS, 1997, p. 649).

Segundo a concepção religiosa, o Diabo é conhecido como o adversário de Deus, o lado do mal, o que provoca medo e terror nas pessoas. Percebemos que nos contos em questão, Machado preserva estas ideias. Em “Adão e Eva”, no momento em que o personagem juiz-de-fora se referiu ao Diabo, as pessoas que ali estavam ficaram horrorizadas, quando seu nome foi pronunciado. Vejamos:

Aqui está como as coisas se passaram. Em primeiro lugar, não foi Deus que criou o mundo, foi o Diabo.....  
\_Cruz! Exclamaram as senhoras.  
\_Não diga esse nome, pediu D. Leonor. (ASSIS, 1997, p. 525)

O Tinhoso, ao criar o mundo, foi responsável por formar primeiramente as coisas más, e Deus tratou de corrigir estas imperfeições. Assim vemos: “E a ação divina mostrou-se logo porque, tendo o Tinhoso criado às trevas, Deus criou a luz” (ASSIS, 1997, p. 525-526). Quando o Diabo pediu à serpente que tentasse o casal no paraíso, logo ele se denominou como sendo parte do mal. Vejamos: “[...] Vai serpe das minhas entranhas, flor do mal, e se te saíres bem, juro que terás a melhor parte na criação, que é a parte humana, porque terás muito calcanhar de Eva que morder, muito sangue de Adão em que deitar o vírus do mal...” (ASSIS, 1997, p. 527).

No conto “A Igreja do Diabo”, o Diabo já levava má fama pelas pessoas, pois essas o julgavam como “o Diabo das noites sulfúreas, dos contos soníferos, terror das crianças”

(ASSIS, 1997, p. 371). Também no conto “O sermão do Diabo”, o narrador temendo a presença do Diabo nos comenta que depois de fazer uma cruz, ele desapareceu, assim diz: “Fiz-lhe uma cruz com os dedos e ele sumiu-se” (ASSIS, 1997, p. 649).

Machado nos descreve um Diabo ilustrado, conhecedor de literatura, teologia e inglês. Relembramos que no conto “A Igreja do Diabo”, o Tinhoso ao falar de sua doutrina utiliza-se de exemplos literários: “A ira tinha a melhor defesa na existência de Homero; sem o furor de Aquiles não haveria a Iliada” (ASSIS, 1997, p. 372). Em “O sermão do Diabo”, o personagem demonstrou que conhecia as Escrituras, vejamos: “Ouvistes o que foi dito aos homens: Amai-vos uns aos outros” (ASSIS, 1997, p. 648). Tal como dito, o Tinhoso também demonstra que conhecia inglês, dizendo: “Vós sois o sal do *money market*” (ASSIS, 1997, p. 648).

O Diabo machadiano detêm várias habilidades. Em “Adão e Eva” vimos que o Tinhoso tem uma grande capacidade criativa, pois teve a ideia de criar o mundo, antes de Deus. Observamos também, que ele tem o poder de proporcionar o dom da fala para os animais, pois é ele quem concede à serpente a capacidade de falar. Assim lemos: “A serpente fez com a cauda um gesto vago, [...] o Tinhoso deu-lhe a fala” (ASSIS, 1997, p. 526).

No conto “O sermão do Diabo”, notemos ainda que o Diabo tem grande capacidade dialógica, desenvolvendo as suas ideias com grande destreza demonstrando-se um hábil orador, a partir do momento em que ele consegue transmitir suas ideias com clareza e objetividade, visando persuadir os seus ouvintes a seguirem as suas leis.

A ambição também faz parte de uma das características do Diabo de Machado de Assis. Em “A igreja do Diabo”, o Tinhoso queria, com a sua doutrina, conquistar o maior de números de seguidores, almejando que sua igreja fosse a única e universal, desejando todo o poder. E diz o Diabo a Deus: “Não venho pelo vosso servo Fausto, respondeu o Diabo rindo, mas por todos os Faustos dos séculos e dos séculos” (ASSIS, 1997, p. 370).

Machado de Assis nos descreve, portanto, um Diabo dotado de estratégias, que se utiliza de alguns meios para se comunicar aos homens a fim de opor-se a Deus. No conto “Adão e Eva” é a partir da serpente que ele fala aos homens, contrapondo-se a Deus. Na “A Igreja do Diabo” e no “O sermão do Diabo” é o Tinhoso que proclama diretamente aos homens a sua doutrina, e dessa forma ele enfrenta diretamente ao Senhor.

### 5.1. O Diabo é o mesmo?

Nos três contos em análise, “Adão e Eva”, “A igreja do Diabo” e o “Sermão do Diabo”, o personagem Diabo é semelhante. Cabe notar que o Diabo comparece nesses contos como o grande tentador. Enfatizamos que no conto “Adão e Eva”, o tema da tentação é bem explícito. Nessa narração, o Diabo é o responsável por enviar a serpente ao paraíso com o intuito de tentar Adão e Eva para que eles, seduzidos pela por sua proposta, desobedecessem a Deus. E diz ele:

“Há no jardim uma árvore, que é a da ciência do Bem e do Mal; eles não devem tocar nela, nem comer-lhe os frutos. Vai, entra, enrosca-te na árvore e quando um deles ali passar, chama-o de mansinho, tira uma fruta e oferece-lhe, dizendo que é a mais saborosa fruta do mundo; se te responder que não, tu insistirás, dizendo que é bastante comê-la para conhecer o próprio segredo da vida. Vai, vai....(ASSIS, 1997, p. 527)

No conto “A Igreja do Diabo”, primeiramente o Diabo provoca a Deus, indo até o céu para dizer ao Senhor, que iria fundar uma nova instituição. Vejamos: “Não tarda muito que o céu fique semelhante a uma casa vazia, por causa do preço, que é alto. Vou edificar uma hospedaria barata; em duas palavras vou fundar uma igreja” (ASSIS, 1997, p. 370).

E logo depois, o Tinhoso tenta os homens a participarem da sua igreja, oferecendo-lhes em troca, através de um discurso sedutor, tudo aquilo que eles quisessem. E diz: “Vede-me gentil a airoso. Sou o vosso verdadeiro pai. Vamos lá: tomai daquele nome para o meu desdouro, fazei dele um troféu e um lábaro, e eu vos darei tudo, tudo, tudo, tudo, tudo...” (ASSIS, 1997, p. 372). No “O sermão do Diabo”, o Diabo também tenta as pessoas, através de um discurso sedutor.

É dessa forma que Tinhoso quer encantar as pessoas, seduzindo-as com promessas muito tentadoras e proporcionando-lhes o desfrute dos prazeres mundanos e o poder. Como vimos, em “Adão e Eva”, a serpente representante do Diabo, promete a Eva, caso ela coma do fruto proibido, grande poder sobre a terra e o desfrute de prazeres, e sem medir esforços em oferecer tudo aquilo que ela desejasse. E diz a ajudante do Diabo a Eva:

**\_Néscia! Para que recusas o resplendor dos tempos? Escuta-me, faze o que te digo, e serás legião, fundarás cidades, e chamar-te-ás Cleópatra, Dido, Semíramis; darás heróis do teu ventre, e serás Cornélia; ouvirás a voz do céu, e serás Débora; cantarás e serás Safo. E um dia, se Deus quiser descer à terra, escolherás as tuas entranhas, e chamar-te-ás Maria de Nazaré. Que mais queres tu? Realeza, poesia, divindade, tudo trocas por uma estulta obediência. Nem será só isso toda a natureza te fará bela e mais bela. Cores das folhas verdes, cores do céu azul, vivas ou pálidas, cores da noite, hão de refletir nos teus olhos. A mesma noite, de porfia**

com o sol, virá brincar nos teus cabelos. Os filhos do teu seio tecerão para ti as melhores vestiduras, comporão os mais finos aromas, e as aves darão as suas plumas, e a terra as suas flores, **tudo, tudo, tudo...**(grifo nosso) (ASSIS, 1997, p. 527)

O Tinhoso também tem o mesmo propósito de proporcionar somente os deleites mundanos para as pessoas em “A igreja do Diabo”. Vejamos o que propunha: “Ele prometia aos seus discípulos fiéis as delícias da terra, todas as glórias, os deleites mais íntimos” (ASSIS, 1997, p. 371). No conto “O sermão do Diabo” o personagem também vem com o mesmo desígnio, prometendo para aqueles que seguissem os seus mandamentos muitas recompensas na terra: “Bem-aventurados os afoitos, porque eles possuirão a terra. [...] Bem-aventurados sois, quando vos injuriarem e disserem todo mal, por meu respeito. Folgai e exultai, porque o vosso galardão é copioso na terra” (ASSIS, 1997, p. 647-648).

Sublinhamos ainda que nesses três contos, o Diabo deseja exclusividade para si, pois é necessário que as pessoas abdicuem inteiramente de Deus para que possam ter acesso aos benefícios que o maligno oferece. Na verdade, é preciso que homens se desliguem do céu, e se aliem definitivamente ao Diabo.

Grande transgressor da lei estabelecida, o Diabo se coloca como o adversário de Deus. Vale lembrar que em “Adão e Eva” o Tinhoso procura fazer com que o casal rompa com a lei instituída por Deus. Em “A igreja do Diabo”, tal personagem quando fundou a sua instituição, negou as virtudes aceitas pela igreja cristã, transformando-as em pecados. No conto “O sermão do Diabo” o Tinhoso age da mesma forma, retorna a lei bíblica para rompê-la, instituindo a sua. Vejamos:

“Igualmente ouviste o que foi dito aos homens: Não jurareis falso, mas cumpra ao Senhor os teus juramentos. Eu, porém, vos digo que não jureis nunca a verdade, porque a verdade nua e crua, além de indecente é dura de roer; mas jurai sempre a propósito de tudo, porque os homens foram feitos para crer antes nos que juram falso, do que nos que não juram nada.” (ASSIS, 1997, p. 648)

Desse modo, constatamos que Diabo sempre incita os homens a praticarem o mal. Lembremos em “Adão e Eva” o maligno faz com que a serpente se dirija ao paraíso para que Adão e Eva possam pecar contra Deus. No conto “A igreja do Diabo”, é fato, que para o Tinhoso somente as más ações eram as permitidas em sua igreja. Seus discípulos deveriam praticar: a gula, a ira, inveja, a soberba, a luxúria, a preguiça, a avareza, e deveriam “dar ao próximo senão indiferença; em alguns casos ódio ou desprezo” (ASSIS, 1997, p. 373). Ele ensina aos seus em “O sermão do Diabo”, a necessidade agir segundo os seus próprios interesses, mesmo que para isso façam o mal para o próximo. E diz o Tinhoso: “Assim, se

estiveres fazendo as tuas contas, e te lembrar que teu irmão anda meio desconfiado de ti, interrompe as contas, sai de casa, vai ao encontro de teu irmão na rua, restitui-lhe a confiança, e tira-lhe o que ele ainda levar consigo” (ASSIS, 1997, p. 648).

Nesses contos Machado não enaltece a figura do Diabo, pois Deus é quem sempre sai vitorioso e o Diabo derrotado. Observemos que no conto “Adão e Eva”, o Tinhoso não conseguiu cumprir os seus planos de resgatar a sua obra: o casal de homens. E o seu destino foi o de viver na terra com tudo o que há de mal, sem uma parte de sua criação, tal como proclamado no conto, pelos anjos no céu, quando recebiam Adão e Eva:

\_Entrai, entrai. A terra que deixaste, fica entregue às obras do Tinhoso, aos animais ferozes e malefícios, às plantas daninhas e peçonhentas, ao ar impuro, à vida dos pântanos. Reinará nela a serpente que rasteja, babuja e morde, nenhuma criatura igual a vós porá abominação a nota da esperança e desigualdade. (ASSIS, 1997, p. 528)

No conto “A igreja do Diabo”, o Diabo não conseguiu para si o monopólio de sua igreja, pois muitos praticantes de sua doutrina passaram às escondidas praticar aquilo que era proibido, e mais uma vez o Diabo sai como perdedor. Deus de forma bem irônica responde ao que o Diabo havia perguntado, zombando do seu fracasso, neste trecho: “\_Que queres tu, meu pobre Diabo? As capas de algodão têm agora franjas de seda, como as de veludo tiveram franjas de algodão. Que queres tu? É a eterna contradição humana” (ASSIS, 1997, p. 374).

Vemos em “O sermão do Diabo” que o Tinhoso também não é retratado como um vencedor. Em seu próprio sermão ele prevê que não seria aceito por todas as pessoas, no momento em que revela que aqueles que o seguisse seriam perseguidos por causa dele: “Bem-aventurados sois, quando vos injuriarem e disserem todo mal por meu respeito” (ASSIS, 1997, p. 647).

Depreende-se então que Machado de Assis, nos contos estudados, criou um Deus bondoso e simpático ao leitor em contraposição ao um Diabo maligno. Durante as narrativas, notamos a tensão entre o poder do Diabo e de Deus, ou seja, o embate entre o mal e o bem, onde o bem se sobressai.

O Diabo emprega suas forças a fim de negar tudo aquilo que provém da existência divina. É fato que o Diabo, ao se opor as forças de Deus, termina afirmando ainda mais o poder desse, uma vez que nos contos, o Senhor sempre sai vitorioso.

## CONCLUSÃO

Com esse trabalho, esperamos ter explicitado de que forma o Diabo apresentar-se nos textos de Machado de Assis. Como observamos, no conto “Adão e Eva” o escritor se apropriou do texto bíblico a fim de redesenhar o papel do Diabo na criação da humanidade.

Esperamos também ter especificado o quanto o texto bíblico se revela obscuro, manifestando apenas os pontos cruciais que interessam para o desenvolvimento da narração. Ao compará-lo com o conto, verificamos o quanto Machado de Assis buscou no decorrer de sua narrativa preencher as partes lacunosas presentes no texto original.

Com a análise desse conto, demonstramos que os personagens do conto machadiano não estão definidos em torno de uma maior complexidade e são claramente previsíveis, ao contrário dos personagens bíblicos que se constituem em sua essência entes difíceis de serem delimitados.

Ao analisarmos “A Igreja do Diabo” percebemos que os seres humanos também podem ser classificados como complexos, pois, no conto, as pessoas oscilam entre as práticas do mal e as do bem, e sem nenhuma explicação plausível para que isso ocorra. E essa complexidade, que não é entendida pelo Diabo, mas que é conhecida por Deus como parte inerente da natureza do homem, “a eterna contradição” (ASSIS, 1997, p.374), foi muito bem explicitada por Machado de Assis.

Esperamos ter demonstrado que Machado, nesse conto, crítica qualquer tipo de igreja enquanto instituição, na medida em que esta através dos seus ritos e práticas religiosas, corrobora por tornar as pessoas dependentes e obedientes. Em contrapartida, com a comparação do episódio da barca de José Saramago, procuramos mostrar que Saramago também realiza uma crítica à instituição religiosa, só que esta a direciona para igreja católica, que cometeu no passado, em nome da fé, inúmeros atos de barbaridade.

Desejamos ter explicitado, através do conto, “O sermão do Diabo”, o quanto Machado dialoga com a Bíblia, nos apresentando um sermão que segue uma visão estritamente mundana, em que a terra é o local onde é permitido as pessoas cometerem o mal, deleitando-se com o prazer e o poder, concedidos pelo Diabo.

Também esperamos ter delineado que Machado escreve uma nova versão do sermão da montanha, procurando dialogar com as situações de seu tempo e de seu país, e, portanto, atualizando o texto bíblico para o contexto do século XIX.

Com a realização desse estudo, também esperamos ter retratado o Diabo dos contos de Machado, que é um ser real presente na terra, divulgando a sua doutrina e congregando legiões. Além de se materializar, diante dos homens, através de uma forma humana e com sentimentos.

Desejamos ter explicitado que Machado não desconstrói a visão cristã que temos do Diabo. Na verdade, esse personagem é o grande adversário de Deus, que o enfrenta a fim de se tornar mais poderoso do que Deus. De fato, o Diabo é o protagonista de uma luta contra Deus. E assim, percebemos que na narrativa machadiana evidencia-se o jogo de tensão entre o poder de Deus e do Diabo, o embate entre o bem e o mal.

Esperamos ainda ter mostrado que Machado preserva as características conhecidas do Diabo: sedutor, o espírito que nega, a fonte do mal, ambicioso e manipulador. Vimos que esse personagem é o grande tentador de Deus e dos homens, ocorrendo o inverso na trama de Saramago, uma vez que o Deus do romance é que comparece como tentador de todos os personagens envolvidos: o Diabo, Jesus e os homens.

Acreditamos que o estudo sobre a temática do Diabo na Literatura não se esgotou. Ainda há muito a ser pesquisado, portanto, esperamos que a nossa leitura possa contribuir para estes estudos, sobretudo no que diz respeito a Machado de Assis.

## REFERÊNCIAS

- ALIGHIERI, Dante. *A Divina Comédia*. Trad. Italo Eugenio Mauro, São Paulo: Editora 34, 1998.
- ALVAREZ, Aurora Gedra Ruiz. O século XIX sob o olhar machadiano. *Itinerários*, Araraquara, n.29, p. 393-404, 2009. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/itinerarios...>>. Acesso em: 15 abril 2013
- AMARAL, Andreia. Travessias nos jardins das delícias: Machado e Eça; *Revista da Faculdade de Letras\_ Línguas e Literaturas*, II série, vol. XXI, Porto, 2004, p.337-349. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt...>>. Acesso em: 18 março 2013
- ARAÚJO, D. Hugo Bressane de. *O aspecto religioso na obra de Machado de Assis*. São Paulo: Editora Paulinas, 1978.
- ASSIS, Machado de. *Obra Completa*. Vol. I. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar S.A, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Obra Completa*. Vol. II. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar S.A, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Obra completa*. São Paulo: Editora Brasileira LTDA, 1962.
- \_\_\_\_\_. *Obra completa*. Rio de Janeiro, Porto Alegre, São Paulo: W. M. Jackson Inc, Editores, 1962. (31v.)
- AUERBACH, Erich. *Mimesis*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2007.
- AZEVEDO, Álvares. *Os melhores poemas de Álvares de Azevedo*. São Paulo: Global, 1994.
- BALLARINI, Teodorico (org.). *Introdução à Bíblia*. Petrópolis: Editora Vozes, 1975.
- BAUDELAIRE, Charles-Pierre. *As Flores do mal*. São Paulo: Martin Claret, 2007.
- BÍBLIA SAGRADA*. Trad. João Ferreira de Almeida. Edição revista e corrigida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, [s.d].
- BLOOM, Harold. 1995. *O Cânone Ocidental; os livros e as escolas do tempo*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

BOSI, Alfredo et al. *Machado de Assis*. São Paulo: Ática, 1982 (Escritores brasileiros: Antologia e estudos).

\_\_\_\_\_. *Brás Cubas em três versões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. *Machado de Assis: o enigma do olhar*. São Paulo: Ática, 1999.

BRAYNER, Sônia. *Labirinto do espaço romanesco*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

BRUM, Fernando Machado. *Literatura e Religião: Estudos das referências religiosas na obra de Machado de Assis*. (Mestrado em Literatura Brasileira)\_ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2009. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br...>>. Acesso em: 28 novembro 2012

CANDIDO, Antonio. *A personagem da ficção*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.

**CALDWELL, Helen. *O Otelo brasileiro de Machado de Assis*.**

CARVALHO, Maria Teresa. *Literatura e Religião*. São Paulo: Terceira Margem, 2004.

CONCEIÇÃO, Douglas Rodrigues da. *Fufa da promessa e nostalgia do divino: a antropologia de Dom Casmurro de Machado de Assis como tema no diálogo teologia e literatura*. Rio de Janeiro: Horizontal, 2004.

COUSTÉ, Alberto. *Biografia do Diabo*. Trad. Luca Albuquerque. Rio de Janeiro. Record: Rosa dos Tempos, 1996.

CRESPI, Franco. *A experiência Religiosa na Pós-Modernidade*. Trad. Antonio Angonese. Bauru, São Paulo: EDUSC, 1999.

FACIOLI, Valentim. Amor e bruxaria. *Biblioteca Entrelivros*. n°10. São Paulo: Duetto Editorial, 2008, p. 36-41.

FERRAZ, Salma. Teopoética: Los Estudios Literarios sobre Dios. *Revista RDC: Revista de Divulgação Cultural*. Blumenau: FLURB, MAIO/AGO 2005, ANO 27, n°86, p. 15-53.

FERRAZ, Salma. O Bruxo do Cosme Velho decretou a morte do Diabo. In: *Literatura, crítica e cultura III: Interfaces. Revista de Estudos literários*. Juiz de Fora: Editora UFJF, p. 23-49, 2009.

- FAORO, Raimundo. *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio*. Rio de Janeiro: Globo, 1988.
- FORTEA, José Antonio. *Summa Daemonica: Tratado de Demonologia e Manual de Exorcistas*. Trad. Augusto Marques. São Paulo: Paulus, 2010.
- FRYE, Northrop, *O código dos códigos: a Bíblia e a Literatura*. Trad. Flávio Aguiar. São Paulo: Boitempo, 2004.
- FLUSSER, Vilém de. *A história do Diabo*. Editora Annablume, 2006.
- GLEDSON, John. *Machado de Assis: impostura e realismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Ficção e história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- GOMES, Eugênio. *Machado de Assis: Influências inglesas*. Rio de Janeiro: Pallas, 1976.
- GOETHE, J.W. *Fausto*. Trad. Sílvio Meira. Rio de Janeiro: Agir, 1968.
- HAUSER, Arnold. *História Social da literatura e da arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1982.
- JOBIM, José Luís (org.). *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: ABL; Topbooks, 2001.
- LINK, Luther. *O Diabo. A máscara sem rosto*. Trad. Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- MAGALHÃES, Antônio. *Deus no espelho das palavras*. São Paulo: Paulinas, 2000.
- MAGALHÃES, Antonio Carlos de Melo. O sagrado na poesia e na religião. In: Pólen do Divino: Textos de Teologia e Religião. Blumenau: Edifurb; Florianópolis: FAPESC, p. 35.
- MAQUIAVEL, Nicolau. *Belfagor, o Arquidiabo*. São Paulo: Editora Escala, 2008.
- MILES, Jack. *Deus – Uma biografia*. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- MILTON, John. *Paraíso Perdido*. São Paulo: Editora Brasileira L.T.D.A, 1960.
- MUCHEMBLED, Robert. *Uma história do Diabo*. Trad. Maria H.Küner. São Paulo: Bom Texto, 2004.
- NOVA, Vera Casa. Do sermão do Diabo: o avesso da narrativa. *O eixo e a roda*: v.16, p. 179-184, 2008. Disponível em: <<http://www.lettras.ufmg.br...>>. Acesso em: 20 março 2013

POE, Edgar Allan. *Ficção completa, poesia e ensaios*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1986.

QUEIROZ, Maria Eli de. *Machado de Assis e a religião: Considerações acerca da alma machadiana*. São Paulo: Ideia e Letras, 2008.

ROSA, Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

SAPEGNO, Natalino. *Disegno storico della letteratura italiana*. Firenze: La nuova Italia, 1990.

SARAMAGO, José. *O evangelho segundo Jesus Cristo*. São Paulo: Editora Record, 1991.

SILVA, Teresinha Vânia Zimbrão. Machado de Assis e a Tradição Religiosa. In: Oliveira, M.C.C de; Lage, Verônica L.c..(orgs). *Literatura, crítica, cultura I*, Juiz de Fora: Editora UFJF, 2008.

SILVA, Teresinha Vânia Zimbrão. *Machado de Assis em diálogo com a religião*. . In: Oliveira, M.C.C de; Lage, Verônica L.c..(orgs). *Literatura, crítica, cultura IV*, Juiz de Fora: Editora UFJF, 2010.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

\_\_\_\_\_. *Machado de Assis: Um mestre na periferia do capitalismo*. São Paulo: Duas Cidades, 1998.

VIEIRA, Antônio. *Sermões*. Lisboa: Editores Reunidas, s/d, 1994.

\_\_\_\_\_. *Sermões*. Porto: Editores L e LLO e Irmão, 1959.

VICENTE, Gil. *Auto da barca do inferno*. São Paulo: Editora FTD, 1997.